



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



JOSÉ APARECIDO MOREIRA

**FÁBULAS: A PRODUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO
DESTINADO AO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CORNÉLIO PROCÓPIO
2017

JOSÉ APARECIDO MOREIRA

**FÁBULAS: A PRODUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO
DESTINADO AO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer.

CORNÉLIO PROCÓPIO
2017

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

M835E Moreira, José Aparecido
Fábulas: a produção de um caderno pedagógico destinado ao 6º ano do ensino fundamental. / José Aparecido Moreira; orientadora Marilúcia dos Santos Domingos Striquer. - Jacarezinho, 2017.
157 p.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Letras, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

1. Gêneros Discursivos. 2. Modelo Didático de Gênero. 3. Sequência Didática. 4. Fábula. I. dos Santos Domingos Striquer, Marilúcia, orient. II. Título.

JOSÉ APARECIDO MOREIRA

**FÁBULAS: A PRODUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO
DESTINADO AO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Marilúcia dos
Santos Domingos Striquer
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Profa. Dra. Eliana Merlin Denagutti de Barros
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Profa. Dra. Annie Rose dos Santos
Universidade Estadual de Maringá

A meus avós, Agnelo Moreira e Clarice da Silva Moreira (*in memoriam*), que mesmo sem terem frequentado a escola, sempre me ensinaram o valor da educação e me incentivaram a continuar os estudos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer, pela dedicação, carinho e disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos e pelas palavras de motivação.

Às Professoras da Banca de Qualificação, Profa. Dra. Eliana Merlin Denagutti de Barros e Profa. Dra. Eliane Segati Rios Registro, pelas relevantes contribuições.

Às Professoras da Banca de Defesa, Profa. Dra. Eliana Merlin Denagutti de Barros e Profa. e Dra. Annie Rose dos Santos, pelas indispensáveis considerações para a finalização da pesquisa.

À secretária do programa, Daniela Caetano Cabral Mônica, pela prontidão e colaboração em nos auxiliar na superação das adversidades e contratempos.

À minha esposa, Sandra Valdivieso Misturini Moreira, companheira e amiga que presenciou em silêncio minhas angústias e anseios, sempre me incentivando e me apoiando sem medir esforços para me auxiliar em todos os momentos.

Aos meus filhos, Níckolas Misturini Moreira e Grégory Misturini Moreira, que compreenderam os momentos de minha ausência e sempre me receberam com um sorriso e um abraço, revigorando minhas forças.

A todos os Professores e Professoras, por compartilharem seus conhecimentos e contribuíram significativamente para o meu crescimento profissional.

A todos os Mestrandos e Mestrandas pelo apoio na superação das dificuldades, pela socialização de conhecimentos e pelos momentos de confraternização que passamos juntos.

MOREIRA, José Aparecido. **Fábulas:** a produção de um caderno pedagógico destinado ao 6º ano do ensino fundamental. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2017.

RESUMO

Esta dissertação apresenta a trajetória de construção de um caderno pedagógico que busca criar alternativas mais efetivas para o ensino de Língua Portuguesa por meio do gênero textual “fábula”. As grandes transformações políticas, sociais e culturais das últimas décadas modificaram consideravelmente os textos e o modo de aquisição do conhecimento. A sociedade está cada vez mais fundamentada na escrita e há a evidente necessidade de formação de bons leitores e produtores textuais. Diante desse cenário, nosso Trabalho de Conclusão Final do Mestrado Profissional em Letras procura repensar a prática pedagógica do ensino de língua materna, pois o ensino da leitura e da escrita deve ser realizado com atividades que potencializem a aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva, é necessário que o professor aborde novas práticas de ensino de Língua Portuguesa para instrumentalizar o aluno a utilizar a leitura e a escrita com competência. Nesse sentido, sob os preceitos de gênero do discurso de Bakhtin (1997), os aportes do trabalho com gêneros de Bronckart (2012), da prescrição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1998) e das Diretrizes Curriculares Estaduais (PARANÁ, 2008), o presente estudo vem propor alternativas por meio da construção de um modelo didático do gênero e da produção de uma sequência didática baseada nos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com o intuito de colaborar para o enriquecimento da práxis pedagógica com a produção de um caderno pedagógico destinado aos alunos do 6º ano do ensino fundamental II, tendo como eixo organizador o gênero textual “fábula”.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Discursivos, Modelo Didático de Gênero, Sequência Didática, Fábula.

MOREIRA, José Aparecido. **Fables:** the production of a pedagogical notebook destined to the 6th year of elementary school. 2017. 157 f. Dissertation (Professional Master in Literature) - State University of North of Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2017.

ABSTRACT

This dissertation presents the trajectory of construction of a pedagogical notebook, that seeks to create more effective alternatives for the teaching of Portuguese Language through the textual genre "fable". The great political, social and cultural transformations of the last decades have considerably modified the texts and the way of acquiring knowledge. The society is increasingly based on writing and there is an evident need for the formation of good readers and textual producers. After this scenario, our Final Conclusion Work of the Professional Master's Degree in Literature seeks to rethink the pedagogical practice of teaching mother language, because the teaching of reading and writing must be carried out with activities that enhance learning from the students. In this perspective, it is necessary that the teacher approaches new practices of teaching of Portuguese Language, to instrumentalize the student to use the reading and the writing with competence. In this sense, under the gender precepts of Bakhtin's (1997) discourse, the contributions of Bronckart's(2012) work with genres, and the prescription of National Curriculum Parameters (BRASIL,1998) and State Curricular Guidelines (PARANÁ, 2008), the present study proposes alternatives by means of the construction of a didactic model of the genre and of the production of a didactic sequence based on the studies of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) with the intention of collaborating to enrich the pedagogical praxis with the production of a pedagogical notebook destined to the students of the 6th year of elementary school II, having as its organizing axis the textual genre "fable".

KEYWORDS: Discursive Genres, Didactic Model of Genre, Didactic Sequence, Fable.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de análise de textos – Bronckart	36
Quadro 2 – Dispositivo para construção de um Modelo teórico/didático do gênero.	40
Quadro 3 – Sequência Narrativa – Fábula: <i>As duas Mulas</i> (LA FONTAINE, 2010, p. 10)	49
Quadro 4 – Sequência Dialogal - Fábula: <i>O lobo e o cordeiro</i> (LA FONTAINE, 2010, p. 24)	50
Quadro 5 – Modelo teórico da fábula: características contextuais	57
Quadro 6 – Modelo teórico da fábula: características discursivas	58
Quadro 7 – Modelo teórico da fábula: características linguístico-discursivas	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A constituição dos gêneros	19
Figura 2 – A transposição didática na perspectiva do ISD	26
Figura 3 – Estrutura básica da sequência didática	30
Figura 4 – Exemplo de gravuras na composição do plano visual da fábula	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCE	Diretriz Curricular Estadual
ISD	Interacionismo Sociodiscursivo
MDG	Modelo Didático de Gênero
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programme for International Student Assessment
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO	16
1.2 CONTRIBUIÇÕES DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO PARA O ESTUDO DOS GÊNEROS	22
1.3 O ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS	24
1.3.1 O Modelo Didático de Gênero	27
1.3.2 A Sequência Didática	29
2 METODOLOGIA DE PESQUISA	34
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3 UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO FÁBULA	44
3.1 CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS DA FÁBULA	45
3.2 CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS DA FÁBULA	47
3.3 CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICO- DISCURSIVAS DA FÁBULA	50
3.4 QUADRO SÍNTESE DO MODELO DIDÁTICO	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS A – Corpus de fábulas	67
APÊNDICE 1 – Caderno destinado ao professor	77
APÊNDICE 2 – Caderno destinado ao aluno	118

INTRODUÇÃO

As transformações políticas, sociais e culturais ocorridas nos últimos anos modificaram os textos e o modo de aquisição do conhecimento, influenciando as práticas de ensino-aprendizagem. O modo de pensar o ensino da leitura e da escrita modificou-se muito ao longo das últimas décadas e colocou o processo de leitura, de interpretação e de produção textual como constantes objetos de estudo e de preocupação de diversos estudiosos como Magda Soares (2003), Angela B. Kleiman (1995), Roxane Rojo (2015), Luis Antônio Marcuschi (2008), Joaquim Dolz (2004), Bernard Schneuwly (2004), entre outros, que trouxeram importantes contribuições para o ensino de línguas. O consenso entre os estudiosos é que o ensino de línguas deve ser realizado sempre por meio de atividades de leitura e de produção (oral e escrita), que instiguem a participação e o diálogo constante de todos os implicados no processo de ensino para tornar a aprendizagem mais efetiva; tornando-se necessário que o professor rompa com os velhos paradigmas do ensino de gramática pela gramática e que novas práticas sociais de linguagem sejam abordadas em sala de aula.

Proposta que nasce também do fato de que, segundo Soares (2003), as sociedades tornaram-se cada vez mais centradas na escrita e multiplicam-se as demandas por práticas de leitura e de escrita, não só na cultura do papel, mas também na nova cultura da tela com os meios eletrônicos. Por isso a autora (2003) defende que agora é insuficiente a escola preocupar-se em apenas alfabetizar os alunos, a proficiente comunicação escrita passa a ser protagonista no processo de formação e de inserção do ser humano no universo do qual ele está inserido. No entanto, o que se verifica com base nos indicadores e nas avaliações nacionais e internacionais, destacando-se o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Programme for International Student Assessment (PISA), é que grande parte dos brasileiros, mesmo aqueles escolarizados, não estão preparados para lidar com as diferentes práticas sociais da linguagem.

Sob essa perspectiva, compreendemos que é preciso instrumentalizar o aluno para que ele seja capaz de praticar a leitura, a escrita e a oralidade com competência nos mais variados eventos comunicativos dos quais participa e participará ao longo da vida. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – BRASIL, 1998) orientam que os gêneros discursivos devem ser tomados

como conteúdos específicos de ensino e de aprendizagem pelos professores de Língua Portuguesa. A justificativa é que o trabalho com os gêneros configura-se como um caminho para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos, pois envolve inúmeras práticas sócio-discursivas existentes na sociedade, uma vez que infinitos gêneros fazem parte do dia a dia dos indivíduos, os quais auxiliam os sujeitos na defesa de uma ideia ou de um ponto de vista, no momento de narrar um acontecimento ao fazer um boletim de ocorrência, ou descrever um objeto na produção de um anúncio de classificados por exemplo.

Nesse contexto, entendemos que é importante o desenvolvimento de trabalhos que, assim como este, enfoquem o ensino-aprendizagem a partir dos gêneros textuais¹. Tanto porque, de acordo com os preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), corrente teórica norteadora desse nosso Trabalho de Conclusão Final (TCF)² do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as incontáveis situações de interações comunicativas humanas.

Assim, a partir do entendimento da importância do gênero textual para o desenvolvimento de atividades em sala de aula, percebemos que o trabalho didático pode ser enriquecido com materiais formados por atividades diversificadas que tomem os gêneros textuais como eixo condutor do trabalho no ensino e aprendizagem da língua materna. Nesse sentido, nosso objetivo é produzir, como produto final decorrente de nosso TCF, um caderno pedagógico destinado ao 6º ano do ensino fundamental, tendo o gênero textual “fábula” como eixo organizador das atividades de ensino e aprendizagem da língua materna.

Para alcançarmos esse objetivo, aprofundamos nossos conhecimentos sobre a definição de gêneros do discurso traçada nos estudos de Bakhtin (1997), a qual nos remeteu aos estudos de Bronckart (2012), que defende que os gêneros são ferramentas fundamentais para o desenvolvimento das práticas comunicativas humanas. Nesse sentido, Bronckart (2012) propõe categorias de análise capazes de propiciar o conhecimento das características que formam um gênero. Portanto, por meio desse quadro de categorias analisamos o gênero “fábula”, eixo organizador de nosso caderno pedagógico, a fim de que pudéssemos apreender os elementos que

¹ No Capítulo I explicitaremos nossa opção pelo termo gêneros textuais em detrimento a gêneros discursivos.

² Terminologia determinada pelo documento intitulado Diretrizes para a pesquisa do Trabalho Final do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

constituem o referido gênero e assim elaborar um modelo didático do gênero “fábula” para, a partir dessa ferramenta, produzir uma sequência didática, a qual constitui o referido caderno pedagógico.

Reforçamos ainda que a justificativa por um trabalho norteado pela base teórico-metodológica dos gêneros textuais ocorre a partir das orientações do PCN (BRASIL,1998), como posto, o qual nos encaminha para o entendimento de que o objeto de ensino de língua portuguesa são os gêneros. Já as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE – PARANÁ, 2008) indicam que o conteúdo estruturante dessa disciplina é o discurso como prática social e os gêneros que materializam as práticas devem ser os conteúdos específicos de ensino e aprendizagem em sala de aula.

A escolha pelo 6º ano deu-se diante de nossa experiência profissional, adquirida ao longo de mais de 15 anos de docência em diversas escolas públicas e particulares dos estados do Paraná e de Santa Catarina, onde pudemos constatar que as dificuldades de leitura e de produção textual dos alunos se apresentam mais acentuadas nesse ano escolar. Assim, buscando suprir as dificuldades e impulsionar o aprendizado dos alunos, surgiu o desejo de elaborar um material para subsidiar o trabalho de Língua Portuguesa. Portanto, a intenção é produzir um caderno para ser utilizado como material de apoio na nossa prática docente nas salas de aula do 6º ano e que possa ser também suporte para outros professores, adaptando o material de acordo com a realidade/necessidade discente e docente. Nesse sentido, o caderno é formado por dois materiais: um caderno composto por atividades com respostas e textos instrucionais para o professor (APÊNDICE 1) e outro caderno com as atividades destinadas aos alunos (APÊNDICE 2).

No que se refere à escolha do gênero “fábula”, tal opção ocorreu primeiramente porque é um gênero que está constantemente presente no programa de ensino do 6º ano das escolas e por se tratar de um gênero que atrai a atenção dos alunos desse ano escolar pela ludicidade que o forma. Outro fator é a possibilidade de expandir a visão de mundo dos alunos, de fazer refletir e de propor debates a respeito dos valores éticos e morais que formaram a sociedade em tempos mais remotos, valores que se transformaram através dos tempos e que se reconfiguraram na evolução da sociedade, os quais podem e devem ser abordados nessa fase de transição que vivem os alunos do 6º ano, da saída da infância para a entrada na pré-adolescência em que dúvidas, curiosidades e questionamentos são realizados a respeito das “coisas” do mundo. Assim, segundo Barbosa (2001), a

“fábula” pode ser um gênero adequado para o trabalho com questões importantes para o entendimento de como se estabelece o convívio em sociedade e do respeito ao diferente.

É nesse sentido que, para a produção do caderno pedagógico, optamos em utilizar principalmente as “fábulas” clássicas, a fim de que, a partir delas, os alunos possam refletir, discutir e compreender os valores que formam a sociedade. A proposta do caderno pedagógico é que, com base na leitura e na discussão das questões que formam as “fábulas” clássicas, os alunos possam realizar releituras e adaptá-las para o debate sobre a sociedade e o comportamento das pessoas na atualidade.

Portanto, a fim de contribuir no desenvolvimento da prática de leitura, de produção de texto e da reflexão sobre a Língua Portuguesa, ressaltamos que nosso objetivo é produzir um caderno pedagógico destinado aos alunos do 6º ano do ensino fundamental II, tendo como eixo organizador o gênero textual “fábula”. Os procedimentos realizados para tanto, são:

- produzir um modelo didático do gênero;
- produzir uma sequência didática do gênero.

Assim, esse relatório apresenta a trajetória de construção do caderno pedagógico (APÊNDICE 1 e 2) da seguinte forma: na Seção I, expomos as definições de gênero do discurso com base nos preceitos de Bakhtin (1997) e de gênero textual segundo a concepção do ISD; as orientações estabelecidas pelo PCN (BRASIL, 1998) e pela DCE (PARANÁ, 2008) sobre o ensino da língua materna; e a proposta de ensino dos gêneros elaborada pela vertente didática do ISD, a qual envolve a construção pelo professor de modelos didáticos do gênero e de sequências didáticas. A Seção II apresenta a metodologia de pesquisa e os procedimentos para a elaboração do modelo didático do gênero “fábula”. Na Seção III, expomos o modelo didático produzido; e por fim nossas Considerações finais. Os cadernos pedagógicos encontram-se nos apêndices 1 e 2.

SEÇÃO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta a definição de gêneros do discurso segundo os aportes de Bakhtin (1997) presentes na obra *Estética da criação verbal*, visto que o referido conceito dá origem aos preceitos do ISD; discorre sobre as contribuições do ISD para o estudo e o ensino dos gêneros; aborda as prescrições sobre o ensino de gêneros presentes no PCN (BRASIL, 1998) e na DCE (PARANÁ, 2008); e versa sobre o modelo didático e a sequência didática do gênero.

1.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Segundo Marcuschi (2008, p.147) “o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos”. Contudo, não cabe neste momento nos retermos a documentos e pesquisas sobre a historicidade de tais estudos, uma vez que nosso propósito nesse trabalho é abordar o conceito de gêneros do discurso, visto que o referido conceito dá origem aos preceitos do ISD, a base teórico-metodológica de nosso relatório. Assim, para compreendermos o conceito de gênero discursivo, buscamos o embasamento teórico/científico nos aportes de Bakhtin (1997), mais especificamente no capítulo “Os gêneros do discurso”, parte integrante da obra *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1997).

Bakhtin (1997) inicia o referido capítulo afirmando que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (p. 280). As esferas da atividade humana ou esferas sociais de comunicação são os diversos campos de atuação social em que o homem age por meio da linguagem, são, em outros termos, todos os campos da atividade humana caracterizados pelas formas de organização e distribuição dos diferentes papéis e lugares sociais que ocupam os sujeitos dentro das instituições e situações em que se produzem os discursos. A título de exemplo podemos citar a esfera escolar, a publicitária, a jurídica, a política, a cotidiana, a literária, entre outras muitas existentes na sociedade.

É a participação nessas esferas que proporciona aos agentes implicados na comunicação a realização de diferentes práticas sociais que se materializam por

meio dos gêneros do discurso. Por exemplo, na esfera cotidiana pode ocorrer a contação de piadas, de causos, a produção escrita de bilhetes, de receitas; na esfera científica é comum a elaboração de artigos, de relatórios, de debates, de palestras; na esfera literária circulam as fábulas, os romances, os poemas, etc.

Portanto, as interações sociais que ocorrem nas mais diversas esferas se formam a partir da e na linguagem, a qual se manifesta por meio de algum gênero discursivo. Para Bakhtin (1997), os gêneros materializam a língua, é por meio deles que se estabelecem as relações sociais e por isso estão diretamente vinculados à vida das pessoas. De acordo com o autor (1997, p.283), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. Os enunciados organizados por meio de gêneros do discurso portam-se, então, como um elo entre a língua e a vida, por isso se constituem de uma heterogeneidade imensa, a fim de dar conta das infinitas situações discursivas propostas ao longo de nossa existência, indo de um simples diálogo informal até a mais bem elaborada tese de doutorado por exemplo. Explica ainda o autor (1997) que é por isso que os gêneros estão no dia a dia dos sujeitos falantes, os quais possuem um infindável repertório, muitas vezes, usados inconscientemente.

Depreendemos, então, que toda esfera acaba por moldar determinados gêneros que passam a ser empregados de forma mais regular dentro de uma esfera de atuação do falante para que ele dê conta das necessidades comunicativas impostas na especificidade da situação. É nesse sentido que, de acordo com Bakhtin (1997), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p.280), pois servem, nas palavras de Marcuschi (2008) – estudioso de Bakhtin, “para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia” (p.19). Podemos tomar os gêneros, então, como facilitadores da comunicação, visto que trazem consigo aspectos organizadores, auxiliando a fluência do ato comunicativo, uma vez que seria muito difícil criarmos um novo gênero a todo instante, segundo Bakhtin (1997):

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (p. 283).

Cientes da concepção de que os gêneros são balizadores dos discursos, é preciso compreender a presença do advérbio “relativamente” na definição de gênero de Bakhtin (1997), o qual indica uma maleabilidade, uma flexibilidade na adequação dos gêneros às diferentes situações e propósitos comunicativos. A partir dessa definição, Marcuschi (2008) defende que os gêneros “não são instrumentos estanques e enrijecedores” (p.19), eles podem sofrer alterações. Conforme Bakhtin (1997):

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso e não só pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.). A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta em todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc., o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso (p.286-287).

Dentro das perspectivas citadas, ocupamo-nos em refletir sobre as alterações sofridas pelos gêneros em decorrência das transformações que a sociedade sofre ao longo do tempo. Por exemplo, de acordo com os registros de Coelho (2000), a “fábula” foi apresentada ao ocidente por Esopo no século VI a.C., tendo origem milenar, nasceu na oralidade a partir do propósito comunicativo de criticar os costumes de uma sociedade, logo passou a servir de registro histórico dos valores e do modo de agir da sociedade. Mais tarde no século XVI, conforme Góes (1991), ao sofrer tradução primeiramente por La Fontaine, esse gênero começa a mudar em virtude da transcrição necessária da modalidade oral para a modalidade escrita da língua. Em se tratando do século XX, Satim (2008) destaca o novo tratamento dado por Monteiro Lobato às “fábulas”, que se reconfiguraram e passaram a se caracterizar como “fábulas” modernas ou contemporâneas, as quais, entre muitos aspectos, buscam contrariar os desfechos das chamadas “fábulas” clássicas de Esopo e de La Fontaine em virtude dos novos interesses sociais.

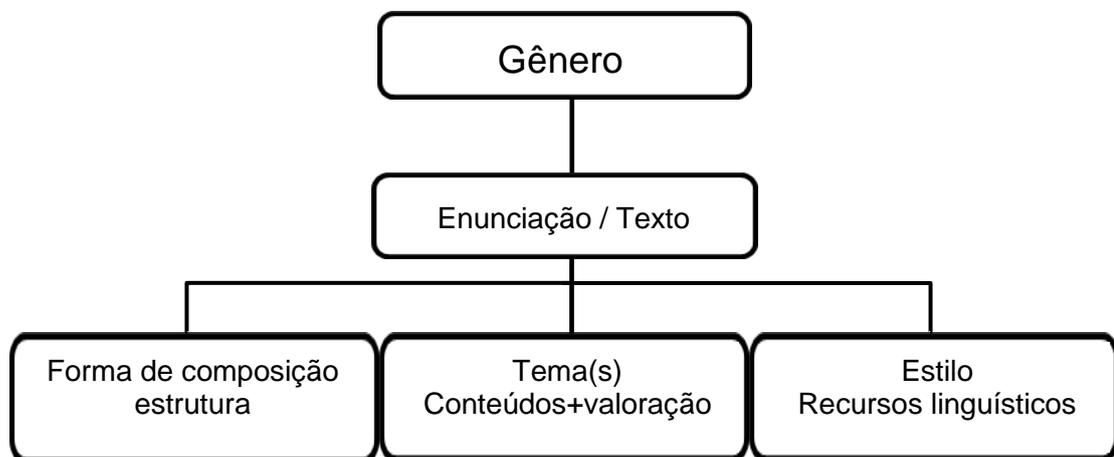
Nascidas da oralidade, podemos compreender que a “fábula” se classificava como “um gênero de discurso primário” (BAKHTIN, 1997, p.282), tornando-se ao longo do tempo “gênero secundário do discurso” (p.282). Para o Bakhtin (1997),

[...] a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. — aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica (p.282).

Ressaltamos que a definição bakhtiniana traz que todo gênero, seja ele primário ou secundário, é formado por três elementos que estão interligados: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Esses três elementos são constituintes indissociáveis do gênero, contudo, conforme Rojo e Barbosa (2015), as separações conceituais se fazem necessárias para “efeitos de análise dos textos nos gêneros” (p. 86), que é o que propomos aqui. Para compreender cada um dos três elementos de uma forma mais didática e conceitual, abordamo-nos de forma específica. Antes, porém, reproduzimos um diagrama elaborado por Rojo e Barbosa (2015) com o objetivo de ilustrar a constituição dos gêneros:

Figura 1 - A constituição dos gêneros



Fonte: Rojo e Barbosa (2015, p. 86)

Conforme a figura, os gêneros se materializam em enunciados/textos e são constituídos por uma forma de composição estrutural, por tema(s) ou conteúdos mais a valoração que se dá ao tema(s) e o estilo que são os recursos linguísticos.

O Conteúdo temático, definido de forma bastante didática pelo PCN (BRASIL, 1998), pode ser compreendido como “o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero” (p.21). Assim, o conteúdo temático envolve os assuntos, as ideias e os

valores compartilhados pelos integrantes de uma determinada esfera da atividade humana sobre o tema em questão. Nessa perspectiva, ressaltam Rojo e Barbosa (2015), o tema é muito mais do que o conteúdo, o assunto ou o tópico central de um texto, “o tema é o conteúdo inferido com base na ‘apreciação de valor’, na avaliação, no ‘acento valorativo’ que o locutor (falante ou autor) lhe dá” (p.87). Dessa forma, para analisarmos o tema de um texto, devemos ir além da identificação do assunto principal, é de suma relevância considerar os sentidos e juízos de valores dos interlocutores envolvidos na interação, os quais são os responsáveis pela composição do tema.

Tal princípio parte da conceituação de Bakhtin/Volochinov (2006, p.128), de que toda palavra é ideológica e seus sentidos vão se construindo e reconstruindo pelo significado ideológico atribuído a ela a cada enunciação, pois cada enunciado é único e irrepetível. Assim, na medida em que empregamos uma palavra em uma determinada situação comunicativa, seus sentidos vão sofrendo modificações pelo acúmulo ideológico recebido. Portanto, para Bakhtin/Volochinov (2006), não é possível compreender o tema de um enunciado em sua totalidade somente pela palavra (forma, sonoridade e sintaxe), é preciso considerar os elementos não verbais que envolvem a situação dentro de um momento histórico que torna o tema do enunciado concreto.

Rojo e Barbosa (2015) defendem, com base no pensamento de Bakhtin (1997), que o tema “é o elemento mais importante do texto ou do enunciado” (p. 87), pois é o tema que organiza a construção composicional e o estilo de um gênero.

No gênero “fábula”, por exemplo, de uma forma generalizante o conteúdo temático trata de criticar determinados comportamentos sociais a partir da valoração dos interlocutores localizados em uma determinada época.

Quanto à construção composicional, o PCN (BRASIL,1998) afirma ser a “estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero” (p.21). A construção composicional é responsável pela organização e estruturação do gênero, funcionando como um gabarito que deve considerar os modelos e também as possibilidades de comunicação da esfera. A forma composicional permite o reconhecimento do gênero e também, segundo Bakhtin (1997, p. 280), a assimilação das condições e da finalidade de cada campo da atividade.

Para Rojo e Barbosa (2015), a forma composicional é a organização e o acabamento do todo enunciativo; seria o que a teoria textual chama de

macro/superestrutura, a qual se relaciona à progressão temática, à coerência e à coesão do texto. Em suma, é o formato em que um determinado gênero se organiza e pelo qual podemos prontamente detectá-lo.

Segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 94), “em gêneros mais complexos e padronizados, como as fábulas e os contos da tradição oral - posteriormente transcritos, o acabamento pode ser dado por fórmulas”. Assim, a fórmula estrutural da “fábula” é: predominância da sequência narrativa, ou seja, organiza-se predominantemente por uma estrutura que é da ordem do narrar; com um plano global estruturado por: título, texto propriamente dito e a moral da história, que geralmente é um provérbio e dá o acabamento ao gênero. A moral encerra o texto e é nesse ponto que o outro é impelido a responder ao texto, segundo as autoras (2015).

Sobre o estilo, o PCN (BRASIL, 1998), a partir dos estudos bakhtinianos, define-o como sendo “configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc” (p.21). O estilo se estabelece pelo emprego habitual de recursos lexicais e de sequências enunciativas próprias do gênero.

Na “fábula”, notamos que o estilo do gênero é marcado por recursos como o emprego de períodos curtos, utilização de verbos na terceira pessoa, linguagem simples, discurso direto e narrador observador, entre outros.

Importante destacar que Bakhtin (1997) apresenta uma definição de estilo e estilo individual. Para o autor (1997), as esferas da comunicação podem refletir particularidades de quem fala ou escreve, pois seus enunciados orais ou escritos, primários ou secundários são escolhas individuais, é o que chamamos estilo individual. Todo campo comunicativo se manifesta por alguns enunciados menos elaborados ou por outros mais complexos, que formulamos individualmente para dar conta das interações comunicativas e que, portanto, refletem nossa individualidade, nosso estilo particular. Contudo Bakhtin (1997) faz a seguinte ressalva:

Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes [...] As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem

uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. (p.284).

Apresentadas as definições mais relevantes sobre gêneros do discurso a partir dos preceitos de Bakhtin (1997), é preciso destacar que, em síntese, os gêneros são formas concretas de interagir e atuar nas mais variadas situações comunicativas, assim quanto mais gêneros dominarmos mais instrumentalizados estaremos para o nosso agir social. De acordo com Bakhtin (1997),

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos (p.304).

É exatamente sobre esses preceitos que o ISD é construído, o que abordamos na subseção a seguir.

1.2 CONTRIBUIÇÕES DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO PARA O ESTUDO DOS GÊNEROS

Uma equipe formada por estudiosos de diferentes áreas e disciplinas (Ciências da Educação, Psicologia, Filosofia, Linguística, Filologia) da Universidade de Genebra (UNIGE) e coordenada por Jean-Paul Bronckart (2012) desenvolveu o Interacionismo Sociodiscursivo, doravante ISD. O ISD está fundamentado em diversos campos do conhecimento e, por isso, não se relaciona somente aos estudos linguísticos, sociológicos, filosóficos ou psicológicos, mas a um movimento que pode ser caracterizado como a corrente da ciência do humano.

O ISD entende as condutas humanas como “ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização” (BRONCKART, 2012, p.13). Portanto, a linguagem, concretizada por meio de algum gênero discursivo, destaca-se como o elemento central de seus estudos, pois é através da linguagem que nos relacionamos em sociedade. Algumas contribuições importantes a respeito do estudo dos gêneros são propostas por Bronckart (2012) no livro “*Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*”.

Bronckart (2012), ao compartilhar das concepções bakhtinianas sobre gêneros do discurso, defende que "a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas" (p. 103), afirmando ainda que os gêneros são formas de legitimação discursiva, já que se situam em uma relação sócio-histórica, dentro de determinados contextos, que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual. No entanto, Bronckart (2012) diverge de Bakhtin (1997) no que se refere ao emprego da terminologia gêneros do discurso, porque considera haver certa imprecisão na expressão causada pelas traduções e pontos de vista teóricos.

Nesse sentido, expõe Bronckart (2012), que "na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão gênero de texto em vez de *gênero do discurso*" (p.75). Sobretudo na concepção de que o texto, enquanto "unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente" (p. 75), é que deve ser considerado o verdadeiro objeto de análise. Considerando o texto como "toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário" (p. 137). Os textos são os produtos verbalizados da atividade humana (orais ou escritos) que estão vinculados às nossas necessidades, aos nossos anseios e aos mecanismos de funcionamento de nossos contextos.

Assim, o pensamento é que as pessoas produzem diferentes textos com características relativamente estáveis para dar conta de objetivos, de interesses e de questões sociais específicas no momento de produção do texto. E esses textos podem ser tomados como modelos convencionais no momento de participação do indivíduo nos eventos comunicativos.

Marcada a especificidade do que Bronckart (2012) denomina de gênero textual, a expressão utilizada por nós, a partir deste momento, nesse trabalho, será gênero textual, deixando explícita nossa filiação ao ISD.

Vale destacar que, tomando por base as definições de Bakhtin (1997), Bronckart (2012) desenvolve categorias de análise de textos para que as características que formam um gênero possam ser apreendidas, procedimento do qual trataremos na seção metodológica desse relatório. E, em uma linha mais didática do ISD, outros importantes pesquisadores, como Dolz e Schneuwly (2004) e Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) ocuparam-se ainda em elaborar procedimentos

para o ensino dos gêneros textuais em sala de aula, a saber: o modelo didático do gênero e a sequência didática, os quais abordamos na próxima subseção que trata do ensino dos gêneros.

1.3 O ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Para introduzirmos uma abordagem ao ensino dos gêneros textuais, é preciso primeiramente fazer referência ao PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), uma vez que é esse o documento orientador das ações pedagógicas dos professores em âmbito nacional.

O PCN (BRASIL,1998) foi construído com o objetivo de orientar os professores da educação básica para um projeto educativo mais reflexivo, que se preocupasse com a formação crítica do cidadão. E, no que se refere ao PCN de Língua Portuguesa (BRASIL,1998), a prescrição é que o real objeto de ensino deve ser “a noção de gênero, constitutiva do texto” (p.23), evidenciando que o objeto do ensino da língua materna não devem ser as unidades básicas e desfragmentadas, as frases soltas e descontextualizadas, pois esses elementos “pouco têm a ver com a competência discursiva” (p.23) de um usuário da língua.

Em consequência, o PCN (BRASIL, 1998) afirma que o ensino de língua deve contemplar atividades que considerem a diversidade de textos, uma vez que os “textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas”, (p.23). Segundo o PCN (BRASIL, 1998),

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social (p.24).

Para tanto, torna-se primordial que o professor organize situações de aprendizado planejadas com atividades organizadas, que recriem em sala as situações enunciativas de outros e de muitos campos da atividade humana. Porém, segundo o documento, como é impossível que a escola possa tomar todos os gêneros existentes como objeto de ensino, a recomendação é que ocorra uma

seleção dos gêneros considerados pelo PCN (BRASIL, 1998) como fundamentais ao desenvolvimento do aluno. Segundo o PCN (BRASIL, 1998),

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (p.24).

Como forma de exemplificação, alguns dos gêneros citados pelo PCN (BRASIL, 1998, p. 24) e formados por essas características são os da linguagem oral: o cordel, o caso e similares, o texto dramático, a canção, o comentário radiofônico, a entrevista, o debate, o depoimento, a exposição, o seminário, o debate e a palestra; e os da linguagem escrita: o conto, a novela, o romance, a crônica, o poema, o texto dramático, a notícia, o editorial, o artigo, a reportagem, a carta do leitor, a entrevista, a charge, a tira, o verbete enciclopédico (nota/artigo), o relatório de experiências, o didático (textos e enunciados de questões), o artigo e a propaganda.

Importante destacar nesse momento que, conforme posto, o PCN (BRASIL, 1998) prescreve que os gêneros devem ser os objetos de ensino na disciplina de Língua Portuguesa, de forma que alguns gêneros são sugeridos para serem priorizados em sala de aula, contudo o como proceder, isto é, de que forma o professor deve ensinar os gêneros em sala de aula, nada é tratado no documento. Não muito diferente se configura a DCE (PARANÁ, 2008).

Segundo a DCE (PARANÁ, 2008):

É tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação. Se a escola desconsiderar esse papel, o sujeito ficará à margem dos novos letramentos, não conseguindo se constituir no âmbito de uma sociedade letrada (p.48).

A compreensão é que, para promover a participação dos alunos nas práticas sociais existentes na sociedade, é necessário que a escola tome como objeto de ensino o discurso, o qual se materializa ou se concretiza nos diferentes gêneros discursivos, “assim, o trabalho com a disciplina vai considerar os gêneros discursivos que circulam socialmente, com especial atenção àqueles de maior exigência na sua

elaboração formal” (PARANÁ, 2008, p.63). Como exemplo são citados os seguintes gêneros, identificados em suas esferas predominantes: na esfera jornalística: notícia, reportagem, editorial, etc.; na esfera televisiva: novela, telejornal, entrevistas, etc.; na esfera cotidiana: lista de supermercado, receitas, recados; etc.

Salientamos que, segundo a DCE (PARANÁ, 2008, p.53), “o trânsito pelas diferentes esferas de comunicação” é importante meio de inserção social, pois possibilita ao educando formular um discurso próprio para interferir na sociedade. O trabalho com os gêneros deve conceber a língua como instrumento de poder que “é legítimo e é direito de todos” (p. 53).

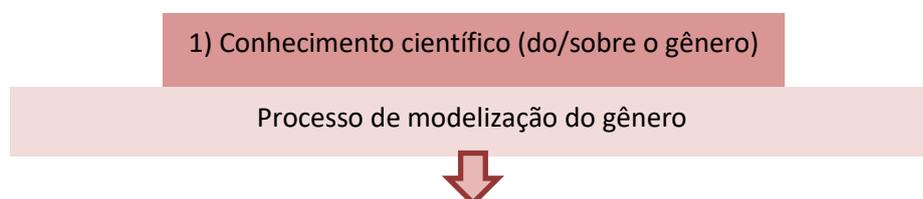
Portanto, o como transformar os referidos gêneros em conteúdo de ensino em sala de aula não é tratado nas diretrizes estaduais. Assim, frente a esses dois documentos e a essa constatação, voltamo-nos aos estudos do ISD que se ocupa em sugerir procedimentos didáticos para o ensino dos gêneros.

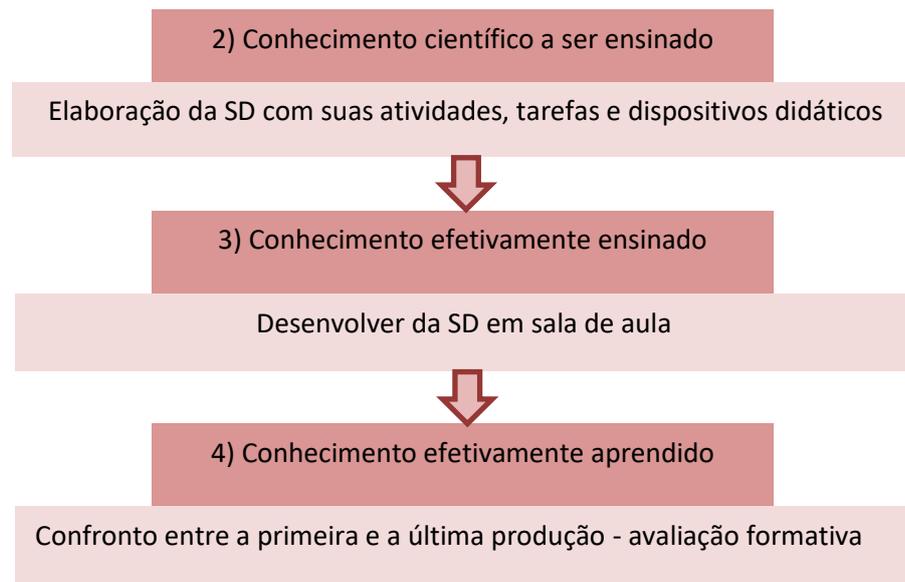
De acordo com os resultados de estudos de Dolz e Schneuwly (2004), muitas são as dificuldades e falhas decorrentes do trabalho com os gêneros textuais e da compartimentalização dos conhecimentos no ensino de línguas, o que instigou os pesquisadores a buscarem soluções, a fim de dirimirem eventuais conflitos entre a teoria científica e a prática educacional.

Segundo Yves Chevallard (1991 apud BRITO e MENEZES, 2006), o saber não chega à sala de aula tal qual foi produzido no contexto científico. Enquanto o objetivo da comunidade científica é produzir o conhecimento, a escola preocupa-se em como ensiná-lo, como transmiti-lo à sociedade. O conhecimento deve passar por um processo de transformação para ser ensinado ou transposição didática.

Pautados nessa concepção, os estudiosos do ISD elaboraram um conjunto de categorias de análise chamado de “engenharia didática”, apresentado por Barros (2012, p.13) de forma sintética e com a afirmativa de que esse procedimento é resultado de pesquisas que abrangem todos os níveis da transposição didática, o qual pode ser ilustrado pelo seguinte esquema:

Figura 2: A transposição didática na perspectiva do ISD





Fonte: Barros (2012, p.14)

Para Barros (2012), os passos da engenharia didática configuram-se em duas etapas distintas. Os dois primeiros processos referem-se à transposição didática externa, que é a passagem dos saberes científicos aos saberes a ensinar, enquanto que os dois passos seguintes pertencem à transposição interna, que é a passagem dos conhecimentos a ensinar aos objetos de ensino, incluindo uma descrição do tratamento didático e das formas de didatização.

Lembramos que a nossa proposta de produção de um caderno pedagógico, tendo como eixo organizador o gênero textual “fábula” sustenta-se nesses parâmetros e está centrado nos dois primeiros níveis, os da transposição externa: elaboração de um modelo didático e uma sequência didática do gênero, os quais apresentamos a seguir.

1.3.1 O Modelo Didático de Gênero

Os modelos didáticos de gênero, doravante MDG, segundo Machado (2006), são instrumentos facilitadores da aprendizagem e da apreensão de um gênero, pois sua construção permite a identificação das principais características de um gênero e as dimensões adequadas a um determinado nível de ensino. Assim, os MDG “são objetos descritivos e operacionais que, quando construídos, facilitam a apreensão da complexidade da aprendizagem de um determinado gênero” (DE PIETRO

1996/1997, p. 108 apud MACHADO E CRISTOVÃO, 2006, p. 556), e tem como objetivos: facilitar o trabalho do professor na elaboração do conjunto de atividades e tarefas sobre um determinado gênero; auxiliar no desenvolvimento dos procedimentos pedagógicos e na escolha dos recursos didáticos a serem utilizados; além de subsidiar a construção dos instrumentos de avaliação da aprendizagem.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), para se trabalhar com gêneros na escola, é preciso que tenhamos em mãos uma modelização explicativa de um conjunto de resultados de aprendizagem necessários aos alunos. Resultados advindos de documentos oficiais; de conhecimentos linguísticos (funcionamentos dos gêneros para especialistas e usuários) e psicológicos (operações e procedimentos para apropriação dos gêneros). Assim, compreendemos que, para ensinar determinado gênero, é preciso primeiramente que produzamos um MDG a partir do que é estabelecido pela análise de documentos norteadores do ensino de línguas, de estudos sobre o gênero e contribuições de estudiosos da área e, por último, do nível de linguagem e dos processos psicológicos que levem os alunos a apreensão de um gênero.

A construção de um MDG permite a visualização das dimensões que constituem o gênero, a seleção das dimensões que podem ser ensinadas e, conseqüentemente, a classificação das dimensões quanto à sua relevância e pertinência para um determinado nível de ensino.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004),

[...] Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características: 1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores; 2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas seqüências didáticas podem ser concebidas. (p. 82)

O MDG revela as marcas predominantes do gênero, indicando quais são os elementos importantes a serem trabalhados. Na verdade, o MDG é um estudo que amplia os conhecimentos contextuais, estruturais e linguísticos do gênero escolhido para ser trabalhado em sala de aula. Dessa forma, o professor poderá sentir-se mais seguro para intervir nos momentos de ensino/aprendizagem.

Os procedimentos para a construção de um MDG da “fábula” serão apresentados na Seção Um Modelo Didático do Gênero Fábula.

1.3.2 A Sequência Didática

A sequência didática (SD) consiste, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), em “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, com o objetivo de possibilitar aos alunos o acesso às novas práticas de linguagem ou de difícil domínio.

O desenvolvimento de uma SD possibilita levar o aluno a aprender e dominar novas práticas de linguagem por meio da realização de atividades sistematizadas, que tomem o texto como o elemento central da aprendizagem e não como pano de fundo para o ensino de conteúdos fragmentados e descontextualizados. Segundo Szundy e Cristóvão (2008, p. 125), a “diferença fundamental entre uma SD e outros materiais didáticos está no fato de que na SD o gênero não aparece apenas como pretexto para o ensino de outros conteúdos”.

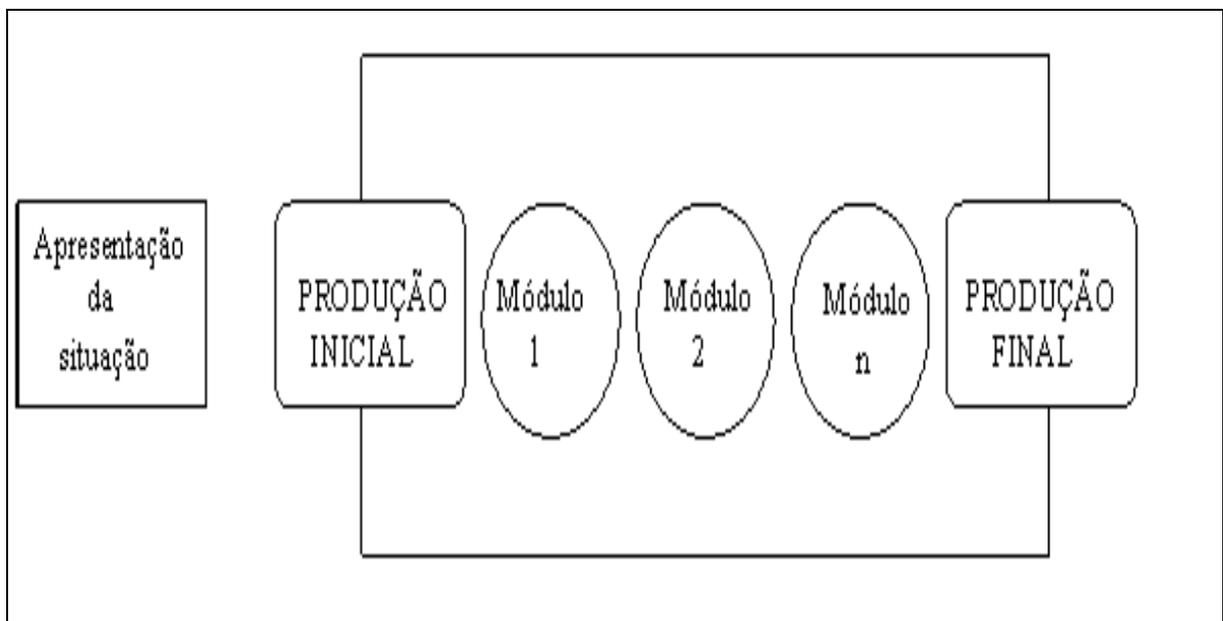
As atividades da SD têm o objetivo de propiciar aos alunos o contato com diferentes práticas de linguagens para auxiliá-los no domínio dos diferentes gêneros textuais que permeiam nossa sociedade, preparando os alunos para saberem usá-los nas inúmeras situações sociais que confrontarão durante a vida. Assim as SD “buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004 p.51). Dolz e Schneuwly (2004) apontam que, para alcançarmos o objetivo proposto, deve haver a junção dos seguintes fatores: as especificidades das práticas de linguagem, as capacidades dos aprendizes e as estratégias de ensino da sequência didática.

A proposta de trabalho do ensino da língua com SD de gêneros textuais possibilita ao professor, em primeiro lugar, ensinar a partir do que ele e seus alunos conhecem sobre o gênero e, em segundo lugar, verificar quais são as práticas da língua que os alunos dominam e o que eles podem aprender. Outro importante aspecto quanto ao trabalho com a SD é que ela fornece ao professor elementos para a avaliação, que pode ser realizada conjuntamente com seus alunos de modo que eles percebam os avanços decorrentes do processo e os pontos que ainda necessitam ser trabalhados no percurso de estudo do gênero. É preciso, segundo Gomes-Santos (2007), dizer ainda que:

[...] a proposta de sequência didática [...] não é a única forma de planejar o ensino. Essa proposta, entretanto, nos instiga a inventar outros modos de organizar o ensino de um dado gênero. O que parece significativo é a ideia de que não há ensino casual: programá-lo parece ser o passo inicial para que possamos desenvolver uma postura de reflexão constante sobre ele na sala de aula, na comunidade escolar, nos espaços de formação, na sociedade como um todo (p. 59),

Os procedimentos para a construção da SD são os seguintes: a apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final, retratado na figura abaixo:

Figura 3: Estrutura básica da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004, p.98).

A SD deve iniciar-se a partir da apresentação da situação com a finalidade de expor o projeto coletivo a ser desenvolvido aos alunos, ao passo que também prepara os alunos para a primeira produção. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) enfatizam que é um momento complicado e importantíssimo da SD, pois é nessa etapa que “a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada” (p. 99) e sugerem que, para a execução dessa etapa, devemos considerar duas dimensões:

a) A dimensão coletiva do projeto de produção textual que deve ser muito bem explicada aos alunos para que eles compreendam a situação de comunicação e conseqüentemente entendam “o problema de comunicação que devem resolver,

produzindo um texto oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 99). Para tanto Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) propõem que devemos dar indicações por meio de perguntas como: Qual gênero será abordado? A que público se dirige a produção? Que forma assumirá a produção? Quem participará da produção?

b) A dimensão dos conteúdos, nela há a preocupação com a pertinência do conteúdo para o aluno, portanto é necessário que o professor deixe evidente para o aluno qual é o conteúdo a ser trabalhado e qual é a sua importância.

Após a apresentação da situação, vem o momento da produção textual inicial. Nessa etapa os alunos tentam produzir o primeiro texto do gênero. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) essa produção servirá como uma avaliação formativa e as primeiras aprendizagens. De modo que nos permita identificar as capacidades que os alunos possuem e as suas potencialidades para subsidiar as etapas seguintes da SD, pois é possível determinar “o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho que o aluno ainda tem a percorrer” (p. 101). Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) afirmam também que essa proposta de produção “pode ser simplificada, ou somente dirigida à turma, ou, ainda, a um destinatário fictício” (p. 101). Ainda, a respeito da primeira proposta de produção textual, não podemos deixar de mencionar que as observações oriundas das interações com a turma durante a realização das atividades são de suma importância, pois nos “permitem refinar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma” (p. 102), em outras palavras, possibilita-nos identificar as reais dificuldades dos alunos e compreender melhor o nível de conhecimento da turma para que possamos realizar algumas alterações e adaptações na SD, a fim de tornar o aprendizado mais efetivo.

Dando continuidade ao processo, vem a etapa dos módulos em que são desenvolvidas atividades objetivando dirimir as dificuldades identificadas na produção inicial e oferecer ferramentas para que os alunos atinjam os objetivos de aprendizagem do gênero. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é o momento de “trabalhar os *problemas* que apareceram na primeira produção e de dar os instrumentos necessários para superá-los” (p. 103 – grifo do autor).

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) enfatizam que a produção textual oral ou escrita é um processo complexo e envolve o funcionamento de vários níveis simultaneamente da mente do indivíduo, portanto estaremos trabalhando

sincronicamente problemas com vários níveis de funcionamento. Quanto aos níveis de conhecimento os autores (2004), inspirados na psicologia da linguagem, acrescentam que podemos verificar quatro níveis principais na produção textual:

- Representação da situação de comunicação: o aluno desenvolve a capacidade de construir a imagem mais aproximada possível do destinatário do texto, da finalidade visada, de sua própria posição como autor ou locutor, e do gênero visado;

- Elaboração dos conteúdos: o aluno deve conhecer as técnicas para buscar, elaborar ou criar conteúdos que se modificam de acordo com o gênero;

- Planejamento do texto: o aluno deve planificar seu texto de acordo com a finalidade que se deseja atingir, o destinatário e a estrutura convencional do gênero;

- Realização do texto: é o nível em que o aluno seleciona os meios de linguagem mais eficazes para escrever seu texto como: vocabulário adequado à situação, tempos verbais compatíveis com o tipo e o plano textual e organizadores textuais ou argumentativos mais apropriados a cada situação.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) afirmam que é importante variar as atividades de cada módulo e que existe um arsenal bastante diversificado de atividades e de exercícios relacionados à leitura e escrita que podem enriquecer o trabalho em sala de aula, nas palavras dos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004):

Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possível, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por de diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, deste modo, suas chances de sucesso (p. 105).

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) salientam ainda que devemos considerar três grandes categorias de atividades:

- 1) As atividades de observação e de análise de textos orais ou escritos, autênticos ou fabricados que evidenciem alguns aspectos do funcionamento textual indispensáveis a toda aprendizagem eficaz da expressão. As atividades podem ser realizadas a partir de um texto completo ou de uma parte de um texto, podendo comparar vários textos de um mesmo gênero ou de gêneros diferentes;

- 2) Tarefas simplificadas de produção de textos: são exercícios que impõem limites bem rígidos aos alunos, permitindo-lhes descartar certos problemas de

linguagem, pois se concentram mais particularmente num aspecto preciso da elaboração de um texto;

3) Elaboração de uma linguagem comum que permite aos alunos falarem de seus próprios textos ou dos textos dos outros, comentá-los, melhorá-los, etc. Linguagem que, por se tornar comum ao professor e à classe, acaba facilitando o processo comunicativo.

A SD deve ser encerrada com uma produção de texto final, nesse momento o aluno pode demonstrar o que aprendeu durante a realização das atividades dos módulos. Nos termos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) é “ a oportunidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos” (p. 106). Nessa etapa, professor e aluno podem avaliar e verificar os progressos obtidos, assim como identificar pontos que ainda necessitam de melhoras.

A metodologia de pesquisa empregada na realização desse estudo e o conjunto de categorias de análise de textos elaborado por Bronckart (2012) estão expostos na seção metodológica.

SEÇÃO 2

METODOLOGIA DE PESQUISA

Como anunciado anteriormente, a presente seção apresenta a metodologia de pesquisa empregada na realização desse estudo e o conjunto de categorias de análise de textos elaborado por Bronckart (2012) para que os elementos que constituem o gênero sejam conhecidos.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de pesquisa empregada no desenvolvimento dessa pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa e interpretativa, segundo os aportes de Trivinõs (1987) e André (2015). A pesquisa qualitativa e interpretativa não se interessa pela representatividade dos dados numéricos e estatísticos, interessa-se pela compreensão aprofundada de determinado fenômeno. Para Trivinõs (1987) as pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística, pois apresentam objetividade e validade conceitual que contribuem para o desenvolvimento do pensamento científico.

Para efeitos de contraste, enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir rigorosamente um planejamento previamente estabelecido, a pesquisa interpretativa e qualitativa costuma ser reconfigurada ao longo de seu desenvolvimento; também não objetiva mensurar por números ou enumerar eventos, assim regularmente não costumam empregar técnicas estatísticas para análise dos dados, pois o seu interesse apresenta uma perspectiva diferenciada e mais ampla do que o método quantitativo. Segundo André (2015):

Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade (p.25).

A flexibilidade inerente ao processo não implica na ausência de um referencial teórico. Segundo André (2015), faz-se necessário um embasamento teórico muito bem definido para orientar a análise e a interpretação de toda essa dinâmica.

O estudo deve ser sempre feito em face do que buscamos e do interesse específico do conhecimento que procuramos, implicando em uma escolha teórica que pode e deve ser explicitada ao longo do trabalho. O que acontece geralmente são discussões e questionamentos constantes desse referencial teórico e a explicitação do mesmo ao longo do trabalho, dependendo do grau de conhecimento já existente a respeito das questões pesquisadas e do que vai sendo “descoberto” durante o estudo. Portanto, o pesquisador deve fazer primeiramente um minucioso estudo da literatura pertinente para verificar quais aspectos do tema já foram explorados e quais pontos precisam ser estudados, originando os questionamentos orientadores iniciais da coleta de dados e das categorias de análise.

Na etapa seguinte, André (2015) afirma que ocorre a mediação entre a teoria e a experiência vivida e o diálogo com os referenciais de apoio para rever princípios e procedimentos e realizar os ajustes necessários. O autor (2015) salienta que essa etapa exige do pesquisador muita percepção e maleabilidade para aceitar novas descobertas e formas de interpretação do objeto pesquisado.

Na fase final do trabalho, André (2015) afirma que a teoria é de suma importância para sustentar interpretação e a abstração dos dados, pois é o momento do pesquisador sistematizar os dados e preparar o relatório da pesquisa.

Para a construção do caderno pedagógico, bem como, desse relatório de pesquisa, fundamentamo-nos nas definições teóricas de Bakhtin (1997) sobre gênero do discurso e de Bronckart (2012) sobre gênero textual, assim como nas orientações estabelecidas pelo PCN (BRASIL, 1998) e pela DCE (PARANÁ, 2008) sobre o ensino da língua materna e na proposta de ensino dos gêneros elaborada pela vertente didática do ISD.

Em relação aos estudiosos do ISD, verificamos que esses pesquisadores chegaram à conclusão que, para a construção de materiais didáticos destinados ao ensino dos gêneros, devemos primeiramente estabelecer um conjunto de categorias de análise do gênero textual a ser trabalhado de modo que os elementos que o constituem sejam conhecidos. Logo, Bronckart (2012) elabora um dispositivo de análise de textos, que consiste na apresentação de categorias de análises para o

levantamento do contexto de produção dos textos e de sua arquitetura interna, o que é sintetizado por Striquer (2013) no quadro a seguir:

Quadro 1 - Modelo de análise de textos – Bronckart

Contexto de produção	A arquitetura interna
<p><i>Parâmetros do mundo físico:</i> -emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido;</p> <p><i>Parâmetros do mundo social e subjetivo:</i> -elementos da interação comunicativa que integram valores, normas e regras e a imagem que o emissor tem de si ao interagir e de seus receptores;</p> <p>Dentro do contexto de produção analisa-se também o <i>conteúdo temático do texto</i>, ou seja, o assunto nele tratado, as informações trazidas pelo texto.</p>	<p><i>Infraestrutura textual:</i> -plano geral do texto, tipos de discurso, tipos de sequências e outras formas de planificação;</p> <p><i>Mecanismos de textualização:</i> -conexão, coesão nominal e coesão verbal (responsáveis pela coerência temática de um texto);</p> <p><i>Mecanismos enunciativos:</i> - vozes e marcação das modalizações presentes em um texto.</p>

Fonte: Striquer (2013, p. 112).

Assim, sobre um conjunto de textos pertencentes ao gênero que se pretende conhecer, de acordo com Bronckart (2012), devemos aplicar essas categorias de análises, a fim de detectar as marcas e características mais recorrentes entre os textos.

A análise de texto deve ser iniciada pelos elementos que compõem o contexto de produção, que é definido por Bronckart (2012), como “o conjunto dos parâmetros que podem exercer influência sobre a forma como um texto é organizado” (p. 23). Segundo o autor (2012), há dois planos a serem considerados para análise do contexto:

- Os parâmetros do mundo físico que são constituídos pelo: emissor do texto que é a pessoa física que produz o texto; receptor físico, ouvinte ou leitor físico; espaço físico em que o texto é produzido; momento de produção que é a extensão temporal ou o momento histórico em que o texto é produzido.

- Os parâmetros do mundo sócio-subjetivo que envolvem: a posição social do emissor na interação em curso (posição de professor, de gerente de uma empresa, de repórter, de pai, etc.); a posição social do receptor ou o papel atribuído ao receptor, para ser considerado destinatário de seu texto (aluno, funcionário, leitor de

jornal, filho, etc.); a formação social da qual a interação participa (a esfera social em que a interação se insere); o objetivo da interação; e o conteúdo temático.

A Infraestrutura textual é formada pelo: plano geral do texto que é o modo como o tema se organiza; tipos de discursos que se combinam; tipos de sequências; mecanismos de textualização; e mecanismos enunciativos.

O plano geral “refere-se à organização de conjunto do conteúdo temático; mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo” (BRONCKART, 2012, p. 120). Por exemplo, o plano geral da “fábula” organiza-se com a apresentação de um título, o texto propriamente dito e a moral da história.

Sobre os tipos de discurso, Bronckart (2012) afirma que eles se organizam em quatro formas: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração.

No discurso interativo, em síntese, o conteúdo temático é organizado por coordenadas gerais que se apresentam conjuntas à ação de linguagem. Nele o autor interage com seu interlocutor. Essa interação é caracterizada por meio das seguintes características: imediato ingresso ao assunto com ausência ou presença da origem espaço-temporal, emprego de elementos que aludem à própria interação verbal, presença de frases não declarativas e turnos de fala em formas dialogadas, entre outros.

No discurso teórico, o autor não está inserido de forma direta no texto, pois, segundo Striquer (2014), não é preciso fazer referências no texto ao autor ou agente-produtor para que o interlocutor compreenda o conteúdo temático.

Já o relato interativo é um discurso em princípio monologado e desenvolvido em uma situação de interação, que pode ser real ou encenada. Esse caráter monologado é revelado principalmente pela ausência de frases não declarativas. É um tipo de discurso em que o conteúdo temático organiza-se de modo disjuncto e implicado às ações da linguagem, que se evidenciam pelo uso de tempos verbais que marcam uma isocronia entre o desenvolvimento da atividade de relato e os acontecimentos narrados e pela presença de pronomes e adjetivos de primeira ou segunda pessoa do singular e do plural, que remetem diretamente aos agentes da interação verbal em cujo quadro se desenvolve o relato. Em suma, o relato interativo é um narrar de acontecimentos vividos ou encenados, constituídos por uma densidade verbal alta e conseqüentemente uma densidade sintagmática baixa.

Na narração, o autor não participa do texto, ele organiza seu texto de forma a contar sobre acontecimentos verídicos ou ficcionais que aconteceram com outras

pessoas/personagens. Alguns segmentos narrativos não apresentam espaço-tempo patente, mas é possível inferi-lo no decorrer da leitura do texto. Outras vezes, a origem espaço-temporal apresenta-se indeterminada.

O gênero textual “fábula” pode ser definido como um discurso da ordem do narrar, pois são breves histórias que objetivam narrar fatos ficcionais acontecidos em um lugar e um tempo indeterminados.

Os discursos se organizam pela ordenação de modelos de segmentos estruturados ou sequências. Esse fenômeno é chamado de sequenciação, conforme Adam (1992 apud BRONCKART, 2012),

[...] são modelos abstratos de que os produtores e receptores de textos dispõem, definíveis, ao mesmo tempo, pela natureza das macro posições que comportam e pelas modalidades de articulação dessas macro proposições em uma estrutura autônoma. (p. 128)

São cinco tipos distintos de sequências, segundo Bronckart (2012):

- Sequência narrativa: acontece quando a organização do tema é sustentada por um processo inicial de intriga, que seleciona e organiza os acontecimentos de modo que, a partir de um estado de equilíbrio, cria-se uma tensão que desencadeia transformação(ões) e que ao final alcança um novo estado de equilíbrio. O processo é predominantemente cronológico quanto à ocorrência de suas fases principais: situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final, podendo receber o acréscimo de uma avaliação e uma moral.

- Sequência descritiva: é a combinação de fases que se encaixam em uma organização de ordem hierárquica para “apresentar as propriedades, qualidades, elementos componentes de uma entidade, sua situação no espaço, etc.” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 65 apud STRIQUER, 2014, p. 319) por meio de três fases: ancoragem, em que o tema é ressaltado por uma forma nominal ou tema-título e geralmente localiza-se no início, mas pode vir no fim da sequência ou ser retomado a qualquer momento; a fase da aspectualização, em que os aspectos do tema-título são enumerados; a fase de relacionamento na qual os fatos descritos são relacionados a outros geralmente por comparação ou metáfora.

- Sequência argumentativa: configura-se por um esquema que apresenta uma tese ou premissa a respeito de um tema, argumentos e contra-argumentos que defendem o ponto de vista e uma conclusão. Essa sequência é elaborada “quando o

agente produtor considera que um aspecto do tema que expõe é contestável (a seu ver e/ou ao do destinatário)” (BRONCKART, 2012, p. 234-235). Assim o autor pretende gerar um efeito de sentido em seu interlocutor, objetivando a adesão ou contestação da tese apresentada.

- Sequência explicativa: procura explicar as causas e/ou as razões que um acontecimento ou uma ação humana requer. A sequência explicativa geralmente apresenta quatro fases: a constatação inicial de uma situação, de um acontecimento ou de uma ação; a problematização em que os porquês ou o como são expostos; a resolução que apresenta informações suplementares; a conclusão-avaliação, que ocorre quando o agente-produtor considera que o tema pode ser de difícil compreensão para o destinatário.

- Sequência dialogal: ocorre em discursos interativos dialogados que se estruturam em turnos de fala dos agentes-produtores envolvidos na interação ou atribuídos aos personagens.

Bronckart (2012) defende ainda a existência de outra sequência que pode ser denominada de injuntiva, instrucional ou procedimental recorrente em receitas culinárias e manuais de instrução, entre outros.

Baltar (2007 apud STRIQUER, 2014) acrescenta mais uma sequência que é a do poetizar, na qual o interlocutor “elege sua própria língua natural como objeto de seu agir e como matéria-prima para elaborar sua obra de finalidade primordialmente estética, criando em seu interlocutor o efeito de sentido da fruição artística” (p.320) por meio de um gênero da esfera literária.

Salientamos que as sequências podem apresentar-se no texto como formas dominantes ou acompanhadas de vários outros tipos de sequências. Ressaltamos ainda que o arranjo dos diferentes tipos de discurso ou das sequências em um texto deve obedecer a uma organização interna estruturada pela coerência temática própria do texto e que existem mais modelos de organização linear do tema, como os planos, esquemas, scripts, esquematizações etc. (BRONCKART, 2012, p. 238-239).

E, segundo Bronckart (2012), os mecanismos de textualização são os responsáveis pela progressão temática e pela linearidade do texto, estabelecendo por meio das articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais a coesão e a coerência do texto. Esses dispositivos são classificados em: mecanismos de conexão, coesão nominal e coesão verbal. Assim descritos por Striquer (2014):

a) A conexão: funciona como organizador do plano geral do texto, dos tipos de discurso, e das frases de uma sequência; b) a coesão nominal: introduz temas, personagens e asseguram a referenciação e a progressão textual; c) a coesão verbal: realizada pelos tempos verbais que asseguram a organização temporal e hierárquica dos acontecimentos, estados ou ações (p. 320).

Striquer (2014) afirma ainda que “os recursos linguísticos que constituem os mecanismos de textualização podem variar em função dos tipos de discursos presentes em um texto” (p. 320).

Os mecanismos enunciativos são os responsáveis em manter a coerência pragmática ou interativa do texto, são as formas que contribuem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos: as vozes e as instâncias que se manifestam no texto e assinalam os diferentes julgamentos, opiniões, sentimentos, etc. sobre os aspectos do conteúdo. As vozes são “entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado” (BRONCKART, 2012, p. 326) e podem ser distinguidas em três conjuntos: 1) a voz do autor empírico, aquele que está na origem da produção textual e que comenta ou avalia o conteúdo temático; 2) as vozes sociais, de pessoas ou instituições sociais que não são agentes dos acontecimentos, mas são mencionadas por realizarem avaliações sobre o conteúdo temático; 3) as vozes de personagens, pessoas ou instituições humanizadas implicadas como agentes dos acontecimentos.

Outro mecanismo enunciativo são as modalizações, as quais “têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formuladas a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (BRONCKART, 2012, p. 330).

É a partir dessa proposta de análise de texto sugerida por Bronckart (2012), que Barros (2012) elaborou um dispositivo didático composto por “perguntas-chave”, a fim de direcionar o processo de modelização do gênero. A seguir a reprodução do referido dispositivo:

Quadro 2 – Dispositivo para construção de um Modelo teórico/didático do gênero.

ELABORAÇÃO DE MODELO TEÓRICO/DIDÁTICO DO GÊNERO	
Capacidades de linguagem	Perguntas para direcionar a modelização do gênero
	• A qual prática social o gênero está vinculado?

Capacidades de ação	<ul style="list-style-type: none"> • É um gênero oral ou escrito? • A qual esfera de comunicação pertence (jornalística, religiosa, publicitária, etc.)? • Quais as características gerais dessa esfera? • Quem produz esse gênero (emissor)? • Para quem se dirige (destinatário)? • Qual o papel discursivo do emissor? • Qual o papel discursivo do destinatário? • Com que finalidade/objetivo produz o texto? • Sobre o quê (tema) os textos desse gênero tratam? • Qual é a relação estabelecida entre o produtor e o destinatário? Comercial? Afetiva? • Qual o valor desse gênero na sociedade? • Qual o suporte? • Qual o meio de circulação (onde o gênero circula)?
Capacidades discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o tipo de discurso? Do expor? Do narrar? • É um expor interativo (escrito em primeira pessoa, se reporta explicitamente ao interlocutor, tenta manter um diálogo mais próximo com o interlocutor, explicita o tempo/espço da produção)? • É um expor teórico (não deixa marcas de quem fala, para quem fala, de onde e quando fala)? • É um narrar ficcional? • É um narrar acontecimentos vividos (relato)? • Como é a estrutura geral do texto? Qual a sua cara? Como ele se configura? É dividido em partes? Tem título/subtítulo? É assinado? Qual sua extensão aproximada? Acompanha fotos/figuras? Quais as características gerais? • Como são organizados os conteúdos no texto? Em forma de lista? Versos? Prosa? • Qual o tipo de sequência predominante? Sequência narrativa? Descritiva? Explicativa? Argumentativa? Dialogal? Injuntiva?
Capacidades linguístico-discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Como são feitas as retomadas textuais? Mais por pronomes ou por nomes? Quais as estratégias mais usadas? Substituições por sinônimos? Por termos genéricos/específicos? Por nominalizações? Por repetições? Como são mobilizados os artigos definidos/indefinidos nas retomadas? Qual o grau de afetividade/valoração expresso pelas retomadas? • Como é feita a coesão verbal? Quais os tempos verbais usados? E os tipos de verbo: ação? Estado? • Quais os tipos de conectivos usados: lógico (mas, portanto, assim, dessa forma, etc.)? Temporal (era uma vez, um dia, depois, amanhã, etc.)? Espacial (lá, aqui, no bosque, etc.)? • Qual a variedade linguística privilegiada? Mais formal? Mais informal? Coloquial? Estereotipada? Respeita a norma culta da língua? Usa gírias? Como se verifica isso no texto? Pelo vocabulário empregado? Pela sintaxe? • Como se dá a escolha lexical? Há mais substantivos concretos? Abstratos? Há muitos verbos de ação? De estado? Há muitos adjetivos? Que tipo de adjetivo (objetivos, subjetivos, afetivos, físicos, superlativos, comparativos)? • Como são mobilizados os sinais de pontuação no texto? Quais os mais usados? E com qual finalidade? • Há uso de metáforas? De palavras/expressões com sentido conotativo?

	<ul style="list-style-type: none"> • Há rimas? Que tipo de rima? • Qual o tom do texto? Mais descontraído? Humorístico? Objetivo? Poético? Coloquial? Sisudo? Familiar? Moralista? De poder? • Há o uso de ironia? • Que vozes são frequentes no texto? Do autor? Sociais? De personagens? • De que instâncias advêm essas vozes? Do poder público? Do senso comum? De autoridades científicas? • Como é dada a voz aos personagens (ficcionais ou não) do texto? • Há mobilização de discurso direto? Indireto? Quais os recursos linguísticos/ gráficos (aspas, travessão, dois pontos) empregados? • Quais processos de modalização discursiva são mais frequentes? Modalizações lógicas? Deônticas? Apreciativas? Pragmáticas? • Há a mobilização de elementos paratextuais (quadros, imagens, cores...) ou supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados...)? Como eles agem na construção dos sentidos do texto? Observe, caso o texto possibilite, a forma de grafar as palavras, as cores, a expressão gestual, a forma das imagens, a entonação, as pausas, etc.
--	--

Fonte: Barros (2012, p.19-20)

Nesse quadro percebemos a concepção epistemológica e metodológica do agir linguageiro defendida pelo ISD, na qual o agente-produtor precisa mobilizar capacidades de linguagem para agir em situações comunicativas. Segundo Barros (2015, p.112), essas capacidades de linguagem se relacionam com as habilidades disponíveis pelo indivíduo para a sua ação linguageira e podemos subdividi-las em três níveis:

– Capacidades de ação: possibilitam ao agente-produtor elaborar as representações do contexto de produção da linguagem, propiciando a identificação da prática social e da esfera de comunicação nas quais o gênero está vinculado; das características gerais dessa esfera; do produtor, do destinatário e de seus papéis discursivos e da relação estabelecida entre eles; do tema e da finalidade ou do objetivo de produção do texto e, para finalizar, do meio de circulação e do suporte a ser empregado (BARROS, 2015). Em suma, é a capacidade que o agente produtor tem de ajustar a produção aos parâmetros do ambiente físico, social e subjetivo, bem como, ao referente textual, articulando o gênero à base de orientação da ação discursiva.

- Capacidades discursivas: são as capacidades que o modelo de análise do ISD relaciona à infraestrutura geral de um texto (plano geral, tipos de discurso e sequências). Elas possibilitam ao agente-produtor a escolha dos mundos discursivos (discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração) e da/s sequência/s predominante/s (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal), da

disposição da estrutura geral do texto (o título/subtítulo, suas subdivisões, sua extensão e seus complementos) e da organização dos conteúdos no texto (lista, versos, prosa) (BARROS, 2015).

- Capacidades linguístico-discursivas: possibilitam ao agente-produtor realizar as operações linguístico-discursivas envolvidas na produção textual. No modelo de análise do ISD, os mecanismos de textualização são responsáveis pelo modo de realização das retomadas textuais; pelas escolhas vocabulares e lexicais no sentido conotativo ou denotativo; pelo grau de afetividade/valoração estabelecido nessas retomadas pelos conectivos de coesão e coerência; pelos sinais de pontuação utilizados e recursos gráficos (aspas, travessão, dois pontos); pelas rimas e pelo tom do texto; pelas vozes do texto e modalização; pela mobilização de elementos paratextuais (quadros, imagens, cores...) ou supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados...) e pela forma de grafar as palavras, as cores, a expressão gestual, a forma das imagens, a entonação, as pausas, etc. (BARROS, 2015).

Com base no dispositivo proposto por Barros (2015), elaboramos um modelo didático do gênero “fábula” a partir de uma coletânea de “fábulas” clássicas de autoria de La Fontaine, ilustradas por Gustave Doré, traduzidas e adaptadas em prosa por René Ferri, e publicadas na coleção *Fábulas de La Fontaine: obra-Prima da Literatura Universal*, São Paulo, Editora Escala, 2010.

A opção por essa coleção, que é composta por três volumes contendo 22 “fábulas” cada livro, justifica-se porque, segundo Cardoso (2015, p.125), as “fábulas” contidas nesses três volumes correspondem praticamente às mesmas que compõem os três primeiros livros do original francês e são escritas em prosa com texto fiel ao sentido moral original, mantendo o objetivo moralizante. Das 66 “fábulas”, elegemos de forma aleatória nove delas para formar nosso *corpus*, a saber: *A rã que queria ser do tamanho touro*; *As duas mulas*; *A andorinha e os outros passarinhos*; *O lobo e o cordeiro*; *O grande congresso dos ratos*; *Os dois touros e a rã*; *O leão e o mosquito*; *O leão e o rato* e *A raposa e o bode* (ANEXO 1).

Contudo, destacamos que, além dessas nove “fábulas”, outras formam os exemplares dos gêneros dessa coleção no caderno pedagógico (APÊNDICE 1 E 2).

SEÇÃO 3

UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO FÁBULA

Segundo Barros (2012), os pesquisadores de Genebra propõem que a primeira etapa da construção de um MDG deve ser a busca por especialistas do gênero, ou estudiosos que se ocupem com pesquisas sobre o assunto. Nessa etapa da modelização do gênero, buscamos os aportes e as contribuições de alguns estudiosos como Coelho (1982; 2000), Machado (1994), Bagno (2006), Oliveira, Rodrigues e Campos (2009), para a conceitualização da “fábula”.

De acordo com Coelho (1982), o termo “fábula”, que é de origem latina e grega, significa “dizer, contar algo”. A autora define a “fábula” como uma narrativa simbólica, de uma situação vivida por animais que representa uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. O destaque de Machado (1994) é para o fato de que a “fábula” é um gênero discursivo, cujo intuito inicial é transmitir um ensinamento, ou seja, têm uma pretensão moral. A autora (1994) também afirma que o gênero “fábula” é muito antigo e que se encontram presente em praticamente todas as culturas e em todos os períodos históricos.

Já para Oliveira, Rodrigues e Campos (2009), a palavra “fábula” vem do verbo latino *fabulare*, que significa “conversar, narrar”, mas o princípio seria o mesmo dos autores já citados, uma vez que é definida por esses autores como uma narrativa curta que costuma apresentar uma moral, isto é, um ensinamento. Na mesma linha conceitual seguem outros autores, por exemplo, Bagno (2006) comenta que as “fábulas” são narrativas pequenas, cujo objetivo é ilustrar algum vício ou virtude de um segmento da sociedade, finalizando com uma lição de moral.

Segundo Fernandes (2001), as “fábulas” são contadas há aproximadamente 2800 a.C. No entanto, não há como afirmar com exatidão quem foi o seu criador, nem onde surgiram as “fábulas”, mas, de acordo com a autora (2001), existem registros indicando que sua origem esteja no Oriente e que o gênero foi difundido na Grécia pelo escravo chamado Esopo, há 2.600 a.C., com o objetivo de aconselhar e distrair os adultos e também servia como alerta dos perigos que poderiam acontecer à sociedade. No Ocidente, as “fábulas” foram ganhando uma nova roupagem a partir do grego Esopo (séculos VII e VI a.C.), mas somente um século depois foram aperfeiçoadas estilisticamente pelo escravo Fedro (15 anos a. C. – 50 d. C.). Já no

séc. XVI, sem grande repercussão foi descoberta e reinventada por Leonardo da Vinci, mas Coelho (2000) afirma que foi no século XVII que surgiu na França um dos mais importantes fabulistas da história, Jean de La Fontaine (1616 -1695).

La Fontaine reinventou as “fábulas” e em uma de suas primeiras coletâneas atribuiu a elas características literárias próprias da poesia: construção em rimas, detalhamento das personagens em relação às suas características. Apesar de se preocupar com a estética textual da época, La Fontaine tinha uma preocupação ainda maior com a moral da história (COELHO, 2000).

De acordo com Coelho (2000), as “fábulas” são “alimentadas de uma sabedoria prática que não envelheceu, pois se fundamenta na natureza humana, e isso, como sabemos, continua o mesmo, através dos milênios” (p. 28).

Diante de sua formação histórica, esse gênero nasceu e circulou inicialmente pela tradição oral, mas logo passou a integrar-se aos gêneros escritos. De uma forma ou de outra, o gênero “fábula” pode ser considerado pela complexidade que o forma, como um gênero secundário conforme categorização de Bakhtin (1997).

3.1 CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS DA FÁBULA

Ao tomarmos os nove exemplares como objeto de investigação de nossas análises, seguindo o dispositivo didático elaborado por Barros (2012), constatamos que a “fábula” é um gênero textual pertencente à esfera literária e ficcional, o que se confirma pela tabela de gêneros apresentada pela DCE (PARANÁ, 2008, p.100). Lembramos que a esfera literária preocupa-se com a arte das palavras, que transforma e humaniza o homem e a sociedade por meio de três funções: a psicológica (fuga da realidade e o mergulho no mundo de fantasias); a formadora (instrumentando a educação ao retratar realidades não reveladas pela ideologia dominante); e a social (representação dos segmentos sociais) (CÂNDIDO, 1972 apud PARANÁ, 2008, p. 57). Diante do exposto, depreendemos que podemos enquadrar a “fábula” como um gênero que tem primordialmente a função formadora, sendo utilizada ao longo do tempo como instrumento para ensinar preceitos éticos e morais.

A prática social na qual a “fábula” está inserida define-se pela necessidade de reflexão dos valores morais e éticos de uma sociedade em um determinado tempo histórico, com o intuito de discutir e transmitir ensinamentos (COELHO, 1982).

Fernandes (2001) explica que, no período em que as “fábulas” de La Fontaine foram criadas, reuniam-se intelectuais, filósofos e pensadores nos salões dos nobres para conversar sobre o modo de vida da sociedade. Esses pensadores eram embalados pela ideia de que, segundo Fernandes (2001, p. 28), “a razão (capacidade que temos de avaliar, de estabelecer relações, de compreender as coisas, etc.) e as ações dignas, guiadas pela honestidade, a justiça, a bondade, eram as coisas mais importantes” em uma sociedade. Então, pregavam que os valores e atitudes das pessoas precisavam de uma maior conciliação com a razão, o que na vida real não acontecia. Portanto, a “fábula” renasceu do intuito de contar histórias para criticar as atividades das pessoas e levá-las a refletir sobre preceitos éticos e morais.

Quanto à análise de nosso *corpus*, a pessoa física que escreveu as “fábulas” é La Fontaine, um dos pensadores do século XVII, que passou a utilizar o gênero para denunciar as misérias e as injustiças de sua época através da personificação dos animais, utilizando-se de ironia para expor o comportamento daqueles que o ouviam nos salões da corte (FERNANDES, 2001). Fernandes (2001) acrescenta que, nesse período, a França vivia sob o poder de reis e nobres que possuíam grandes quantidades de terras e enriqueciam com a exploração dos homens do campo, mas os autores não podiam falar abertamente, pois podiam ser condenados à morte por conspiração, assim La Fontaine utilizava as “fábulas” para se expressar.

De acordo com a Enciclopédia Escolar Britânica (2016), La Fontaine era inspetor de águas e florestas – ofício herdado do pai, porém, mais tarde, decidiu tornar-se escritor, passando a dedicar-se exclusivamente às letras com o auxílio de vários mecenas, entre eles Nicolas Fouquet que era superintendente das finanças e seu amigo. Suas “fábulas” foram reunidas em doze livros, os seis primeiros foram publicados em 1668 e os outros entre 1678 e 1694.

Os interlocutores das “fábulas” de La Fontaine, ou seja, para quem elas se dirigiam, eram os intelectuais, filósofos, escritores e cidadãos que transitavam pelos palácios (FERNANDES, 2001). Destaca-se que entre os cidadãos ouvintes das “fábulas” de La Fontaine estavam, conforme Fernandes (2001), adultos e crianças, todos ouviam juntos, contudo as histórias se dirigiam principalmente aos adultos. Nesse sentido, o veículo de circulação das “fábulas”, na época contadas oralmente, eram os palácios do século XVII.

Buscando compreender como esses elementos se estabelecem na atualidade, nossa constatação é que as “fábulas” circulam principalmente nos acervos pessoais particulares, nas escolas, nas bibliotecas escolares, nas bibliotecas municipais, etc., sendo utilizada como instrumento para o letramento. Segundo Bagno (2006), as “fábulas” são importantes aliadas do trabalho pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita. O autor acrescenta que por ser de fácil memorização devem ser estudadas e aprendidas pelas crianças desde o início de sua escolarização. Na atualidade, segundo Rodrigues, Lima e Martins (2016, p. 41), o objetivo principal do trabalho com as “fábulas” é formar leitores competentes e proficientes, despertar o gosto pela leitura e propor reflexões sobre os comportamentos sociais.

E, ainda hoje em dia, as “fábulas” são geralmente publicadas em livros específicos da esfera literária como os exemplares que compõem a coleção *Fábulas de La Fontaine – Obra-prima da literatura universal* (La Fontaine, 2010), da qual selecionamos nosso *corpus* de análise, e circulam em escolas, bibliotecas, acervos pessoais e internet. Também participam como um subgênero em anúncios publicitários, propagandas, filmes, novelas, músicas, etc.

3.2 CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS DA FÁBULA

Seguindo os preceitos de Bronckart (2012) sobre a infraestrutura textual, os exemplares de “fábulas” analisados são planejados da seguinte forma:

Primeiro elemento: o título – formado geralmente pelo(s) nome(s) da(s) personagem(ens), às vezes, acrescido de um acontecimento. Exemplo: *O leão e o rato*, *O grande congresso dos ratos*.

Segundo elemento: o texto propriamente dito – formado por uma sequência predominantemente narrativa. Veja o texto da “fábula” *O leão e o rato* (LA FONTAINE, 2010a):

O rato saiu de uma toca, aturdido, e caiu entre as garras de um leão. O rei dos animais, comportando-se naquele caso como quem é, magnânimo, poupou-lhe a vida. O benefício foi muito bem pago, pois apesar de não se crer que o leão viesse a precisar do rato, sucedeu que um dia, saindo do bosque, o valente animal caiu numa armadilha de redes, das quais não podia livrar-se à força de rugidos. O rato o

acudiu, roendo as malhas das redes e dessa forma libertou o monarca selvagem (p.28).

Terceiro elemento: a moral – um conselho ou uma avaliação de juízo, estrategicamente, apresentado(a) após o texto. Lembramos que é comum a utilização de um provérbio como moral. Observe a moral retirada da “fábula” *O leão e o rato*: “Paciência e persistência às vezes conseguem mais do que força e fúria” (LA FONTAINE, 2010a, p.28).

Nesse sentido, segundo Costa (2008), de forma geral, a “fábula” apresenta uma narrativa, quase sempre, leve, em prosa ou em verso, de ação não muito tensa, de grande simplicidade, cujas personagens são, via de regra, animais irracionais que agem como seres humanos e aponta sempre para uma conclusão ético-moral. A obra de La Fontaine destacou-se justamente pela vitalidade que ele sabia “dar a todos esses animais que se movem no imenso tablado da natureza, que falam a linguagem que ele lhes presta, obedecendo a paixões que ele lhes atribui” (CHAGAS, 2005, p.11).

A “fábula” tem, portanto, duas partes substanciais que podem ser chamadas de o corpo e a alma: uma narrativa breve (corpo) que desenha as imagens e formaliza as ideias; e uma lição ou ensinamento (moral) que refletem as verdades materializadas pela narrativa e que é estrategicamente separada da história para acentuar o significado ou o valor do que foi narrado, ocasionando um direcionamento da interpretação do leitor (ROSA; LIMA, 2012).

Sobre os tipos de discurso que organizam o conteúdo temático, baseados nos conceitos de mundos discursivos apresentados por Bronckart (2012), a “fábula” pode ser enquadrada no mundo do narrar, já que as coordenadas de seu conteúdo temático se organizam em um espaço-tempo diferente às coordenadas do mundo ordinário. Suas representações de conteúdo referem-se a fatos imaginários, cuja organização aparece fundamentada em uma origem de tempo-espaço plausível. Na “fábula”, o mundo do narrar pode ser evidenciado com a personificação de animais que falam, pensam e agem como seres humanos e também pelas ações que ocorrem em um espaço-tempo diferente da ação da linguagem e podem ser evidenciados na seguinte passagem da “fábula” *A raposa e o bode* (LA FONTAINE, 2010b):

A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência. Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como daqui...” (p.06)

Também podemos afirmar, com base nos estudos de Bronckart (2012, p.154-155), que a “fábula” apresenta um discurso autônomo, uma vez que sua interpretação não requer nenhum conhecimento do leitor a respeito do contexto de produção, isto é, há uma relação de indiferença sobre os parâmetros da ação da linguagem em curso, pois mesmo sem conhecer o agente produtor, o interlocutor pode compreender a história.

Sobre a sequência predominante, a “fábula” organiza-se principalmente pela sequência narrativa - história contada no eixo do sucessivo que mobiliza personagens e se sustenta em um processo de intriga (BARROS, 2012), o que pode ser comprovado pela estruturação de suas fases conforme os apontamentos de Bronckart (2012):

- Situação inicial - apresentação inicial de estado ou situação de equilíbrio;
- Fase de complicação - introduz uma perturbação e cria uma tensão;
- Fase de ações - reúne os acontecimentos gerados pela perturbação;
- Fase de resolução - introduz acontecimentos que reduzem a tensão;
- Fase de situação final - explicita o novo equilíbrio obtido pela resolução;
- Fase de moral - explicita o significado global atribuído à história.

O quadro a seguir apresenta exemplificações de cada uma dessas fases na “fábula” *As duas mulas* (LA FONTAINE, 2010, p.24).

Quadro 3: Sequência Narrativa – Fábula: *As duas Mulas*

<i>Duas Mulas</i>	
Situação inicial	Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco. A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.
Complicação	Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas.
Ação	A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga
Resolução	– Por que isso foi acontecer comigo? – perguntou a mula, gemendo em agonia.

Situação final	– Se trabalhasse para um homem pobre e humilde como eu – respondeu a outra mula – nada disso teria acontecido.
Moral	Sofre maiores riscos quem assume maiores responsabilidades

Fonte: o pesquisador

A “fábula” também apresenta a sequência dialogal, que se concretiza apenas nos segmentos de discursos interativos das personagens e está encaixada no interior do discurso principal, pois estão efetivamente engajados em uma conversação coproduzindo um todo textual coerente. Para Bronckart (2012) essa sequência se estrutura em três fases (abertura, transacional/is e encerramento):

- Fase de abertura - que coloca os interactantes em contato;
- Fase/s transacionais com a/s qual/is o conteúdo temático da interação verbal vai se co-construindo;
- Fase de encerramento que finaliza a interação.

Quadro 4: Sequência Dialogal - Fábula: *O lobo e o cordeiro*

<i>O lobo e o cordeiro</i>	
Fase de abertura	— O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?
Fases transacionais	— Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim? — Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado! — Impossível, senhor, pois no ano passado eu ainda não havia nascido. — Ah, então foi seu irmão mais velho! — Ora, não tenho irmãos, senhor!
Fase de fechamento	— Pois seria algum dos seus, que me odeiam, os seus pastores e cachorros. O que eu sei é que tenho de me vingar!

Fonte: o pesquisador

3.3 CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICO- DISCURSIVAS DA FÁBULA

Depreendemos de Bronckart (2012) que as características linguístico-discursivas referem-se aos mecanismos de textualização. Para Striquer (2012), os mecanismos de textualização “contemplam articulações hierárquicas, lógicas e temporais do texto e também contribuem para a estruturação do conteúdo temático” (p. 972). Evidentemente, são vários os aspectos linguístico-discursivos que

caracterizam o gênero “fábula”, contudo, conforme nosso objetivo de construção de um material destinado ao 6º ano do ensino fundamental, focamos em conhecer apenas os que se relacionam a referida série escolar.

Segundo Bronckart (2012), a coesão verbal é o fator que contribui para a organização temporal e hierárquica dos processos de estado, acontecimentos ou ações. Como outras variantes do narrar, a “fábula” se constrói predominantemente com os tempos do passado ou tempos do pretérito (perfeito e imperfeito), pois quando narramos nos referimos a episódios já acontecidos, e, portanto, anteriores aos acontecimentos da diegese, em suma são contados fatos anteriores ao momento da fala.

Bronckart (2012) ressalta que, apesar dos pretéritos explicitarem a relação de “distância entre a progressão da atividade narrativa e os acontecimentos da diegese” (p.128), cada pretérito tem seu papel na organização dos processos verbalizados. Enquanto o pretérito perfeito indica os acontecimentos e os organiza cronologicamente, constituindo-se o fio condutor da narrativa e, portanto, o primeiro plano, o pretérito imperfeito refere-se aos processos que ocorrem em segundo plano a partir dos acontecimentos principais da narrativa. A seguir podemos observar esses aspectos no interior da “fábula” *O grande congresso dos ratos* (LA FONTAINE, 2010a):

- Pretérito perfeito em primeiro plano:

Certa noite, o inimigo dos ratos deu uma trégua, resolveu passear pelos telhados atrás de uma gata, com a qual ficou entretido em um longo colóquio; os ratos sobreviventes aproveitaram para se encontrar num congresso... (p.06)

- Pretérito imperfeito em segundo plano:

Miciful. Gato astuto havia feito tal matança entre os ratos, que apenas se via um ao outro: a maior parte jazia morta. Os poucos que ousavam a sair do seu esconderijo passavam mil apuros: para aqueles desafortunados, Miciful não era um gato, mas o próprio diabo. (p.06)

No primeiro exemplo apresentado anteriormente, podemos perceber que o uso do pretérito perfeito propõe claramente uma sucessão de fatos dispostos em ordem cronológica e que servem de eixo de referência temporal. Já no segundo

exemplo, o emprego do imperfeito amplia, especifica ou comenta os fatos mencionados no primeiro plano.

Outro aspecto pertinente ao estudo da “fábula” nessa etapa de ensino é o emprego do presente do indicativo nas sequências dialogais para tornar o texto mais próximo, dinâmico e causar maior expectativa ao leitor. Segundo Bechara (2009, p.276), o presente é empregado em narrações “para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais” como podemos perceber no fragmento da “fábula” *A andorinha e os outros passarinhos a seguir* (LA FONTAINE, 2010):

— Corram agora se alimentar, pois quando o lavrador não estiver mais ocupado cultivando a roça, ele vai colocar as armadilhas para prender e matar o maior número de vocês. Vão agora e, depois, mudem de clima ou se escondam em seus ninhos, já que não podem voar pelos ares como eu, buscando novos mundos.
As avezinhas, cansadas de ouvir os avisos da andorinha saíram em debandada praguejando contra ela:
— Tagarela! Está debochando de nós! (p.18)

Dentro dos aspectos linguístico-discursivos é relevante tratar também do posicionamento enunciativo do emprego de vozes. Como afirma Bronckart (2012, p. 130) há diferentes vozes que podem expressar-se no interior de um texto. Segundo Fernandes (2001, p.50), podemos encontrar na “fábula” as vozes do narrador, das personagens e do autor. Os fatos são contados por um narrador-observador, que se utiliza da terceira pessoa do singular para introduzir as ações e a voz das personagens como nas passagens destacadas de um fragmento da “fábula” *A rã que queria ser do tamanho do touro* (LA FONTAINE, 2010):

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:
— Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?
E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu. (p.09)

A seguir destacamos as vozes das personagens em contraste com a voz do narrador em um fragmento da “fábula” *O lobo e o cordeiro* (LA FONTAINE, 2010):

Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

- O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?
 — Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim? (p.24)

Outro elemento que caracteriza o gênero, ao passo que marca as vozes das personagens, é o emprego do discurso direto e do discurso indireto, que se realizam por meio de estruturas e/ou de pontuações específicas.

As personagens, na maioria das vezes, realizam a ação de falar e/ou pensar, caracterizando a ocorrência do discurso direto. Segundo Bechara (2009), o discurso direto é uma reprodução ou tentativa de reproduzir fielmente e textualmente a fala das personagens com ajuda explícita ou não de verbos dicendi como: disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc. Os verbos dicendi são geralmente seguidos de dois pontos ao encerrar a declaração textual, a fim de anunciar a passagem da palavra de uma pessoa (personagem, narrador) a outra pessoa. E, ao ocorrer o início da fala de um novo interactante, há a incidência do travessão. Segundo Bechara (2009), dentre outras funções o travessão indica “a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas” (p.612). Exemplos:

a) Discurso direto com troca de interlocutores marcada pelo travessão na “fábula” *A andorinha e os outros passarinhos* (LA FONTAINE, 2010):

- Não me agrada o que vejo. E meu receio é por vocês, não por mim que posso ir viver em qualquer lugar, ao longe e a salvo dos perigos. Estão vendo aquelas mãos ágeis? Pois o que elas espalham trará a desgraça para vocês... (p.18)

b) Discurso direto com troca de interlocutores marcada pela aspas na “fábula” *Os dois touros e as rãs* (LA FONTAINE, 2010a):

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. “O que tem?”, perguntou-lhe uma companheira. “Não compreende no que esta contenda vai resultar? Um vencerá e o perdedor baterá em fuga, renunciando àquela viçosa pradaria. E sem poder desfrutar de seus pastos, o perdedor virá se alimentar com o mato verde da nossa região e poderá nos pisar debaixo d’água. Seremos nós as vítimas desse combate provocado pela dona novilha” (p. 11).

Também há a presença do discurso indireto nas “fábulas”. Segundo Bechara (2009), no discurso indireto “os verbos dicendi se inserem na oração principal de

uma oração mais complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor” (p.482). Em outros termos nossas próprias palavras ou as palavras dos interlocutores apresentam-se inseridas em uma oração proferida pelo narrador. Bechara (2009) acrescenta que, no discurso indireto, as palavras dos interlocutores do texto podem ser introduzidas pelo transpositor *que*, pela partícula *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal (*quem, qual, onde, como, por que, quando*, etc.). Vejamos o discurso indireto na “fábula” *O leão e o mosquito* (LA FONTAINE, 2010a,):

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas (p. 18).

A voz do autor pode ser percebida mais explicitamente na moral. Segundo Fernandes (2001, p. 78), “a moral da história é uma espécie de resumo da intenção do fabulista ao contar determinada história”. Vejamos a moral da “fábula” *O leão e o mosquito* (LA FONTAINE, 2010a):

Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos (p.18).

Nessa moral, podemos perceber que há a intenção do fabulista ou autor em levar o leitor à reflexão sobre os efeitos da falta de cuidado diante de problemas, indicando que não devemos subestimar nem mesmo os menores entraves.

Na “fábula”, assim como em outros gêneros pertencentes à ordem do narrar, utilizamos os artigos para determinar ou indeterminar os elementos da história. De acordo com Castilho e Elias (2012), para introduzirmos um elemento ao texto ou nos referirmos a elementos não especificados, utilizamos o artigo indefinido (um, uma, uns, umas), enquanto que, para nos reportarmos a elementos já mencionados no texto ou específicos de um grupo, recorremos aos artigos definidos (o, a, os, as). Na “fábula” *O lobo e o cordeiro* (LA FONTAINE, 2010), podemos observar esse fenômeno:

Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou...
 O feroz animal mudou o discurso...
 Dito isto, o lobo saltou sobre o cordeirinho (p.24).

Nesse fragmento, o fabulista utiliza inicialmente o artigo indefinido nas expressões: um cordeirinho, um regato, um lobo, pois são elementos ainda desconhecidos ou sem uma referência específica no texto, podendo ser qualquer elemento dos grupos aos quais pertencem. Já quando o autor faz a retomada dos elementos lobo e cordeirinho posteriormente, passa a utilizar o artigo definido, evidenciando que agora se trata de elementos específicos da história que está sendo contada.

Já o emprego dos substantivos tem papel central na formação das expressões nominais referenciais, pois tem a função de expressar um tópico novo introduzido ao texto, realizar derivações referenciais e estruturar a informação do texto (CASTILHO; ELIAS, 2012). Na “fábula”, há a predominância de substantivos concretos que, segundo Bechara (2009), “designa ser de existência independente” (p. 113). Observe a ocorrência do substantivo no excerto retirado da “fábula” *A raposa e o bode* (LA FONTAINE, 2010b, p.06): “A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência.”

Quanto aos adjetivos, a “fábula” apresenta uma baixa ocorrência direta de adjetivos, por isso há pouca descrição. Assim, a caracterização das personagens se constrói pela relação de sentidos atribuídos ao perfil de cada animal, em outras palavras, a emissão de juízo fica a cargo do leitor por meio da associação das características atribuídas aos animais-personagens, que segundo Fernandes (2001), são escolhidos “devido a algumas características que servem para a comparação com as atitudes humanas” (p. 43). Observe o fragmento de *A raposa e o bode* (LA FONTAINE, 2010b,):

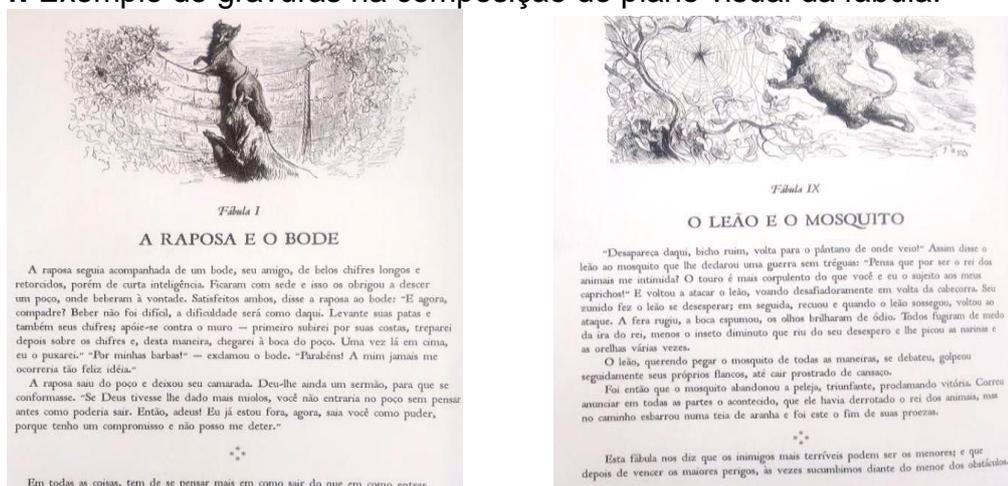
Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” – exclamou o bode. “Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia (p. 06).

No trecho em destaque, podemos verificar que, apesar de não aparecer adjetivos diretamente relacionados à raposa, o autor constrói o diálogo de modo que o leitor construa a imagem de uma raposa astuta, esperta e inteligente. Fernandes (2001) propõe um exercício que nos possibilita formar uma lista com alguns animais e as características geralmente relacionadas a eles e que auxiliam no entendimento das “fábulas”, a saber:

- Raposa; astuta, esperta e inteligente;
- Leão: forte, poderoso;
- Pavão: vaidoso;
- Lobo: mau, feroz;
- Burro: estúpido, ingênuo, bobo;
- Cordeiro: ingênuo, inocente, frágil;
- Cão: fiel, protetor, amigo;
- Cobra: artilosa, perigosa;
- Formiga: trabalhadeira, organizada;
- Tartaruga: vagarosa, lenta;
- Corvo: feio, agourento. (p.43)

Sobre os elementos paratextuais (quadros, imagens, cores) e supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados), Gérard Genette (2009 apud CARDOSO, 2015, p.32) afirma que um texto raramente é apresentado isoladamente, sempre vem acompanhado de certos elementos verbais ou não-verbais, os quais potencializam o seu consumo. As “fábulas” de nosso *corpus* são todas ilustradas com gravuras de Gustave Doré, são gravuras clássicas que se referem a algum acontecimento da história contada, auxiliando na composição do plano visual da narrativa e aparecem posicionadas próximas ao título geralmente antecedendo-o:

Figura 4: Exemplo de gravuras na composição do plano visual da fábula.



Fonte: La Fontaine, tradução e adaptação de René Ferri (2010).

Expostos os elementos que compõem o gênero “fábula” de forma detalhada, a seguir apresentamos um quadro-resumo do processo de modelização.

3.4 QUADRO SÍNTESE DO MODELO DIDÁTICO

Quadro 5 – Modelo teórico da fábula: características contextuais

Características contextuais da “fábula”
<ul style="list-style-type: none"> • Prática social: A “fábula” se propõe à reflexão dos valores morais e éticos de uma sociedade com o intuito de discutir e transmitir ensinamentos. • Gênero textual escrito pertencente à esfera literária e ficcional com função formadora. • A pessoa física que escreveu as “fábulas” que formam o <i>corpus</i> de nosso MDG é La Fontaine, um escritor e pensador do século XVII, que utilizava o gênero para denunciar, através da personificação dos animais, as misérias e as injustiças de sua época, pois a França vivia sob o poder de reis e nobres que exploravam os homens do campo e se falasse abertamente, poderia ser condenado à morte por conspiração. • Os interlocutores das “fábulas” de La Fontaine eram os intelectuais, filósofos, escritores e cidadãos (adultos e crianças) que transitavam pelos palácios, contudo, as histórias dirigiam-se principalmente aos adultos. No presente, os interlocutores das “fábulas” são principalmente as crianças, despertando o gosto pela leitura e propondo reflexões sobre os comportamentos sociais. • O veículo de circulação das “fábulas”, na época contadas oralmente, eram os palácios do século XVII, mas, atualmente, as “fábulas” circulam principalmente nos acervos pessoais particulares, nas escolas, nas bibliotecas escolares, nas bibliotecas municipais, etc., sendo utilizadas como instrumento para o letramento. • Suas “fábulas” foram reunidas em doze livros, os seis primeiros foram publicados em 1668 e os outros entre 1678 e 1694. Atualmente, são publicadas em livros específicos da esfera literária e também participam como um subgênero em anúncios publicitários, propagandas, filmes, novelas, músicas, etc. • O conteúdo temático da “fábula” está relacionado à necessidade de reflexão dos valores morais e éticos da sociedade e à discussão e transmissão de ensinamentos.

Fonte: Adaptado de Barros (2012, p.28-29)

Quadro 6 – Modelo teórico da fábula: características discursivas

Características discursivas da “fábula”
<ul style="list-style-type: none"> • O plano textual da “fábula” pode ser apresentado esquematicamente da seguinte forma: 1) o título (formado geralmente pelos nomes das personagens); 2) o texto propriamente dito (formado por uma sequência predominantemente narrativa); 3) a moral (um conselho ou uma avaliação de juízo estrategicamente apresentado após o texto. Na “fábula” é comum a utilização de um provérbio como moral). • A “fábula” é um gênero pertencente ao mundo do Narrar autônomo, organizado principalmente pelo tipo de discurso da narração, podendo apresentar o encaixamento do discurso interativo nas conversações das personagens. • A “fábula” organiza-se principalmente em uma sequência narrativa composta pelas seguintes fases: Situação inicial (apresentação inicial de estado ou situação de equilíbrio); fase de complicação (introduz uma perturbação e cria uma tensão); fase de ações (reúne os acontecimentos gerados pela perturbação); fase de resolução (introduz acontecimentos que reduzem a tensão); fase de situação final (explicita o novo equilíbrio obtido pela resolução) e fase de moral (explicita o significado global atribuído à história). • A “fábula” apresenta a sequência dialogal na construção das falas dos personagens, estruturada pelas três fases que seguem: fase de abertura (que coloca os interactantes em contato); fase/s transacionais com a/s qual/is (o conteúdo temático da interação verbal vai se co-construindo) e fase de encerramento (finaliza a interação).

Fonte: Adaptado de Barros (2012, p.28-29)

Quadro 7 – Modelo teórico da fábula: características linguístico-discursivas

Características linguístico-discursivas da “fábula”
<ul style="list-style-type: none"> • A “fábula” é um gênero da ordem do narrar que conta acontecimentos anteriores ao momento em que a fala está acontecendo, portanto sua organização temporal e hierárquica dos processos de estado, acontecimentos ou ações é construída predominantemente pelos tempos do pretérito (perfeito e imperfeito). • O tempo verbal predominante é o pretérito, enquanto em primeiro plano o

pretérito perfeito indica os acontecimentos, organiza-os cronologicamente e se constitui o fio condutor da narrativa, o pretérito imperfeito refere-se aos processos que ocorrem em segundo plano a partir dos acontecimentos principais da narrativa.

- Na “fábula”, o presente do indicativo também é empregado, porém com menor frequência nas sequências dialogais para tornar o texto mais próximo, dinâmico e causar maior expectativa ao leitor.

- A enunciação do gênero “fábula” é estabelecida pelas vozes do narrador, das personagens e do autor. Podemos encontrar nas “fábulas” as vozes do narrador-observador que conta os fatos, das personagens que interagem entre si na construção de um diálogo e do autor que pode ser percebida mais explicitamente na moral, uma espécie de resumo da intenção do fabulista ao contar a história.

- Outro elemento caracterizador do gênero “fábula”, ao passo que marca as vozes das personagens, é o emprego do discurso direto e do discurso indireto que se realizam por meio de estruturas e/ou de pontuações específicas.

- A pontuação da “fábula” segue os padrões dos textos narrativos. As personagens, na maioria das vezes, realizam a ação de falar e/ou pensar, caracterizando a ocorrência do discurso direto com ajuda explícita ou não de verbos dicendi (disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc.) geralmente seguidos de dois pontos ao encerrar a declaração do narrador, anunciando a passagem da palavra para as personagens e marca com travessão a troca dos turnos da fala.

- Na “fábula”, utilizamos os artigos para determinar ou indeterminar os elementos da história. Na introdução de um elemento ao texto ou na referência a um elemento não especificado utilizamos o artigo indefinido, enquanto que, para retomar um elemento já mencionado no texto ou específico, empregamos o artigo definido.

- Os substantivos concretos tem papel central na formação das expressões nominais referenciais ao introduzir um novo tópico ao texto, realizar derivações referenciais e estruturar a informação do texto.

- Quanto ao uso de adjetivos, a “fábula” apresenta uma baixa ocorrência direta de adjetivos, por isso há pouca descrição, a caracterização das personagens fica a cargo do leitor por meio da associação de características ou atitudes humanas atribuídas aos animais-personagens.

- Quanto aos elementos paratextuais e supratextuais da “fábula”, destacamos o

título e as ilustrações: 1) o título é geralmente composto pelo(s) nome(s) do(s) principal(is) animal(is)-personagem(ns) da narrativa às vezes acrescido de um acontecimento, nomeia o texto e possibilita ao leitor a realização de inferências a respeito do texto. 2) As ilustrações que são gravuras clássicas de Gustave Doré e acompanham, ornamentam e enriquecem o texto escrito, ampliando a história narrada, pois são referências a algum acontecimento da história e auxiliam na composição do plano visual da narrativa.

Fonte: Adaptado de Barros (2012, p.28-29)

Conhecidos os elementos que caracterizam o gênero “fábula” em uma adaptação da proposta do ISD de construir um modelo didático, consideramos que os exemplares que formam o nosso *corpus* são modelos, ou seja, apresentam as características apresentadas de forma detalhada nessa seção, não tendo a necessidade, portanto, de construir um único ou um novo modelo didático do gênero “fábula”.

Nesse sentido, construímos nosso material didático com base nas características (re)conhecidas e nos exemplares do gênero, o qual está em apêndice a este relatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a trajetória de produção desse relatório, pudemos observar, pelo menos teoricamente, visto que a implementação de nossa referida proposta acontecerá apenas ao término do mestrado/Profletras, pois é o que nos comprometemos a realizar, que a proposta de ensino de Língua Portuguesa a partir dos gêneros discursivos pode ser o caminho para ensinar a língua materna, uma vez que torna o ensino e a aprendizagem da leitura e da produção textual mais significativos para os alunos, pois são os gêneros que materializam a língua e estão diretamente vinculados às nossas vidas, estabelecendo nossas relações sociais.

O trabalho foi iniciado por uma vasta pesquisa bibliográfica em busca de um referencial teórico que legitimasse nosso estudo. Foi uma etapa bastante difícil diante das incertezas inerentes a todo começo de um novo projeto de estudos. Conforme nossa pesquisa se aprofundava e o interesse pessoal e profissional impulsionava a busca por novas leituras, abria-se uma amplitude de possíveis caminhos a seguir. Assim, para alcançar nosso objetivo geral, delimitamos uma linha de estudo pautada em Bronckart (2012), que, embasado pelas definições de Bakhtin (1997), desenvolveu categorias de análise de textos para que as características de um gênero possam ser apreendidas; e, em uma linha mais didática do ISD, nos pesquisadores Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004) que elaboraram a sequência didática, procedimento para o ensino dos gêneros textuais em sala de aula.

O resultado de nosso trabalho foi a produção de um modelo didático do gênero “fábula” e uma sequência didática apresentada na forma de um caderno pedagógico para ensinar o gênero aos alunos do 6º ano do ensino fundamental. O aprofundamento teórico para a elaboração desse material proporcionou-nos a reflexão sobre a práxis pedagógica do ensino de Língua Portuguesa nas escolas e nos levou a constatação de que devemos rever nossa prática docente com a língua materna, a fim de dirimir as dificuldades de leitura e de escrita e impulsionar o aprendizado dos alunos desse ano escolar.

Portanto, a intenção é que esse trabalho seja utilizado como material de apoio em nossa prática docente nas salas de aula do 6º ano e que possa ser também suporte para outros professores, adaptando-se o material de acordo com a realidade/necessidade discente e docente. Desse modo, esperamos que, além de aprimorar e impulsionar nossa práxis pedagógica em sala de aula, possamos

também contribuir de forma significativa com outros professores que se interessem pelo ensino da leitura e da escrita utilizando o gênero “fábula”.

Enfim, ressaltamos que, apesar das incertezas, os objetivos iniciais propostos nesse relatório foram atingidos. Demonstrando que todo trabalho a ser desenvolvido deve ser bem planejado e embasado em um bom referencial teórico e que os professores devem estar em constante busca do aprimoramento de suas práticas de ensino para melhorar o seu desempenho e o desempenho dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**, tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____/VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo/SP: Hucitec, 2006.
- BALTAR, Marcos. O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD. In: GUIMARÃES, Ana Maria Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia. (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007, p. 145-160.
- BAGNO, Marcos. **Fábulas Fabulosas**. In: **Práticas de leitura e escrita** / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Trabalhando com os gêneros do discurso: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: PUC, 2001. (Doutorado em Linguística Aplicada ao Estudo de Línguas), do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada ao Estudo de Línguas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação**. 2012. 366f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- _____. Transposição didática externa: A modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raído**. Dourados, MS, v. 6, n. 11, p 11 - 35, jan./jun. 2012.
- _____. A capacidade de ação discursiva: representações do contexto de produção em situação de ensino-aprendizagem da escrita. **Trab. Ling. Aplic.** Campinas, n(54.1): p 109-136, jan./jun. 2015.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- BRITO MENEZES, Anna Paula de Avelar. **Contrato didático e transposição didática: inter-relações entre os fenômenos didáticos na iniciação à álgebra na 6º série do ensino fundamental**. Tese de doutorado não publicada, UFPE, 2006. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/431_246.pdf

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. 2ª ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 2012.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, Vol. 4, n. 9, PP. 803-809, set/1972.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. **La Fontaine no Brasil**: história, descrição e análise paratextual de suas traduções. 2015. 166p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAGAS, Pinheiro. **Fábulas escolhidas**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. 2 ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

_____. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

De PIETRO, Jean-François; ERARD, Serge; KANEMAN-POUGATCH, Massia. Un modèle didactique du “débat”: de l’objet social à la pratique scolaire. **Enjeux**, v. 39/40, p. 100-129, 1996/1997.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

_____; _____. NOVERRAZ, Michèle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-147.

FERNANDES, Mônica Teresinha Ottoboni Sucar. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: narrar: fábula. São Paulo: FTD, 2001.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1991 (Manuais de estudo).

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. Gêneros textuais como objeto ensinado em práticas de ensino aprendizagem do português. In: V Congresso Internacional da ABRALIN, 2007, Belo Horizonte. **Caderno de Resumos**. 2007.

JEAN DE LA FONTAINE. In **Britannica Escola Online**. Enciclopédia escolar britannica, 2016. Web, 2016. Disponível em: <http://escola.britannica.com.br/article/483330/Jean-de-La-Fontaine>>. Acesso em: 14 de julho de 2016.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010.

_____. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010a.

_____. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010b.

ROSA, Lúcia Regina Lucas; LIMA, Renan de Moura Rodrigues. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS – **Revista de Iniciação Científica do Unilasalle**, Canoas – RS, n. 1 maio/2012, 153-169.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gênero: aportes e questionamentos para o ensino de gênero. In: **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0603/060309.pdf>

MACHADO, Irene de Araújo. **Literatura e redação**: os gêneros literários e a tradição oral. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra-FABULA>. Acesso em 13/03/2017.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de; RODRIGUES, Flávio Nigro; CAMPOS, João Rocha. **Português: a arte da palavra**. 6º ano. São Paulo: Editora AJS, 2009.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica** – Língua Portuguesa – Departamento de Educação Básica. Curitiba, SEED, 2008.

RODRIGUES, Marinéa Silva Figueira; LIMA, Julia Maria Domingos; MARTINS, Vera Vieira. As Fábulas no processo de Alfabetização e Letramento. **Revista Mosaico**. 2016 Jan./Jun.; 07 (1): 38-43.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Helena Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2015.

SATIM, Marineide Beckhauser. **Contrariando o desfecho da fábula**. Alto Paraná: Programa de Desenvolvimento Educacional da SEED, 2008.

SOARES, Magda Becker. **Jornal do Brasil - 26/11/2000**. Entrevista por ELIANE BARDANACHVILI <http://docplayer.com.br/15260165-Entrevista-com-magda-becker-soares-prof-universidade-federal-de-minas-gerais.html>

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. Uma proposta de modelização do gênero textual artigo de opinião. In: IX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários. 2012. **Anais...** UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2012. ISSN – 18089216. p. 968-979.

_____. **A internalização dos gêneros textuais como instrumentos mediadores por professores em formação no PDE-Paraná**. 2013. 429 fl. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

_____. O método de análise de textos desenvolvido pelo Interacionismo Sociodiscursivo. Striquer (UENP-CJ) p.313-334 **Eutomia**, Recife, 14 (1): 313-334, Dez. 2014.

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. Projetos de formação pré-serviço do professor de língua inglesa: sequências didáticas como instrumento no ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n1/06.pdf>.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais : a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo : Atlas, 1987.

ANEXO A

Corpus de fábulas

Fábula I

A rã que queria ser do tamanho do touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

— Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 09)

Fábula II

As duas mulas



Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco.

A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.

Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas. A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga.

— Por que isso foi acontecer comigo? – perguntou a mula, gemendo em agonia.

— Se trabalhasse para um homem pobre e humilde como eu – respondeu a outra mula – nada disso teria acontecido.

Sofre maiores riscos, quem assume maiores responsabilidades.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.10)

Fábula III

A andorinha e os outros passarinhos



Uma andorinha havia aprendido muito em suas viagens. De tudo que havia visto aprendeu bastante, adquiriu sabedoria e conhecimento. Com sua experiência, por exemplo, era capaz de prever todas as borrascas e antes que elas desabassem, avisava aos marinheiros sobre elas. Vendo um camponês lançar sementes nos campos lavrados, a andorinha foi falar aos passarinhos da vizinhança:

— Não me agrada o que vejo. E meu receio é por vocês, não por mim que posso ir viver em qualquer lugar ao longe e a salvo dos perigos. Estão vendo aquelas mãos ágeis? Pois o que elas espalham trará a desgraça para vocês. Em breve, aquelas mãos estarão colocando armadilhas que os prendam e seu futuro serão as gaiolas e a morte.

Os passarinhos riram para ela. Ora, o campo produzia alimento com fartura que podia dar de comer a todos. A andorinha voltou a adverti-los:

— Corram agora se alimentar, pois quando o lavrador não estiver mais ocupado cultivando a roça, ele vai colocar as armadilhas para prender e matar o maior número de vocês. Vão agora e, depois, mudem de clima ou se escondam em seus ninhos, já que não podem voar pelos ares como eu, buscando novos mundos.

As avezinhas, cansadas de ouvir os avisos da andorinha saíram em debandada praguejando contra ela:

— Tagarela! Está debochando de nós!

E no final cumpriu-se a predição. Os passarinhos, desconhecendo os riscos, caíram nas armadilhas, emaranharam-se nas redes e no visgo que o lavrador espalhou pela lavoura.

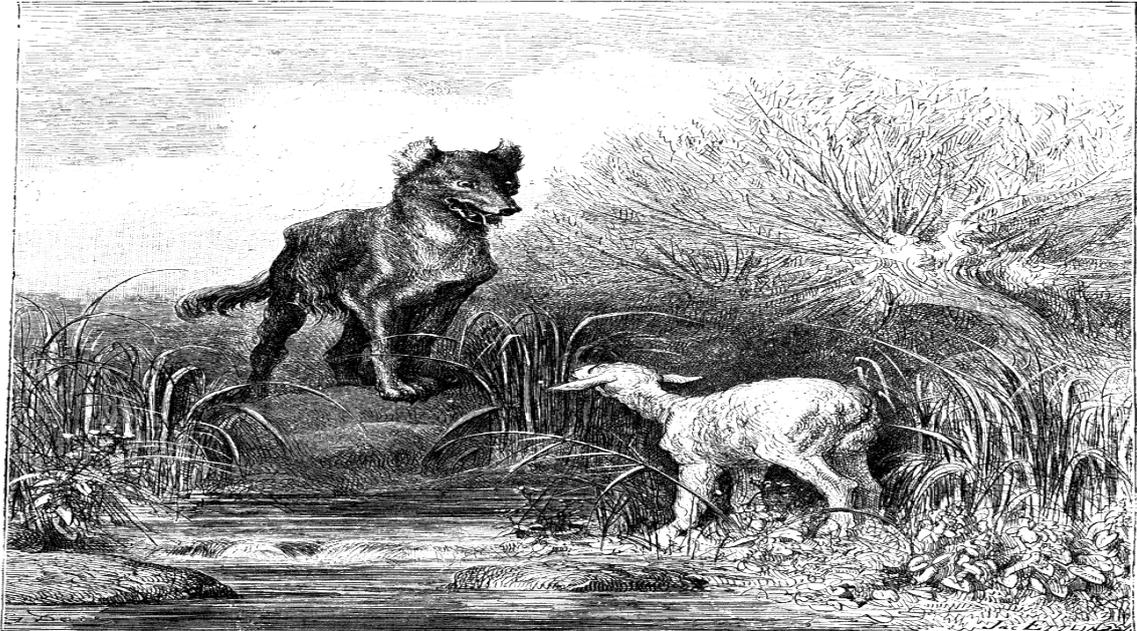
Só damos atenção àquilo que queremos ouvir e só cremos na desgraça quando vemos a cara que ela tem.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

Fábula IV

O lobo e o cordeiro



Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

— O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?

— Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim?

O feroz animal mudou o discurso:

— Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado!

— Impossível, senhor, pois no ano passado eu ainda não havia nascido.

— Ah, então foi seu irmão mais velho!

— Ora, não tenho irmãos, senhor!

— Pois seria algum dos seus, que me odeiam, os seus pastores e cachorros. O que eu sei é que tenho de me vingar!

Disto isto, o lobo saltou sobre o cordeirinho, levou-o para o fundo do bosque e o comeu.

A razão do mais forte é sempre a que prevalece.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 24)

Fábula V

O grande congresso dos ratos



Miciful. Gato astuto havia feito tal matança entre os ratos, que apenas se via um ao outro: a maior parte jazia morta. Os poucos que ousavam sair do seu esconderijo passavam mil apuros: para aqueles desafortunados, Miciful não era um gato, mas o próprio diabo.

Certa noite, o inimigo dos ratos deu uma trégua, resolveu passear pelos telhados atrás de uma gata, com a qual ficou entretido em um longo colóquio; os ratos sobreviventes aproveitaram para se encontrar num congresso, para discutir a grande questão daquele momento: o que fazer contra os ataques de Miciful.

O grande líder dos ratos, fazendo jus à sua posição, opinou antes de todos: “Por motivos de cautela, julgo ser preciso prender, sem demora, um guizo no pescoço de Miciful; assim, quando ele sair à caça, todos nós vamos poder ouvir e fugir do perigo!”

Todos concordaram com a ideia; a todos a medida pareceu excelente... porém, surgiu uma única dificuldade: saber quem iria amarrar o guizo no pescoço do gato. Um reto disse: “Não vou arriscar a pele, não sou assim tão tolo.” Outro: “Pois eu tampouco me atrevo.” E assim, um a um os ratos foram desistindo da empreitada e o congresso foi dissolvido.

Assim sempre acontece nos conselhos e reuniões! Se precisar discutir e deliberar, os conselheiros aparecem aos montes, assim como planos e projetos. Porém, se algo precisar ser feito, aí não dá para se contar com ninguém!

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 06)

Fábula VI

Os dois touros e as rãs

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. “O que tem?”, perguntou-lhe uma companheira. “Não compreende no que esta contenda vai resultar? Um vencerá e o perdedor baterá em fuga, renunciando àquela viçosa pradaria. E sem poder desfrutar de seus pastos, o perdedor virá se alimentar com o mato verde da nossa região e poderá nos pisar debaixo d’água. Seremos nós as vítimas desse combate provocado pela dona novilha.”

E seu temor tinha fundamento, um dos touros correu se refugiar nos juncais e num segundo esmagou mais de vinte rãs.

Ah, é sempre assim... quando os maiores brigam os menores levam a pior.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 11)

Fábula VII***O leão e o mosquito***

“Desapareça daqui, bicho ruim, volta para o pântano de onde veio!” Assim disse o leão ao mosquito que lhe declarou uma guerra sem tréguas: “Pensa que por ser o rei dos animais me intimida? O touro é mais corpulento do que você e eu o sujeito aos meus caprichos!” E voltou a atacar o leão, voando desafiadoramente em volta da cabeça. Seu zunido fez o leão se desesperar; em seguida, recuou e quando o leão sossegou, voltou ao ataque. A fera rugiu, a boca espumou, os olhos brilharam de ódio. Todos fugiram de medo da ira do rei, menos o inseto diminuto que riu do seu desespero e lhe picou as narinas e as orelhas várias vezes.

O leão, querendo pegar o mosquito de todas as maneiras, se debateu, golpeou seguidamente seus próprios flancos, até cair prostrado de cansaço.

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas.

Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 18)

Fábula VIII***O leão e o rato***

O rato saiu de uma toca, aturdido, e caiu entre as garras de um leão. O rei dos animais, comportando-se naquele caso como quem é magnânimo, poupou-lhe a vida. O benefício foi muito bem pago, pois apesar de não se crer que o leão viesse a precisar do rato, sucedeu que um dia, saindo do bosque, o valente animal caiu numa armadilha de redes, das quais não podia livrar-se à força de rugidos. O rato o ajudou, roendo as malhas das redes e dessa forma libertou o monarca selvagem.

Paciência e persistência às vezes conseguem mais do que força e fúria.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 28)

Fábula IX**A raposa e o bode**

A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência. Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como sair daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” – exclamou o bode. “Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia.”

A raposa saiu do poço e deixou seu camarada. Deu-lhe ainda um sermão, para que se conformasse. “Se Deus tivesse lhe dado mais miolos, você não entraria no poço sem pensar antes como poderia sair. Então, adeus! Eu já estou fora, agora, saia você como puder, porque tenho um compromisso e não posso me deter.”

Em todas as coisas, tem de pensar mais como sair do que em como entrar.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 06)

APÊNDICE 1

Caderno destinado ao professor



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



JOSÉ APARECIDO MOREIRA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO FÁBULA DESTINADA
AOS ALUNOS 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Caderno destinado ao professor

CORNÉLIO PROCÓPIO
2017

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Professor(a):

Seus alunos são capazes de reconhecer uma fábula ao se depararem com esse gênero? Eles são capazes de produzir ou realizar uma releitura de uma fábula?

A seguir apresentamos uma sequência didática para ampliar as capacidades de leitura e de escrita dos alunos e ensinar o gênero textual fábula. Espera-se que, ao final da execução dessa sequência didática, o aluno seja capaz de realizar releituras de fábulas clássicas, atribuindo a elas características da sociedade atual.

A SD está organizada em dois cadernos que contém as mesmas atividades. Contudo, o caderno destinado ao professor traz as respostas dos exercícios, orientações e sugestões específicas para o desenvolvimento das atividades. As orientações e sugestões estão em caixas de textos destacadas por um fundo escuro, enquanto as sugestões de respostas encontram-se nas próprias atividades.

O ensino de um gênero deve começar com a apresentação de um motivo ou alguma necessidade comunicativa para motivar o seu estudo. Por isso apresentamos inicialmente uma sugestão de emprego da fábula em uma situação bem comum do dia a dia escolar.

Olá, Caro aluno! Você já ouviu ou leu alguma história em que as personagens são animais e que apresenta em seu final uma moral? Essas histórias são chamadas de fábulas. Se você não sabe muita coisa sobre esse gênero textual ou não o conhece, não se preocupe porque vamos estudá-lo a seguir.

Muitas vezes queremos ensinar, dar conselhos ou criticar algo, mas fazer isso diretamente pode não ser bem recebido pelas pessoas e pode dar origem a brigas e discussões.

Dessa forma, procuramos dar conselhos ou criticar de modo indireto, um bom recurso é a invenção de uma história com ações e personagens que podem representar o que queremos criticar ou ensinar, pois uma ou outra personagem pode apresentar as características, ou realizar ações, ou demonstrar comportamentos que gostaríamos que fosse diferente.

Para tornar a crítica ainda mais indireta, muitas vezes, recorremos a uma narrativa em que as personagens são animais, que representam uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade, esse gênero textual é a “fábula”. Assim, tendo o objetivo também de transmitir um ensinamento, as fábulas são histórias muito antigas que fizeram e fazem parte de praticamente todas as culturas e em todos os períodos históricos.

A “fábula”, portanto, é um gênero utilizado em situações comunicativas nas quais se pretende propor questionamentos, levar as pessoas envolvidas a uma reflexão sobre seus comportamentos ou suas atitudes e proporcionar ensinamentos.

Abaixo, você lerá um texto que traz uma situação hipotética (fictícia), mas que poderia ocorrer na vida real, em que um professor emprega a fábula para fazer os alunos refletirem sobre os seus comportamentos e mudarem suas atitudes.

Suponha que um professor e sua turma estejam participando de uma reunião para melhorar o desenvolvimento das aulas e o desempenho dos alunos que estão com dificuldades de aprendizagem. Depois de identificar os possíveis motivos que atrapalham o rendimento das aulas, o professor abre espaço para a apresentação de sugestões. Após a apreciação das ideias apresentadas, todos chegam à conclusão de que uma reorganização da disposição dos alunos na sala seria necessária para que eles se concentrassem mais e para que um aluno pudesse auxiliar o outro com dificuldade.

O professor começou a propor as modificações. Logo de início, o primeiro aluno disse que não queria mudar de lugar, porque gostava de ficar perto da porta, outro não queria, porque gostava de ficar na frente para enxergar melhor. Um deles disse que não poderia ir para perto da janela, porque a luz o atrapalharia e teve outro que disse que não se sentaria perto de ninguém com dificuldades, porque perderia a concentração ao ajudar alguém, e, assim, foi acontecendo por algum tempo. Então o professor pegou um livro, que estava em sua bolsa e leu para turma a seguinte história:

O grande congresso dos ratos



Miciful. Gato astuto havia feito tal matança entre os ratos, que apenas se via um ao outro: a maior parte jazia morta. Os poucos que ousavam a sair do seu esconderijo passavam mil apuros: para aqueles desafortunados, Miciful não era um gato, mas o próprio diabo.

Certa noite, o inimigo dos ratos deu uma trégua, resolveu passear pelos telhados atrás de uma gata, com a qual ficou entretido em um longo colóquio; os ratos sobreviventes aproveitaram para se encontrar num congresso, para discutir a grande questão daquele momento: o que fazer contra os ataques de Miciful.

O grande líder dos ratos, fazendo jus à sua posição, opinou antes de todos: “Por motivos de cautela, julgo ser preciso prender, sem demora, um guizo no pescoço de

Miciful; assim, quando ele sair à caça, todos nós vamos poder ouvir e fugir do perigo!”

Todos concordaram com a ideia; a todos a medida pareceu excelente... porém, surgiu uma única dificuldade: saber quem iria amarrar o guizo no pescoço do gato. Um rato disse: “Não vou arriscar a pele, não sou assim tão tolo.” Outro: “Pois eu tampouco me atrevo.” E assim, um a um os ratos foram desistindo da empreitada e o congresso foi dissolvido.

Assim sempre acontece nos conselhos e reuniões! Se precisar discutir e deliberar, os conselheiros, os planos e os projetos aparecem aos montes, Porém, se algo precisar ser feito, aí não dá para se contar com ninguém!

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06)

1) Baseados no que estamos estudando sobre fábulas, qual foi a intenção do professor em contar essa fábula para os alunos na situação que apresentamos?

Sugestão de resposta: ele contou a história para fazer os alunos refletirem sobre as próprias ações.

2) A qual ou a quais personagens da fábula *O grande congresso dos ratos* podemos relacionar o comportamento dos alunos? Por quê?

Sugestão de resposta: podemos relacionar o comportamento dos alunos ao comportamento dos ratos, porque deram sugestões, mas não colaboraram para executá-las.

Você pôde perceber que a fábula, apesar de parecer uma história desprezível de animais, ilustra algum vício ou virtude de um segmento da sociedade, finalizando com uma lição de moral. Na verdade, as fábulas são contadas há séculos com o objetivo de aconselhar, distrair, e alertar os adultos dos perigos que poderiam acontecer à sociedade. Além disso, assim como outros gêneros narrativos, a fábula nos ensina sobre a cultura e o modo de vida dos povos. Afinal aprendemos grande parte do que é necessário para viver em sociedade pelas histórias que ouvimos ou lemos.

Se você não sabia disso, não se preocupe. A seguir vamos realizar atividades interessantes para conhecer, entender e compreender melhor as fábulas. São atividades que têm o objetivo de melhorar as suas habilidades de leitura e de escrita. E, ao final deste nosso material, você realizará a releitura de uma fábula clássica, dando a ela uma roupagem mais atual, nela você vai discutir questões sobre a sociedade atual. Seu texto e os textos de seus colegas de sala serão expostos para a comunidade escolar em varais literários ou murais nas dependências da escola para que todos possam ler, depois serão reunidos formando um pequeno livro que ficará disponível para leitura e consulta na biblioteca da escola.

CONHECENDO AS CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS DA FÁBULA

Professor(a):

Nesta seção, os alunos irão aprender o conceito teórico de fábula, estudarão sobre La Fontaine e seu contexto, e compreenderão as transformações sofridas pelas fábulas ao longo do tempo para entender como ela foi preservada e modificada para debater, criticar e fazer refletir sobre questões da sociedade em diversas épocas.

1– DEFINIÇÃO E ORIGEM DA FÁBULA

fábula

fá·bu·la

sf

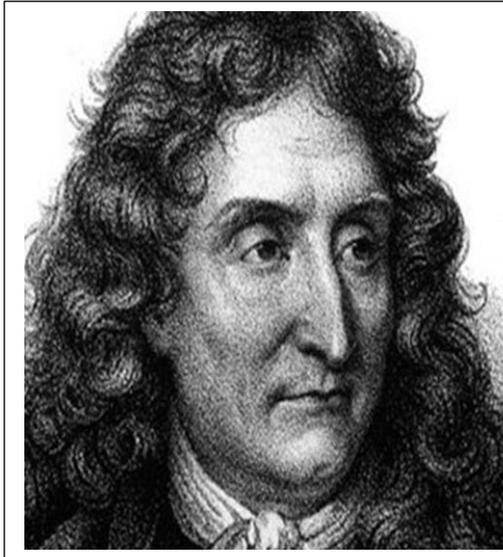
1 **LIT** Pequena narrativa em prosa ou em verso em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas, animais e até entidades inanimadas: *“As cigarras cantavam nas árvores e as formigas trabalhavam na terra, bem como na fábula do grande La Fontaine”* (EV).

DISPONÍVEL EM: [HTTP://MICHAELIS.UOL.COM.BR/BUSCA?R=0&F=0&T=0&PALAVRA-FÁBULA](http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=fábula)

As fábulas são contadas há aproximadamente 2800 a.C. No entanto, não há como afirmar quem foi o criador, nem onde exatamente surgiu o gênero fábula, mas existem registros indicando que ele surgiu no Oriente e que foi difundido na Grécia pelo escravo chamado Esopo, há 2.600 a.C. com o objetivo de aconselhar e distrair os adultos e também servia como alerta de perigos que poderiam acontecer à sociedade.

No Ocidente, as fábulas foram ganhando nova roupagem a partir do grego Esopo (séculos VII e VI a.C.), mas somente um século depois foi aperfeiçoada estilisticamente pelo escravo Fedro (15 anos a. C. – 50 d. C.). Já no século XVI, sem grande repercussão, foi descoberta e reinventada por Leonardo da Vinci, mas muitos estudiosos afirmam que foi no século XVII, que surgiu na França um dos mais importantes fabulistas, Jean de La Fontaine (1616 -1695).

2 – CONHECENDO JEAN DE LA FONTAINE



La Fontaine reinventou as fábulas e, em uma de suas primeiras coletâneas, atribuiu a elas características literárias próprias da poesia: construção em rimas, detalhamento das personagens em relação às suas características e tinha uma preocupação ainda maior com moral da história. As fábulas de La Fontaine foram criadas nos salões dos nobres, onde se reuniam intelectuais, filósofos e pensadores para conversar sobre o modo

de vida da sociedade. La Fontaine passou a utilizar o gênero para denunciar, através da personificação dos animais, as misérias e as injustiças de sua época, utilizando-se de ironia para expor o comportamento daqueles que o ouviam nos salões da corte.

Naquele período, a França vivia sob o poder de reis e nobres que possuíam grandes quantidades de terras e se enriqueciam com a exploração dos homens do campo, mas ninguém podia falar abertamente sobre esse assunto, pois poderia ser condenado à morte por conspiração. Assim, La Fontaine utilizava as fábulas para se expressar. Nesse sentido, as histórias eram contadas e direcionadas para adultos.

Na atualidade, a fábula circula principalmente nos acervos pessoais particulares, nas escolas, nas bibliotecas escolares, nas bibliotecas municipais, etc. e também participa como um subgênero em anúncios publicitários, propagandas, filmes, novelas, músicas, etc.

3 – A TRANSFORMAÇÃO DA FÁBULA AO LONGO DO TEMPO

Vamos conhecer como a fábula atravessou os anos, ou seja, como ela foi sendo preservada de geração a geração e modificada para debater, criticar e fazer refletir sobre questões da sociedade de cada tempo.

Professor:

Oriente os alunos a prestarem atenção às diferenças e semelhanças encontradas nas

fábulas quanto: ao tema, à moral, à intenção dos autores, aos interlocutores, ao contexto de produção, à prática social e à esfera de circulação.

Fábula 01:



O leão e o rato

Um leão estava dormindo e um rato passeava sobre seu corpo. Acordando e tendo apanhado o rato, ia comê-lo. Como o rato suplicasse que o largasse, dizendo que, se fosse salvo, lhe pagaria o favor, o leão sorriu e deixou-o ir.

Não muito depois, o leão foi salvo, graças ao reconhecimento do rato. Com efeito, preso por caçadores e amarrado a uma corda, logo que o ouviu gemendo, o rato se aproximou, roeu a corda e o libertou, dizendo: "Recentemente riste, não acreditando em uma retribuição da minha parte, mas agora vê que também entre os ratos existe reconhecimento".

Moral da fábula: Os mais poderosos precisam dos mais fracos.

(Esopo. *Fábulas de Esopo*. São Paulo, Loyola, 1995)

Esopo foi um homem lendário que viveu no século VI a.C., época em que os povos dividiam-se basicamente em dois grupos: os mais fortes e os mais fracos. Naquela época, os povos eram muito dominadores e queriam sempre mostrar quem eram os mais fortes. Os prisioneiros de guerra eram tomados como escravos. Esopo era um desses escravos, gago, corcunda e muito miúdo, mas era muito inteligente. Devido a seu bom-senso e esperteza foi considerado o maior fabulista do século VI a.C. De tanto livrar seus senhores de embaraços com sua sabedoria, Esopo conquistou sua liberdade e viajou por outras terras, ganhou notoriedade com seus conselhos e fábulas e em todo lugar era reconhecido e recebia várias homenagens.

Fábula 02:

O leão e o rato

O rato saiu de uma toca, aturdido, e caiu entre as garras de um leão. O rei dos animais, comportando-se naquele caso como quem é, magnânimo, poupou-lhe a vida.

O benefício foi muito bem pago, pois apesar de não se crer que o leão viesse a precisar do rato, sucedeu que um dia, saindo do bosque, o valente animal caiu numa armadilha de redes, das quais não podia livrar-se à força de rugidos. O rato o ajudou, roendo as malhas das redes e dessa forma libertou o monarca selvagem.

Paciência e persistência às vezes conseguem mais do que força e fúria.

(Jean de La Fontaine. *Fábulas de La Fontaine*: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.28)

As informações sobre La Fontaine foram apresentadas na subseção anterior, volte lá e relembre.

Fábula 03:

O Leão e o ratinho

Ao sair do buraco viu-se o ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

- Segue em paz, ratinho; não tenhas medo do teu rei.

Dias depois, o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

- Amor com amor se paga – disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas. Um instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outra cedem e ele fugiu.”

Mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão.

(Monteiro Lobato. **Fábulas**. 50ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994)

Monteiro Lobato foi um escritor brasileiro que escreveu para adultos e crianças entre 1920 e 1940. Suas histórias infantis, porém, é o que o tornaram famoso. Entre muitas obras, ele publicou o livro *Fábulas*, no qual recriou e contou fábulas de Esopo e de La Fontaine, além de produzir suas próprias fábulas. Viveu em uma época do Brasil em que muitas pessoas ainda moravam no campo, não havia muitas indústrias e as cidades eram menores. Monteiro Lobato acreditava na valorização do povo brasileiro, das riquezas da terra, de nossa cultura, de nossos costumes, etc. Por isso em quase todas as suas obras infantis, ele se preocupou com a preparação das crianças para a vida em sociedade.

Fábula 04:

Fábula

Um ratinho virtual vinha por uma floresta de signos. Perto de uma caverna, avistou um leão, desses grandes, ameaçadores, desenhados em programas coloridos, bem modernos.

—Vou te devorar — disse o leão. — E não adianta disfarce de ratinho virtual, cibernético ou seja lá o que for.

— Não faz isso — suplicou o ratinho.

— Por que, se sou o leão?

— Não sou compatível.

— Ah — rugiu leão — essa é boa. Vou te processar no meu texto. Mas eu acordei de bom humor, perdoo tua arrogância.

— Arrogância? Que arrogância?

— Arrogância de existir. O ratinho percebeu que aquele seria um diálogo difícil. Estava diante de um leão que ignorava o direito dos mais fracos. Melhor afastar-se dali o mais depressa possível.

— Ah — exclamou o ratinho — me perdoa por existir.
 — Está bem, mas desaparece. Antes de sumir no mato, o ratinho disse:
 — Um dia vou te salvar. Ou vou salvar outro leão. Nem que seja numa fábula.
 — Essa é boa — disse o ciberleão, achando acintosa a atitude do ratinho. Alguns anos depois, porém, o leão estava ao computador. Aperta uma tecla aqui, outra ali, e teve a ideia de conversar, via Internet, com os leões do zoológico de Tóquio. Acontece que ele deu um comando errado e caiu numa rede de caçadores. Esses homens, virtuais, rudes, riram de satisfação e discutiram o que fazer com tão preciosa caça. Sem chegar a nenhuma conclusão, deixaram o leão na rede e foram conversar com seus companheiros. O leão lutou ainda muito tempo mas, mesmo assim, não conseguiu sair. Cansado, ficou cibertriste. Sabia que os caçadores iriam apagá-lo. Ou então levá-lo para um zoológico bem longe. Passado algum tempo, ouviu uma voz junto de seu ouvido. Era a voz do ratinho virtual.

— O que estás fazendo aí, nessa rede? — quis saber o ratinho, que passava por ali, procurando um leão preso em rede, a fim de cumprir sua promessa.
 — Caí aqui por acaso e não consigo sair.
 — Vou te livrar dessa armadilha.
 Como um animal tão insignificante poderia ajudá-lo?
 — Chama alguém maior e mais forte. Nem disco rígido tens. Nunca conseguirás me tirar daqui — rugiu o ciberleão, rei dos programas mais sofisticados do mundo e amigo pessoal do Bill Gates.
 — Sou pequeno mas tenho os bits afiados — disse o ratinho. O ratinho roeu então algumas malhas da Internet e o leão pôde escapar. Quando os caçadores voltaram, a rede estava vazia.

(Sérgio Capparelli. **33 ciberpoemas e uma fábula virtual**. 6. ed. Porto Alegre: L&PM,1996.)

Sérgio Capparelli nasceu em 1947, na cidade de Uberlândia (MG), mas morou em diversos lugares como Goiânia, Curitiba, Porto Alegre, Paris, Munique, Grenoble, Londres, Montreal e Beijing. Várias de suas obras estão voltadas para o público infanto-juvenil. Escreveu cerca de trinta livros dentre os quais destacamos *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* em 1996.

Professor:

Para enriquecer o trabalho, seria interessante exibir o vídeo da versão infantil *O leão e o ratinho*, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=36Bd_GpCRKs. Após a exibição do filme, compará-lo às versões lidas e comentar sobre as diferenças e semelhanças, chamando a atenção dos alunos para a intenção presente em cada uma.

ATIVIDADES

1) Qual o tema das fábulas, isto é, de qual assunto as fábulas tratam?

Sugestão de resposta: fábula de Esopo – os poderosos precisam dos mais fracos; fábula de La Fontaine – a paciência e a persistência em determinadas situações são mais eficientes do que a força e a fúria; fábula de Monteiro Lobato - a paciência vale mais do que a força; fábula de Capparelli – os mais fortes também precisam dos mais fracos.

2) Descreva como o rei é retratado nas Fábulas.

Sugestão de resposta: para Esopo, o rei era forte e poderoso; para La Fontaine, o rei era grandioso magnânimo, nobre; para Lobato, era bondoso, caridoso e piedoso; e para Capparelli, era um rei que ignorava os direitos do mais fracos.

3) O leão é conhecido como o rei dos animais, apesar de não termos rei no Brasil a quem poderíamos relacionar a imagem do leão? Por quê?

Sugestão de resposta: o leão pode ser relacionado ao presidente da república, porque é a pessoa que chefia o país.

4) A fábula de Caparelli, diferentemente das outras versões, não apresenta uma moral destacada, mas pela leitura é possível perceber a intenção do autor. Qual é a intenção do autor?

Sugestão de resposta: demonstrar que o conhecimento e a habilidade é mais eficiente do que a força física ou o tamanho

5) Na versão de Caparelli, qual é o tratamento dispensado ao rato? Que tipo de pessoas o rato simboliza?

Sugestão de resposta: espera-se que aluno perceba que o rato simboliza as pessoas humildes que sofrem o menosprezo de pessoas de classe mais elevada.

6) Você notou que Caparelli utiliza várias expressões ou palavras que se referem à atualidade. Você é capaz de identificá-las? Copie alguns exemplos.

Sugestão de resposta: ratinho virtual, floresta de signos, leão desses ... desenhados em programas coloridos, bem modernos, cibernético, não sou compatível, vou te processar no meu texto, ciberleão, computador, tecla, via Internet, ele deu um comando errado e caiu numa rede de caçadores, cibertriste, disco rígido, programas mais sofisticados do mundo, amigo pessoal do Bill Gates e bit afiados

7) Quem escreveu fábula 01? Como era esse autor?

Sugestão de resposta: Esopo, um homem lendário que viveu no século VI a.C. Esopo era um escravo, gago, corcunda e muito miúdo, mas era muito inteligente.

8) Por que o autor da fábula 01 foi considerado o maior fabulista do século VI?

Sugestão de resposta: devido a seu bom-senso e esperteza

9) A fábula 01 foi escrita na Grécia do século VI, como era essa época?

Sugestão de resposta: naquela época, os povos se dividiam basicamente em dois grupos: os mais fortes e os mais fracos. Os povos eram muito dominadores e queriam sempre mostrar quem eram os mais fortes. Os prisioneiros de guerra eram tomados como escravos.

10) O que aconteceu ao autor da fábula 01 devido à sua sabedoria?

Sugestão de resposta: de tanto livrar seus senhores de embaraços com sua sabedoria, Esopo conquistou sua liberdade e viajou por outras terras, ganhou notoriedade com seus conselhos e fábulas e era reconhecido e recebia várias homenagens em todo lugar.

11) Assinale a resposta correta.

a) Para quem era direcionada a fábula 01?

- Somente aos reis VI a.C.
 Somente aos nobres no século VI a.C.
 Aos reis, nobres e cidadãos do VI a.C.

b) Na época em que a fábula 01 foi escrita, como as fábulas chegavam ao seu público alvo, ou seja, qual era o seu veículo de comunicação?

- Eram publicadas nos jornais.
 Eram contadas oralmente às pessoas.
 Eram publicadas na internet.

12) Quem escreveu a fábula 02? Quando e onde ela foi escrita?

Sugestão de resposta: Jean de La Fontaine, França do século XVIII.

13) Na época em que a fábula 02 foi produzida, o que acontecia às pessoas que denunciavam abertamente as injustiças?

Sugestão de resposta: as pessoas podiam ser condenadas à morte por conspiração, pois a França vivia sob o poder de reis e nobres que possuíam as terras e exploravam os homens do campo.

14) Assinale a resposta correta.

a) Para quem era direcionada a fábula 02?

- Aos intelectuais, filósofos, escritores e cidadãos (adultos e crianças) que transitavam pelos palácios.
 Aos intelectuais, filósofos, escritores e cidadãos (adultos e crianças) que não transitavam pelos palácios.

b) Na época em que a fábula 02 foi escrita, como as fábulas chegavam ao seu público alvo, ou seja, qual era o seu veículo de circulação?

- Eram publicadas nos jornais.
 Eram contadas oralmente às pessoas.
 Eram publicadas na internet.

15) Quem escreveu a fábula 03? Qual é a sua origem? Para quem ele escrevia?

Sugestão de resposta: Monteiro Lobato foi um escritor brasileiro e escreveu para adultos e crianças.

16) A terceira fábula foi escrita entre 1920 e 1940. Como era essa época? Qual era a maior preocupação do autor?

Sugestão de resposta: uma época bem diferente do Brasil atual, na qual a maioria da população morava no campo, não havia muitas indústrias e as cidades eram menores. Monteiro Lobato acreditava na valorização do povo brasileiro, das riquezas da terra, de nossa cultura e costumes, etc.

17) O veículo de publicação da fábula 03 era

- a carta o livro a internet.

18) A fábula 04 é uma versão mais atual da fábula *O leão e o rato*, quem é o seu escritor? Quando e onde ele nasceu?

Sugestão de resposta: Sérgio Capparelli, nascido em Uberlândia(MG) em 1.947.

19) Indique o público alvo da fábula 04.

- o infantil o adulto

20) Vamos compreender as fábulas. Responda as questões a seguir.

a) Na fábula 01, como o leão estava e o que o rato fazia quando foi pego pelo leão?

Sugestão de resposta: o leão estava dormindo e o rato passeava sobre o corpo do dele.

b) Por que o rato escapou das garras do leão na fábula 01?

Sugestão de resposta: porque o rato suplicou ao leão que o largasse e disse que se fosse salvo lhe pagaria o favor.

c) Como o rato foi capturado pelo leão na fábula 02?

Sugestão de resposta: o rato saiu da toca, aturdido, e caiu entre as garras do leão.

d) Qual foi o comportamento do leão da fábula 02 ao capturar o rato? Por quê?

Sugestão de resposta: o rei dos animais poupou-lhe a vida porque era magnânimo.

e) Você concorda com a moral da fábula 02 que paciência e persistência às vezes conseguem mais do que força e fúria? Por quê?

Pessoal.

f) Qual foi a reação do ratinho da fábula 03 ao ficar preso entre as patas do leão?

Sugestão de resposta: estacou de pêlos em pé, paralisado pelo terror.

g) O que o leão da fábula 03 fez para tentar se desprender da rede? Ele conseguiu escapar?

Sugestão de resposta: o leão urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

h) Qual foi o motivo alegado pelo leão para querer devorar o ratinho na fábula 04?

Sugestão de resposta: disse que o ratinho virtual era arrogante por existir.

i) O diálogo entre o ratinho e o leão da fábula 04 foi fácil ou difícil? Por quê? O que o ratinho pensou?

Sugestão de resposta: o ratinho percebeu que aquele seria um diálogo difícil. Estava diante de um leão que ignorava o direito dos mais fracos, pensou que o melhor seria afastar-se dali o mais depressa possível.

j) O que levou o ratinho a encontrar o leão preso na fábula 04?

Sugestão de resposta: passava por ali, procurando um leão preso em rede, a fim de cumprir a promessa de salvá-lo.

k) O que fez o rato para salvar o leão nas fábulas?

Sugestão de resposta: na fábula 01, o rato roeu a corda que prendia o leão; nas fábulas 02 e 03, o rato roeu a rede que aprisionava o leão; e na fábula 04, o rato roeu algumas malhas da internet que prendiam o leão.

TRABALHANDO AS CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS DA FÁBULA

Professor:

Depois que os alunos estudaram os elementos que constituem o contexto de produção, chegou a hora de trabalhar as características discursivas. É o momento de trabalhar o plano geral do texto (modo de organização do tema) e os tipos de sequências (narrativa e dialogal) da fábula.

1 – PLANO GERAL DA FÁBULA

1) Releia as fábulas trabalhadas até aqui, observando como elas se organizam e marque a alternativa que contém os três elementos que compõem a sua estrutura.

- (x) título, narrativa (história) e moral.
 () saudação, narrativa (história) e despedida.
 () título, saudação e narrativa (história)

2) A seguir, apresentamos uma conhecida fábula de La Fontaine, contudo os três elementos que compõem a estrutura das fábulas estão fora de ordem. Para organizá-la, relacione os elementos às suas respectivas partes:

(A) Título

(B) Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:
 __ Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?
 E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

(B) Narrativa

(C) “Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.”

(C) Moral

(A) *A rã que queria ser do tamanho do touro*

3) Dos provérbios abaixo, qual apresenta o sentido mais parecido com a moral apresentada pela fábula *A rã que queria ser do tamanho do touro* que aparece no exercício anterior ?

- (X) “Quem tudo quer, nada tem”.
- () “Antes tarde do que nunca”.
- () “A propaganda é a alma do negócio”.

2 – AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS DA FÁBULA

A fábula conta o que aconteceu em um espaço-tempo diferente ao momento em que a história está sendo contada. A fábula, então, é formada principalmente por uma sequência narrativa. A sequência narrativa apresenta as seguintes fases:

- Situação inicial - apresentação inicial de estado ou situação de equilíbrio;
- Fase de complicação - introduz uma perturbação e cria uma tensão;
- Fase de ações - reúne os acontecimentos gerados pela perturbação;
- Fase de resolução - introduz acontecimentos que reduzem a tensão;
- Fase de situação final - explicita o novo equilíbrio obtido pela resolução;
- Fase de moral - explicita o significado global atribuído à história.

1) Leia a fábula *A raposa e o bode* e encontre as fases da sequência narrativa para completar o quadro que a segue.

A raposa e o bode

A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência. Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como sair daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” – exclamou o bode. “Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia.”

A raposa saiu do poço e deixou seu camarada. Deu-lhe ainda um sermão, para que se conformasse. “Se Deus tivesse lhe dado mais miolos, você não entraria no poço sem pensar antes como poderia sair. Então, adeus! Eu já estou fora, agora, saia você como puder, porque tenho um compromisso e não posso me deter.”

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06)

A raposa e o bode <i>(Sugestão de resposta)</i>	
Situação inicial	<i>A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência.</i>
Complicação	<i>Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como sair daqui.</i>
Ação	<i>Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” – exclamou o bode. “Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia.”</i>
Resolução	<i>A raposa saiu do poço.</i>
Situação final	<i>e deixou seu camarada. Deu-lhe ainda um sermão, para que se conformasse.</i>
Moral	<i>“Se Deus tivesse lhe dado mais miolos, você não entraria no poço sem pensar antes como poderia sair. Então, adeus! Eu já estou fora, agora, saia você como puder, porque tenho um compromisso e não posso me deter.”</i>

Além da fábula ser formada pela sequência narrativa, devido às personagens falarem, ou seja, por existir um diálogo entre as personagens, a sequência dialogal também é muito presente nesse gênero. Observe:

Quadro 01 - Fases da sequência narrativa da fábula *As duas mulas*

Das Mulas	
Situação inicial	Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco. A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.
Complicação	Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas.
Ação	A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga.
Resolução	– Por que isso foi acontecer comigo? – perguntou a mula, gemendo em agonia.
Situação final	– Se trabalhasse para um homem pobre e humilde como eu – respondeu a outra mula – nada disso teria acontecido.
Moral	Sofre maiores riscos quem assume maiores responsabilidades

Fonte: o pesquisador

Quadro 02 - Sequência dialogal da fábula *O lobo e o cordeiro****O lobo e o cordeiro***

- O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?
- Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim?
- Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado!
- Impossível, senhor, pois no ano passado eu ainda não havia nascido.
- Ah, então foi seu irmão mais velho!
- Ora, não tenho irmãos, senhor!
- Pois seria algum dos seus, que me odeiam, os seus pastores e cachorros. O que eu sei é que tenho de me vingar!

Fonte: o pesquisador

2) Leia a fábula abaixo com atenção e responda as próximas questões.

O corvo e a raposa

O corvo estava pousado em um galho baixo de uma frondosa árvore. No bico, trazia um queijo grande, cujo odor atraiu a esperta raposa. Ela ficou debaixo do galho e se pôs a elogiar o corvo.

– Bom dia, lindo corvo. Sei que você sabe cantar como nenhuma outra criatura desta floresta. Você é a glória destas paragens, com sua voz afável.

Diante de tamanha lisonja, mesmo sabendo que seu piar era medonho, o corvo ficou tomado pela vaidade e, querendo mostrar seus dotes canoros, afoitamente se pôs a cantar. O queijo escapou de seu bico direto para a boca da raposa, que lhe disse:

– Meu amigo, aprenda esta lição. É assim que vive o lisonjeiro, à custa de quem acredita nele. A paga pela lição é este queijo delicioso.

Foi-se embora a raposa, e o corvo, envergonhado, resmungou consigo:

– Velhaca! Como pude ser tão idiota e acreditar nela? Mas juro que algo assim nunca mais vai me acontecer.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.08)

a) A sequência narrativa da fábula, como já vimos, inicia-se pela apresentação de um estado ou situação de equilíbrio. Qual é o estado de equilíbrio da fábula *O corvo e a raposa*?

Sugestão de resposta: o corvo estava pousado em um galho baixo de uma frondosa árvore e no bico trazia um queijo grande.

b) O estado de equilíbrio da narrativa é quebrado, isto é, uma perturbação é gerada e uma tensão é criada quando a raposa aparece na história. Que fato desperta a atenção da raposa e a atrai para a cena?

Sugestão de resposta: a esperta raposa foi atraída pelo odor do queijo que o corvo trazia.

c) Após a fase de complicação, vem a fase das ações que reúne os acontecimentos originados pela perturbação. Para identificar as ações realizadas, responda as questões a seguir.

• O que a raposa faz para tentar pegar o queijo do corvo?

Sugestão de resposta: a raposa começa a elogiar o corvo.

• Por que o corvo, “mesmo sabendo que seu piar era medonho”, começou a cantar?

Sugestão de resposta: o corvo ficou tomado pela vaidade e quis mostrar seus dotes canoros.

• O que acontece na sequência?

Sugestão de resposta: o corvo começou a cantar e o queijo caiu direto na boca da raposa.

d) Na fase de resolução, a raposa consegue seu objetivo e dá uma lição de moral no corvo. O que a raposa disse ao corvo?

Sugestão de resposta: “– Meu amigo, aprenda esta lição. É assim que vive o lisonjeiro, à custa de quem acredita nele. A paga pela lição é este queijo delicioso.”

f) Na fase de situação final, o corvo envergonhado deixa claro que ele aprendeu a lição. Copie a fala do corvo que confirma essa afirmação?

Sugestão de resposta: “Juro que algo assim nunca mais vai me acontecer”

g) Qual dos provérbios abaixo poderia ser utilizado como a moral dessa fábula?

(X) Quando a esmola é demais o santo desconfia.

() Quem tudo quer nada tem.

() Devagar se vai ao longe.

3) A seguir, aparecem os fatos da fábula *O corvo e a raposa* resumidos e seguidos da fase da sequência narrativa a que pertencem, mas estão desordenados. Enumere de acordo com a ordem que acontecem no texto e o seu conhecimento sobre a sequência narrativa.

(2) O odor do queijo atraiu a esperta raposa que ficou debaixo do galho e começou a elogiar o corvo. (Fase de complicação)

(5) o corvo ficou envergonhado e jurou que aquilo nunca mais aconteceria com ele. (Fase de situação final)

(4) A raposa disse que aquilo era uma lição para o corvo e que o queijo era seu pagamento e foi embora. (Fase de resolução)

(1) O corvo estava pousado em um galho baixo da árvore com um queijo grande no bico. (Situação inicial)

(3) A raposa elogiou o corvo, dizendo que ele sabia cantar como nenhuma outra criatura da floresta, mesmo sabendo que seu canto era medonho, o corvo envaideceu-se e pôs a cantar. O queijo escapou do bico do corvo e caiu na boca da raposa. (Fase de ações)

OS MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO E OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS DA FÁBULA

Professor:

Após trabalharmos os elementos que constituem o contexto de produção e as características discursivas, vamos estudar as características linguístico-discursivas da fábula. Evidentemente, são vários os aspectos linguístico-discursivos que caracterizam o gênero fábula, contudo, conforme nosso objetivo de construção de um material destinado ao 6º ano do ensino fundamental, focamos em conhecer apenas os que se relacionam a referida série escolar. É a hora de ensinar aos alunos os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos da fábula como:

- a coesão verbal estabelecida principalmente pelo emprego do pretérito (perfeito e imperfeito) e pelo emprego do presente nos diálogos;
- as vozes enunciativas (personagens, narrador e autor);
- emprego dos elementos gramaticais (artigo, substantivo e adjetivo);
- os elementos paratextuais (imagens) e supratextuais (títulos).

1 – COESÃO VERBAL

ATIVIDADES

Leia o próximo texto para realizar os exercícios 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

O leão e o mosquito



“Desapareça daqui, bicho ruim, volta para o pântano de onde veio!” Assim disse o leão ao mosquito que lhe declarou uma guerra sem tréguas: “Pensa que por ser o rei dos animais me intimida? O touro é mais corpulento do que você e eu o sujeito aos meus caprichos!” E voltou a atacar o leão, voando desafiadoramente em volta da cabeçorra. Seu zunido fez o leão se desesperar; em seguida, recuou e quando o leão sossegou, voltou ao ataque. A fera rugiu, a boca espumou, os olhos brilharam de ódio. Todos fugiram de medo da ira do rei, menos o inseto diminuto que riu do seu desespero e lhe picou as narinas e as orelhas várias vezes.

O leão, querendo pegar o mosquito de todas as maneiras, se debateu, golpeou seguidamente seus próprios flancos, até cair prostrado de cansaço.

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória.

6) A seguir apresentamos alguns trechos de fábulas sem algumas formas verbais. Complete os trechos com as formas adequadas dos verbos entre parênteses de acordo com o contexto. Lembre-se que para o trecho em que o narrador conta a história utilizamos o pretérito e quando as personagens falam devemos utilizar o presente.

a) *Os dois touros e as rãs*

Sugestão de resposta:

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. “O que tem? ” (ter), perguntou-lhe (perguntar) uma companheira. “Não compreende (compreender) no que esta contenda vai resultar?

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.11)

b) *O corvo e a raposa*

Sugestão de resposta:

O corvo estava pousado em um galho baixo de uma frondosa árvore. No bico, trazia um queijo grande, cujo odor atraiu (atrair) a esperta raposa. Ela ficou (ficar) debaixo do galho e se pôs a elogiar o corvo.

– Bom dia, lindo corvo. Sei que você sabe (sabe) cantar como nenhuma outra criatura desta floresta. Você é (ser) a glória destas paragens, com sua voz afável.

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.08)

2 – As VOZES PRESENTES NA FÁBULA

Professor:

Nesta subseção, as atividades levarão os alunos a perceberem e a identificarem o posicionamento enunciativo das vozes presentes na fábula. Como afirma Bronckart (2012, p. 130) há diferentes vozes que podem se expressar no interior de um texto. Segundo Fernandes (2001, p.50), podemos encontrar nas fábulas as vozes do narrador, das personagens e do autor.

Os fatos são contados por um narrador-observador que se utiliza da terceira pessoa do singular para introduzir as ações e a voz das personagens, como na passagem da fábula *A rã que queria ser do tamanho do touro*. Veja:

A rã que queria ser do tamanho do touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

– Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.09)

A seguir, destacamos as vozes das personagens lobo e cordeiro que dialogam em um fragmento da fábula *O lobo e o cordeiro*:

O lobo e o cordeiro

Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

– O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?

– Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim?

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.24)

A voz do autor pode ser percebida mais explicitamente na moral. Vejamos a moral da fábula *O leão e o mosquito*:

[...]

Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

ATIVIDADES

1) Assinale a alternativa correta.

a) A fábula apresenta três vozes enunciativas, ou seja, três vozes que se manifestam em seu interior. Quais são elas?

() narrador, personagens e compositor.

() personagens, cantor e autor.

(x) narrador, personagens e autor.

b) Na fábula, quem conta a história é um...

() autor de fábulas. (x) narrador-observador. () personagem principal.

c) O narrador-observador não participa diretamente das ações, ele apenas conta os fatos e introduz as ações e a voz das personagens, utilizando-se da terceira pessoa do singular. Qual fragmento textual abaixo apresenta um narrador em terceira pessoa do singular?

() Um dia, eu vi uma mulher escorregando na casca de banana perto de minha casa, eu corri e a ajudei a se levantar.

(x) Um dia, uma mulher escorregou na casca de banana perto da casa dela e um homem ajudou-a a se levantar.

() Um dia, vi uma mulher escorregando na casca de banana perto da casa dela , corri e a levantei.

3 – DISCURSO DIRETO E DISCURSO INDIRETO

Professor:

As atividades desta subseção trabalharão o emprego do discurso direto (as personagens realizam a ação de falar e/ou pensar), do discurso indireto (o narrador reproduz a fala das personagens com seu próprio discurso) e das estruturas e/ou das pontuações específicas como: verbos dicendi (disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc.), dois pontos, travessão e aspas.

O discurso direto é uma reprodução ou tentativa de reproduzir fielmente e textualmente a fala das personagens com a ajuda de expressões como: disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc. Estas expressões são geralmente marcadas por dois pontos, a fim de anunciar a passagem da palavra de uma pessoa (personagem, narrador) a outra pessoa. E, para marcar o início da fala de um novo personagem, é utilizado o travessão. Exemplo:

a) Discurso direto com troca de interlocutores marcada pelo travessão na fábula *A andorinha e os outros passarinhos*:

[...]

– Não me agrada o que vejo. E meu receio é por vocês, não por mim que posso ir viver em qualquer lugar, ao longe e a salvo dos perigos. Estão vendo aquelas mãos ágeis? Pois o que elas espalham trará a desgraça para vocês....

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

b) Discurso direto com troca de interlocutores marcada pelas aspas na fábula *Os dois touros e as rãs*:

Os dois touros e as rãs

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. “O que tem?”, perguntou-lhe uma companheira. “Não compreende no que esta contenda vai resultar? Um vencerá e o perdedor baterá em fuga, renunciando àquela viçosa pradaria. E sem poder desfrutar de seus pastos, o perdedor virá se alimentar com o mato verde da nossa região e poderá nos pisar debaixo d’água. Seremos nós as vítimas desse combate provocado pela dona novilha”.

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.11)

Também há a presença do discurso indireto nas fábulas, quando o narrador é quem fala pela personagem. Vejamos o discurso indireto na fábula *O leão e o mosquito*:

[...]

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas.

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

ATIVIDADES

1) Leia o texto.

A rã que queria ser do tamanho do touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

___ Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.09)

Agora, complete o trecho da fábula que está faltando, reescrevendo-o no discurso indireto.

A rã que queria ser do tamanho do touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs, suas irmãs, se

Sugestão de resposta: já estava do mesmo tamanho deles.

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.

2) Reescreva fragmento abaixo da fábula *O leão e o mosquito*, transformando o trecho destacado em discurso direto:

[...]

"Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. **Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais**, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas."

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

Sugestão de resposta:

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido:

– Eu derrotei o rei dos animais.

Mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas.

3) Identifique e circule o verbo que introduz o discurso direto na fábula que segue:

Os dois touros e as rãs

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. "O que tem?" perguntou-lhe uma companheira. "Não compreende no que esta contenda vai resultar? Um vencerá e o perdedor baterá em fuga, renunciando àquela viçosa pradaria. E sem poder desfrutar de seus pastos, o perdedor virá se alimentar com o mato verde da nossa região e poderá nos pisar debaixo d'água. Seremos nós as vítimas desse combate provocado pela dona novilha."

E seu temor tinha fundamento, um dos touros correu se refugiar nos juncais e num segundo esmagou mais de vinte rãs.

Ah, é sempre assim... quando os maiores brigam os menores levam a pior.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.11)

4) Na fábula do exercício anterior, qual foi o sinal de pontuação utilizado para indicar as falas das personagens?

Aspas

5) Leia a fábula a seguir.

O lobo e o cordeiro

Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

– O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?
– Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim?

O feroz animal mudou o discurso:

– Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado!
– Impossível, senhor, pois no ano passado eu ainda não havia nascido.
– Ah, então foi seu irmão mais velho!
– Ora, não tenho irmãos, senhor!
– Pois seria algum dos seus, que me odeiam, os seus pastores e cachorros. O que eu sei é que tenho de me vingar!

Disto isto, o lobo saltou sobre o cordeirinho, levou-o para o fundo do bosque e comeu.

A razão do mais forte é sempre a que prevalece.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.24)

a) Na fábula acima, quais foram os sinais de pontuação utilizados para indicar o fim da fala do narrador e o começo das falas das personagens?

Dois pontos e travessão.

b) O trecho abaixo é um exemplo da ocorrência do discurso direto, leia com atenção:

"O feroz animal mudou o discurso:

– Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado!"

Agora marque a opção que melhor reproduz o trecho acima em discurso indireto.

(X) O feroz animal mudou o discurso, pois disse que sabia o que ele falou dele no ano passado.

() O feroz animal mudou o discurso, pois sabia que ele falou de mim no ano passado.

() O feroz animal mudou o discurso, pois disse que soube de mim o que ele falou no ano passado.

6) Identifique o tipo de discurso utilizado no enunciado abaixo como direto ou indireto:

"Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

– O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?"

Discurso direto

4 – ARTIGO DEFINIDO E ARTIGO INDEFINIDO

Professor:

As atividades desta subseção pretendem fazer com que os alunos compreendam a função dos artigos na construção dos sentidos do texto e sejam capazes de utilizá-los adequadamente na produção de enunciados.

Na fábula, utilizamos os artigos para determinar ou indeterminar os elementos da história. Para introduzirmos um elemento ao texto ou nos referirmos a elementos não especificados, utilizamos o artigo indefinido (um, uma, uns, umas), enquanto que, para nos reportarmos a elementos já mencionados no texto ou específicos de um grupo, recorreremos aos artigos definidos (o, a, os, as). Na fábula *O lobo e o cordeiro*, podemos observar esse fenômeno:

O lobo e o cordeiro

Um cordeirinho estava tomando água em **um** regato quando **um** lobo surgiu. **O** lobo reclamou... [...]

O feroz animal mudou o discurso...

Dito isto, **o** lobo saltou sobre **o** cordeirinho.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.24)

ATIVIDADES

1) Leia a fábula *A rã que queria ser do tamanho de um touro* e preste atenção no emprego dos artigos definidos e indefinidos para realizar os próximos exercícios.

A rã que queria ser do tamanho de um touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

__ Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

É a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.09)

a) Observe a frase: “Havia **uma rã** de tamanho normal, igual ao de todas as rãs”. O artigo indefinido **uma** foi empregado antes do substantivo rã para...

- () demonstrar que era uma rã específica de um grupo.
 () remeter a uma rã que já havia sido mencionado anteriormente.
 (x) introduzir a rã ao texto.

b) A que elemento se refere o artigo indefinido **um** na 1ª linha da fábula?

- () tamanho () normal (x) touro () esforço

c) Na frase: “Certa vez, avistou **um** touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar”. Por que foi utilizado o artigo indefinido **um**?

Sugestão de resposta: porque era um touro qualquer que estava sendo introduzido ao texto.

d) Na frase: “A cada esforço, **a** rã ficava mais e mais inflada...”. Por que foi empregado o artigo definido **a** em vez do artigo indefinido **uma**?

Sugestão de resposta: o artigo definido é utilizado para evidenciar que agora trata-se de uma rã específica da história que está sendo contada.

5 – SUBSTANTIVO

Professor:

Esta subseção abordará a função do substantivo na formação das expressões referenciais, nas derivações referenciais e na estruturação das informações do texto.

O emprego dos substantivos tem papel central na formação das expressões nominais referenciais, pois tem a função de expressar um tópico novo introduzido ao texto, realizar derivações referenciais e estruturar a informação do texto. Na fábula, há a predominância de substantivos concretos que designa ser de existência independente. Observe no excerto retirado da fábula *A raposa e bode* de La

Fontaine: “A **raposa** seguia acompanhada de um **bode**, seu amigo, belos **chifres** longos e retorcidos, porém de curta **inteligência**.”

ATIVIDADES

1) Releia com atenção a fábula *A rã que queria ser do tamanho de um touro* que está na subseção anterior para realizar os próximos exercícios.

a) Em nossa língua há palavras que são responsáveis por dar nome aos seres, aos objetos, aos sentimentos, às emoções, aos estados, etc. Essas palavras são chamadas de substantivos. As palavras abaixo foram retiradas da fábula *A rã que queria ser do tamanho de um touro*, assinale aquelas que são substantivos (nomes).

- | | | |
|---|--------------------------------|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> rã | <input type="checkbox"/> essas | <input checked="" type="checkbox"/> irmãs |
| <input type="checkbox"/> havia | <input type="checkbox"/> uma | <input type="checkbox"/> já |
| <input checked="" type="checkbox"/> touro | <input type="checkbox"/> estou | <input checked="" type="checkbox"/> pessoas |
| | <input type="checkbox"/> de | |

b) O primeiro parágrafo é construído a partir de um substantivo que é o elemento central na formação das expressões referenciais, ou seja, as informações do parágrafo estão diretamente relacionadas a esse substantivo. Qual é o substantivo central na construção do primeiro parágrafo?

Rã

c) Observe o trecho a seguir:

“Certa vez, (a rã) avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar.”

A expressão destacada no trecho acima se refere a qual substantivo abaixo?

- | | | | |
|-----------------------------|---|----------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> rã | <input checked="" type="checkbox"/> touro | <input type="checkbox"/> pessoas | <input type="checkbox"/> esforço |
|-----------------------------|---|----------------------------------|----------------------------------|

d) No terceiro parágrafo, qual é o substantivo que retoma o tópico central do primeiro parágrafo?

Rã

e) A frase “...a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs” introduz um novo tópico à fábula. Qual substantivo da frase expressa esse novo tópico?

Rãs

f) O substantivo **irmãs** que aparece na frase “irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?” tem a função de...

() introduzir um tópico novo ao texto.

(x) retomar o tópico central (rãs) mencionado no parágrafo anterior.

6 – A CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS

Você já percebeu que, nas fábulas, as personagens escolhidas são animais que representam os costumes, os pensamentos e os comportamentos dos seres humanos. A comparação entre homens e animais sempre aconteceu, isto é, esteve sempre presente na nossa cultura.

Ao longo do tempo, vários animais foram sendo identificados de acordo com as características comparadas às atitudes humanas, por isso é comum você ouvir expressões assim: “trabalhador como uma formiga”, ou “fiel como um cachorro”, e assim por diante. Como podemos observar, as características de comparação entre animais e homens são bem conhecidas.

As personagens das fábulas não precisam de muita descrição, assim o gênero apresenta baixa ocorrência direta de adjetivos, pois a caracterização das personagens se constrói pela relação de sentidos atribuídos ao perfil de cada animal, em outras palavras a emissão de juízo fica a cargo do leitor por meio da associação das características atribuídas aos animais-personagens, que são escolhidos devido a algumas características que servem para a comparação com as atitudes humanas. Observe o fragmento da fábula A raposa e o bode:

A raposa e o bode

[...]

Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como sair daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” – exclamou o bode. “Parabéns!” A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 06)

Nesse trecho podemos verificar que, apesar de não aparecer adjetivos diretamente relacionados à raposa, o autor desenvolve o diálogo de modo que o leitor construa a imagem de uma raposa astuta, esperta e inteligente.

Observe a lista abaixo, ela traz alguns animais e as características geralmente relacionadas a eles e que auxiliam no entendimento das fábulas:

- Raposa; astuta, esperta e inteligente;
- Leão: forte, poderoso;
- Lobo: mau, feroz;
- Cordeiro: ingênuo, inocente, frágil;
- Cobra: artilosa, perigosa;
- Formiga: trabalhadeira, organizada;
- Tartaruga: vagarosa, lenta;
- Corvo: feio, agourento.

ATIVIDADES

1) Escreva V para verdadeiro e F para falso de acordo com o reino animal:

(F) A raposa fala. (V) O bode se alimenta com capim. (F) O bode pensa.

(V) A raposa caça (F) O bode elogia os animais. (V) A raposa vive no mato.

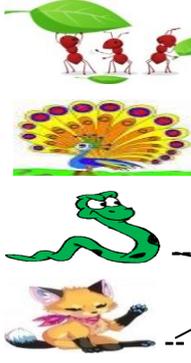
2) Das ações realizadas pela raposa e o bode no exercício acima, quais são próprias do homem?

Sugestão de resposta: A raposa fala. O bode elogia os animais. O bode pensa.

3) Assinale as características que cada animal representa nas fábulas:

- | | | | |
|----------------|---------------------|---------------------|-------------------------|
| a) - Gato | () fiel, amigo | () vagaroso, lento | (x) sorrateiro, caçador |
| b) - Rato | (x) inferior, fraco | () forte, poderoso | () ingênuo, inocente |
| c) - Lebre | () vagarosa, lenta | () feia, agourenta | (x) rápida, veloz |
| d) - Corvo | () estúpido, bobo | (x) feio, agourento | () forte, poderoso |
| e) - Leão | () estúpido, bobo | () vagaroso, lento | (x) forte, poderoso |
| f) - Tartaruga | () má, feroz | () forte, poderoso | (x) vagarosa, lenta |
| g) - Lobo | (x) mal, feroz | () estúpido, bobo | () ingênuo, inocente |
| h) - Burro | () rápido, veloz | () fiel, amigo | (x) estúpido, bobo |
| i) - Cordeiro | () vagaroso, lento | () forte, poderoso | (x) ingênuo, inocente |
| j) - Cão | (x) fiel, amigo | () vagaroso, lento | () forte, poderoso |

4) Conecte a figura à suas características correspondentes.



- Raposa astuta, esperta e inteligente
- Formiga trabalhadeira, organizada
- Pavão vaidoso, altivo
- Cobra ardilosa, perigosa

7 – ELEMENTOS PARATEXTUAIS E SUPRATEXTUAIS

Um texto raramente é apresentado isoladamente, sempre vem acompanhado de certos elementos verbais ou não-verbais, chamados elementos paratextuais (quadros, imagens, cores) e supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados), os quais potencializam o seu consumo.

As fábulas analisadas são todas ilustradas com gravuras de Gustave Doré, e são gravuras clássicas que se referem a algum acontecimento da história contada, auxiliando na composição do plano visual da narrativa e aparecem posicionadas próximas ao título, geralmente antecedendo-o. A seguir, observe dois exemplos de gravuras na composição do plano visual da fábula.



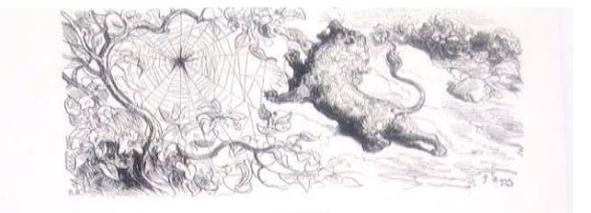
Fábula I
A RAPOSA E O BODE

A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, de belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência. Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: "E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoiie-se contra o muro — primeiro subirei por suas costas, tresparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei." "Por minhas barbas!" — exclamou o bode. "Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz idéia."

A raposa saiu do poço e deixou seu camarada. Deu-lhe ainda um sermão, para que se conformasse. "Se Deus tivesse lhe dado mais miolos, você não entraria no poço sem pensar antes como poderia sair. Então, adeus! Eu já estou fora, agora, saia você como puder, porque tenho um compromisso e não posso me deter."

✧

Em todas as coisas, tem de se pensar mais em como sair do que em como entrar.



Fábula IX
O LEÃO E O MOSQUITO

"Desapareça daqui, bicho ruim, volta para o pantano de onde veio!" Assim disse o leão ao mosquito que lhe declarou uma guerra sem tréguas: "Pensa que por ser o rei dos animais me intimidas? O touro é mais corpulento do que você e eu o sujeito aos meus caprichos!" E voltou a atacar o leão, voando desafiadoramente em volta da cabeça. Seu zunido fez o leão se desesperar; em seguida, recuou e quando o leão sossegou, voltou ao ataque. A fera rugiu, a boca espumou, os olhos brilharam de ódio. Todos fugiram de medo da ira do rei, menos o inseto diminuto que riu do seu desespero e lhe picou as narinas e as orelhas várias vezes.

O leão, querendo pegar o mosquito de todas as maneiras, se debateu, golpeou seguidamente seus próprios flancos, até cair prostrado de cansaco.

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante, proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas.

✧

Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos.

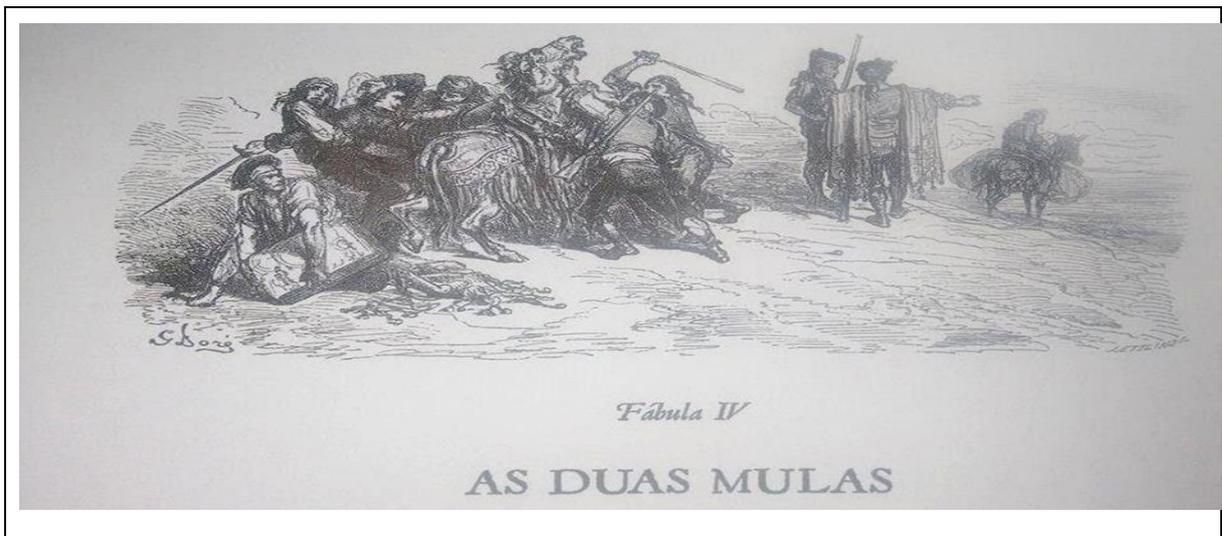
Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal – Volumes II e III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010.

ATIVIDADES

1) Dos elementos não-verbais que compõem a fábula, o que mais a acompanha e potencializa o seu consumo é

() a foto. () a cor. (x) a ilustração.

2) Observe atentamente a ilustração abaixo.



Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal – Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.10.

Agora, marque a passagem da fábula que está sendo retratada nessa gravura:

() Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco.

() A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.

(x) Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas. A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga.

3) Para que serve a ilustração ou a gravura nas fábulas?

(X) Auxiliar na composição do plano visual da narrativa.

() Para enfeitar a fábula sem estabelecer nenhuma relação com a narrativa.

4) Descreva o que acontece na gravura que segue.



Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal – Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06.

Sugestão de resposta: na gravura, aparece um bode levantando uma raposa para escalar a parede de um poço.

5) Relacione o título da fábula à gravura correspondente.

(a) Os dois touros e as rãs

(b) O leão e o rato

(c) O lobo e o cordeiro



Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal – Volume I e II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06.

PRODUÇÃO FINAL

Professor(a):

Você retornará aos textos produzidos pelos alunos, pedindo para que façam uma leitura silenciosa. Em seguida, oriente-os sobre o uso da tabela abaixo para auxiliá-los na verificação das inadequações textuais de contexto de produção (leitor, esfera de circulação e intenção do autor), de características discursivas (plano textual, e sequências predominantes) e de características linguístico-discursivas (coesão verbal, vozes enunciativas, discurso direto e indireto, foco narrativo, incorreções ortográficas e emprego de artigos, substantivos e adjetivos).

Nesse segundo momento, você lerá silenciosamente o texto que você produziu anteriormente para retomá-lo e em seguida, sob a orientação do professor, você deverá marcar um X nos itens do quadro abaixo, identificando o que é preciso melhorar e o que já está adequado.

ROTEIRO DE AUTOAVALIAÇÃO

CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS	ESTÁ BOM	TEM QUE MELHORAR
Propõe a reflexão e a discussão de valores morais e éticos com o intuito de transmitir um ensinamento.		
As personagens são típicas do gênero, ou seja, animais que agem racionalmente como os seres humanos.		
O texto está adequado ao público alvo, à esfera de circulação e ao veículo de circulação.		
CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS	ESTÁ BOM	TEM QUE MELHORAR
O plano textual do texto está de acordo com o gênero: título (formado pelos nomes das personagens); o texto propriamente dito e a moral		
Organiza-se principalmente em uma sequência narrativa (situação de equilíbrio; complicação; ações; resolução; situação final e moral).		
Apresenta a sequência dialogal nas falas das personagens: abertura (primeiro contato); fase/s transacionais com a/s qual/is (o conteúdo temático vai se co-construindo) e encerramento.		
CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	ESTÁ BOM	TEM QUE MELHORAR
Conta acontecimentos anteriores ao momento da fala. Apresenta a organização temporal e processos de estado, acontecimentos ou ações construídas predominantemente pelos pretéritos perfeito e		

imperfeito.		
Podemos encontrar nas fábulas as vozes do narrador-observador que conta os fatos, das personagens que interagem entre si pela construção de um diálogo e do autor na moral (resumo da intenção do fabulista).		
Emprega o discurso direto e/ou indireto com ajuda de verbos dicendi (disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc.), seguidos de dois pontos e travessão para marcar a troca dos turnos da fala.		
Emprega adequadamente os artigos na fábula para determinar ou indeterminar os elementos da história.		
Os substantivos concretos são utilizados para introduzir um novo tópico, retomar tópicos anteriores e estruturar a informação do texto.		
A caracterização das personagens é realizada pelas atitudes humanas atribuídas aos animais (pouca adjetivação).		
O texto apresenta uma narrativa simples e breve marcada principalmente por frases e períodos curtos e objetivos, demarcados por vírgula, ponto-final e conjunção aditiva (e, mas, nem, etc.).		

Professor(a):

Na próxima aula, será a sua vez de corrigir o texto conjuntamente com os alunos para diagnosticar os problemas remanescentes e eventuais dificuldades que ainda persistem, realizando anotações com explicações e com orientações para que os alunos entendam o motivo das inadequações e sejam capazes de realizar a adequada reconstrução dos trechos.

Agora que você e seu professor já corrigiram o texto, chegou a hora de escrever a versão final da fábula. Você deverá passar essa versão a limpo em uma folha do caderno, pois terá que destacá-la para entregá-la ao professor.

Se quiser pode dar uma de Gustave Doré, grande ilustrador das Fábulas de La Fontaine, e ilustrar o seu texto com a reprodução de uma cena de sua fábula.

Capriche, lembre-se que seu texto e de seus colegas serão expostos para a comunidade escolar em varais literários ou murais nas dependências da escola para que todos possam ler e, após a exposição, as fábulas serão reunidas formando um pequeno livro que ficará disponível para leitura e consulta na biblioteca da escola.

Professor(a):

Lembre-se da proposta inicial para valorizar o trabalho dos alunos. Depois de alguns dias de exposição, recolha as fábulas, organize-as e digite-as para confeccionar um pequeno fabulário, que ficará disponível para leitura e consulta na biblioteca da escola.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. 2ª ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 2012.

CAPARELLI, Sérgio. **33 ciberpoemas e uma fábula virtual**. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. **La Fontaine no Brasil: história, descrição e análise paratextual de suas traduções**. 2015. 166p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAGAS, Pinheiro. **Fábulas escolhidas**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

_____; _____. NOVERRAZ, Michèle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-147.

FERNANDES, Mônica Teresinha Ottoboni Sucar. **Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: fábula**. São Paulo: FTD, 2001.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

JEAN DE LA FONTAINE. In **Britannica Escola Online**. Enciclopédia escolar britannica, 2016. Web, 2016. Disponível em:

<http://escola.britannica.com.br/article/483330/Jean-de-La-Fontaine>>. Acesso em:14 de julho de 2016.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri.São Paulo, Editora Escala, 2010.

_____. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri.São Paulo, Editora Escala, 2010a.

_____. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri.São Paulo, Editora Escala, 2010b.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. 50ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra-FÁBULA>>. Acesso em 13/03/2017.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica** – Língua Portuguesa – Departamento de Educação Básica. Curitiba, SEED, 2008.

Vídeo. **Versão Infantil da fábula “O leão e o ratinho”**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=36Bd_GpCRKs>. Acesso em 13/03/2017.

APÊNDICE 2

Caderno destinado ao aluno



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



JOSÉ APARECIDO MOREIRA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO FÁBULA DESTINADA
AOS ALUNOS 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Caderno destinado ao aluno

CORNÉLIO PROCÓPIO
2017

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Caro aluno(a):

Este caderno será utilizado como material de apoio nas aulas de língua portuguesa. Ele traz uma série de atividades para ensinar o gênero textual fábula e ampliar suas capacidades de leitura e de escrita. Espera-se que, ao final da execução das atividades, você seja capaz de identificar, ler e compreender as fábulas e também de realizar releituras de fábulas clássicas, atribuindo a elas características da sociedade atual.

A seguir você será apresentado ao gênero, primeiramente você lerá um texto que traz uma situação hipotética (fictícia), mas que poderia ocorrer de verdade no mundo real.

Olá, Caro aluno! Você já ouviu ou leu alguma história em que as personagens são animais e que apresenta em seu final uma moral? Essas histórias são chamadas de fábulas. Se você não sabe muita coisa sobre esse gênero textual ou não o conhece, não se preocupe porque vamos estudá-lo a seguir.

Muitas vezes queremos ensinar, dar conselhos ou criticar algo, mas fazer isso diretamente pode não ser bem recebido pelas pessoas e pode dar origem a brigas e discussões.

Dessa forma, procuramos dar conselhos ou criticar de modo indireto, um bom recurso é a invenção de uma história com ações e personagens que podem representar o que queremos criticar ou ensinar, pois uma ou outra personagem pode apresentar as características, ou realizar ações, ou demonstrar comportamentos que gostaríamos que fosse diferente.

Para tornar a crítica ainda mais indireta, muitas vezes, recorremos a uma narrativa em que as personagens são animais, que representam uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade, esse gênero textual é a “fábula”. Assim, tendo o objetivo também de transmitir um ensinamento, as fábulas são histórias muito antigas que fizeram e fazem parte de praticamente todas as culturas e em todos os períodos históricos.

A “fábula”, portanto, é um gênero utilizado em situações comunicativas nas quais se pretende propor questionamentos, levar as pessoas envolvidas a uma reflexão sobre seus comportamentos ou suas atitudes e proporcionar ensinamentos.

Abaixo, você lerá um texto que traz uma situação hipotética (fictícia), mas que poderia ocorrer na vida real, em que um professor emprega a fábula para fazer os alunos refletirem sobre os seus comportamentos e mudarem suas atitudes.

Suponha que um professor e sua turma estejam participando de uma reunião para melhorar o desenvolvimento das aulas e o desempenho dos alunos que estão com dificuldades de aprendizagem. Depois de identificar os possíveis motivos que atrapalham o rendimento das aulas, o professor abre espaço para a apresentação de sugestões. Após a apreciação das ideias apresentadas, todos chegam à conclusão de que uma reorganização da disposição dos alunos na sala seria necessária para que eles se concentrassem mais e para que um aluno pudesse auxiliar o outro com dificuldade.

O professor começou a propor as modificações. Logo de início, o primeiro aluno disse que não queria mudar de lugar, porque gostava de ficar perto da porta, outro não queria, porque gostava de ficar na frente para enxergar melhor. Um deles disse que não poderia ir para perto da janela, porque a luz o atrapalharia e teve outro que disse que não se sentaria perto de ninguém com dificuldades, porque perderia a concentração ao ajudar alguém, e, assim, foi acontecendo por algum tempo. Então o professor pegou um livro, que estava em sua bolsa e leu para turma a seguinte história:

O grande congresso dos ratos



Miciful. Gato astuto havia feito tal matança entre os ratos, que apenas se via um ao outro: a maior parte jazia morta. Os poucos que ousavam a sair do seu esconderijo passavam mil apuros: para aqueles desafortunados, Miciful não era um gato, mas o próprio diabo.

Certa noite, o inimigo dos ratos deu uma trégua, resolveu passear pelos telhados atrás de uma gata, com a qual ficou entretido em um longo colóquio; os ratos sobreviventes aproveitaram para se encontrar num congresso, para discutir a grande questão daquele momento: o que fazer contra os ataques de Miciful.

O grande líder dos ratos, fazendo jus à sua posição, opinou antes de todos: “Por motivos de cautela, julgo ser preciso prender, sem demora, um guizo no pescoço de Miciful; assim, quando ele sair à caça, todos nós vamos poder ouvir e fugir do perigo!”

Todos concordaram com a ideia; a todos a medida pareceu excelente... porém, surgiu uma única dificuldade: saber quem iria amarrar o guizo no pescoço do gato. Um

rato disse: “Não vou arriscar a pele, não sou assim tão tolo.” Outro: “Pois eu tampouco me atrevo.” E assim, um a um os ratos foram desistindo da empreitada e o congresso foi dissolvido.

Assim sempre acontece nos conselhos e reuniões! Se precisar discutir e deliberar, os conselheiros, os planos e os projetos aparecem aos montes, Porém, se algo precisar ser feito, aí não dá para se contar com ninguém!

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06)

1) Baseados no que estamos estudando sobre fábulas, qual foi a intenção do professor em contar essa fábula para os alunos na situação que apresentamos?

2) A qual ou a quais personagens da fábula *O grande congresso dos ratos* podemos relacionar o comportamento dos alunos? Por quê?

Você pôde perceber que a fábula, apesar de parecer uma história despreziosa de animais, ilustra algum vício ou virtude de um segmento da sociedade, finalizando com uma lição de moral. Na verdade, as fábulas são contadas há séculos com o objetivo de aconselhar, distrair, e alertar os adultos dos perigos que poderiam acontecer à sociedade. Além disso, assim como outros gêneros narrativos, a fábula nos ensina sobre a cultura e o modo de vida dos povos. Afinal aprendemos grande parte do que é necessário para viver em sociedade pelas histórias que ouvimos ou lemos.

Se você não sabia disso, não se preocupe. A seguir vamos realizar atividades interessantes para conhecer, entender e compreender melhor as fábulas. São atividades que têm o objetivo de melhorar as suas habilidades de leitura e de escrita. E, ao final deste nosso material, você realizará a releitura de uma fábula clássica, dando a ela uma roupagem mais atual, nela você vai discutir questões sobre a sociedade atual. Seu texto e os textos de seus colegas de sala serão expostos para a comunidade escolar em varais literários ou murais nas dependências da escola para que todos possam ler, depois serão reunidos formando um pequeno livro que ficará disponível para leitura e consulta na biblioteca da escola.

CONHECENDO AS CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS DA FÁBULA

1 – DEFINIÇÃO E ORIGEM DA FÁBULA

fábula
fá·bu·la
sf

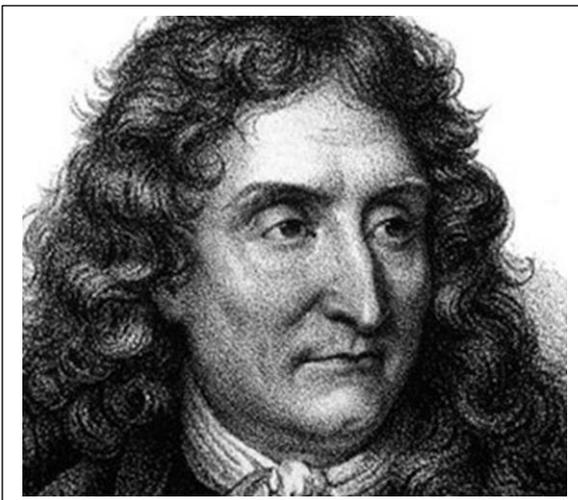
1 LT Pequena narrativa em prosa ou em verso em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas, animais e até entidades inanimadas: *“As cigarras cantavam nas árvores e as formigas trabalhavam na terra, bem como na fábula do grande La Fontaine”* (EV).

DISPONÍVEL EM: [HTTP://MICHAELIS.UOL.COM.BR/BUSCA?R=0&F=0&T=0&PALAVRA-FÁBULA](http://MICHAELIS.UOL.COM.BR/BUSCA?R=0&F=0&T=0&PALAVRA-FÁBULA)

As fábulas são contadas há aproximadamente 2800 a.C. No entanto, não há como afirmar quem foi o criador, nem onde exatamente surgiu o gênero fábula, mas existem registros indicando que ele surgiu no Oriente e que foi difundido na Grécia pelo escravo chamado Esopo, há 2.600 a.C. com o objetivo de aconselhar e distrair os adultos e também servia como alerta de perigos que poderiam acontecer à sociedade.

No Ocidente, as fábulas foram ganhando nova roupagem a partir do grego Esopo (séculos VII e VI a.C.), mas somente um século depois foi aperfeiçoada estilisticamente pelo escravo Fedro (15 anos a. C. – 50 d. C.). Já no século XVI, sem grande repercussão, foi descoberta e reinventada por Leonardo da Vinci, mas muitos estudiosos afirmam que foi no século XVII, que surgiu na França um dos mais importantes fabulistas, Jean de La Fontaine (1616 -1695).

2 – CONHECENDO JEAN DE LA FONTAINE



La Fontaine reinventou as fábulas e, em uma de suas primeiras coletâneas, atribuiu a elas características literárias próprias da poesia: construção em rimas, detalhamento das personagens em relação às suas características e tinha uma preocupação ainda maior com moral da história.

As fábulas de La Fontaine foram criadas nos salões dos nobres, onde se reuniam intelectuais, filósofos e pensadores para conversar sobre o modo de vida da sociedade. La Fontaine passou a utilizar o gênero para denunciar, através da personificação dos animais, as misérias e as injustiças de sua época, utilizando-se de ironia para expor o comportamento daqueles que o ouviam nos salões da corte.

Naquele período, a França vivia sob o poder de reis e nobres que possuíam grandes quantidades de terras e se enriqueciam com a exploração dos homens do campo, mas ninguém podia falar abertamente sobre esse assunto, pois poderia ser condenado à morte por conspiração. Assim, La Fontaine utilizava as fábulas para se expressar. Nesse sentido, as histórias eram contadas e direcionadas para adultos.

Na atualidade, a fábula circula principalmente nos acervos pessoais particulares, nas escolas, nas bibliotecas escolares, nas bibliotecas municipais, etc. e também participa como um subgênero em anúncios publicitários, propagandas, filmes, novelas, músicas, etc.

3 – A TRANSFORMAÇÃO DA FÁBULA AO LONGO DO TEMPO

Vamos conhecer como a fábula atravessou os anos, ou seja, como ela foi sendo preservada de geração a geração e modificada para debater, criticar e fazer refletir sobre questões da sociedade de cada tempo.

Fábula 01:



O leão e o rato

Um leão estava dormindo e um rato passeava sobre seu corpo. Acordando e tendo apanhado o rato, ia comê-lo. Como o rato suplicasse que o largasse, dizendo que, se fosse salvo, lhe pagaria o favor, o leão sorriu e deixou-o ir.

Não muito depois, o leão foi salvo, graças ao reconhecimento do rato. Com efeito, preso por caçadores e amarrado a uma corda, logo que o ouviu gemendo, o rato se aproximou, roeu a corda e o libertou, dizendo: "Recentemente riste, não acreditando em uma retribuição da minha parte, mas agora vê que também entre os ratos existe reconhecimento".

Moral da fábula: Os mais poderosos precisam dos mais fracos.

(Esopo. *Fábulas de Esopo*. São Paulo, Loyola, 1995)

Esopo foi um homem lendário que viveu no século VI a.C., época em que os povos dividiam-se basicamente em dois grupos: os mais fortes e os mais fracos. Naquela época, os povos eram muito dominadores e queriam sempre mostrar quem eram os mais fortes. Os prisioneiros de guerra eram tomados como escravos. Esopo era um desses escravos, gago, corcunda e muito miúdo, mas era muito inteligente. Devido a seu bom-senso e esperteza foi considerado o maior fabulista do século VI a.C. De tanto livrar seus senhores de embaraços com sua sabedoria, Esopo conquistou sua liberdade e viajou por outras terras, ganhou notoriedade com seus conselhos e fábulas e em todo lugar era reconhecido e recebia várias homenagens.

Fábula 02:

O leão e o rato

O rato saiu de uma toca, aturdido, e caiu entre as garras de um leão. O rei dos animais, comportando-se naquele caso como quem é, magnânimo, poupou-lhe a vida.

O benefício foi muito bem pago, pois apesar de não se crer que o leão viesse a precisar do rato, sucedeu que um dia, saindo do bosque, o valente animal caiu numa armadilha de redes, das quais não podia livrar-se à força de rugidos. O rato o ajudou, roendo as malhas das redes e dessa forma libertou o monarca selvagem.

Paciência e persistência às vezes conseguem mais do que força e fúria.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.28)

As informações sobre La Fontaine foram apresentadas na subseção anterior, volte lá e relembre.

Fábula 03:

O Leão e o ratinho

Ao sair do buraco viu-se o ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

- Segue em paz, ratinho; não tenhas medo do teu rei.

Dias depois, o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

- Amor com amor se paga – disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas. Um instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outras cedem e ele fugiu.”

Mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão.

(Monteiro Lobato. **Fábulas**. 50ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994)

Monteiro Lobato foi um escritor brasileiro que escreveu para adultos e crianças entre 1920 e 1940. Suas histórias infantis, porém, é o que o tornaram famoso. Entre muitas obras, ele publicou o livro *Fábulas*, no qual recriou e contou fábulas de Esopo e de La Fontaine, além de produzir suas próprias fábulas. Viveu em uma época do Brasil em que muitas pessoas ainda moravam no campo, não havia muitas indústrias e as cidades eram menores. Monteiro Lobato acreditava na valorização do povo brasileiro, das riquezas da terra, de nossa cultura, de nossos costumes, etc. Por isso em quase todas as suas obras infantis, ele se preocupou com a preparação das crianças para a vida em sociedade.

Fábula 04:

Fábula

Um ratinho virtual vinha por uma floresta de signos. Perto de uma caverna, avistou um leão, desses grandes, ameaçadores, desenhados em programas coloridos, bem modernos.

— Vou te devorar — disse o leão. — E não adianta disfarce de ratinho virtual, cibernético ou seja lá o que for.

— Não faz isso — suplicou o ratinho.

— Por que, se sou o leão?

— Não sou compatível.

— Ah — rugiu leão — essa é boa. Vou te processar no meu texto. Mas eu acordei de bom humor, perdoo tua arrogância.

— Arrogância? Que arrogância?

— Arrogância de existir. O ratinho percebeu que aquele seria um diálogo difícil. Estava diante de um leão que ignorava o direito dos mais fracos. Melhor afastar-se dali o mais depressa possível.

— Ah — exclamou o ratinho — me perdoa por existir.

— Está bem, mas desaparece. Antes de sumir no mato, o ratinho disse:

— Um dia vou te salvar. Ou vou salvar outro leão. Nem que seja numa fábula.

— Essa é boa — disse o ciberleão, achando acintosa a atitude do ratinho. Alguns anos depois, porém, o leão estava ao computador. Aperta uma tecla aqui, outra ali, e teve a ideia de conversar, via Internet, com os leões do zoológico de Tóquio. Acontece que ele deu um comando errado e caiu numa rede de caçadores. Esses homens, virtuais, rudes, riram de satisfação e discutiram o que fazer com tão preciosa caça. Sem chegar a nenhuma conclusão, deixaram o leão na rede e foram conversar com seus companheiros. O leão lutou ainda muito tempo mas, mesmo assim, não conseguiu sair. Cansado, ficou cibertriste. Sabia que os caçadores iriam apagá-lo. Ou então levá-lo para um zoológico bem longe. Passado algum tempo, ouviu uma voz junto de seu ouvido. Era a voz do ratinho virtual.

— O que estás fazendo aí, nessa rede? — quis saber o ratinho, que passava por ali, procurando um leão preso em rede, a fim de cumprir sua promessa.

— Caí aqui por acaso e não consigo sair.

— Vou te livrar dessa armadilha.

Como um animal tão insignificante poderia ajudá-lo?

— Chama alguém maior e mais forte. Nem disco rígido tens. Nunca conseguirás me tirar daqui — rugiu o ciberleão, rei dos programas mais sofisticados do mundo e amigo pessoal do Bill Gates.

— Sou pequeno mas tenho os bits afiados — disse o ratinho. O ratinho roeu então algumas malhas da Internet e o leão pôde escapar. Quando os caçadores voltaram, a rede estava vazia.

(Sérgio Capparelli. **33 ciberpoemas e uma fábula virtual**. 6. ed. Porto Alegre: L&PM,1996.)

Sérgio Capparelli nasceu em 1947, na cidade de Uberlândia (MG), mas morou em diversos lugares como Goiânia, Curitiba, Porto Alegre, Paris, Munique, Grenoble, Londres, Montreal e Beijing. Várias de suas obras estão voltadas para o público infante-juvenil. Escreveu cerca de trinta livros dentre os quais destacamos *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* em 1996.

ATIVIDADES

1) Qual o tema das fábulas, isto é, de qual assunto as fábulas tratam?

2) Descreva como o rei é retratado nas Fábulas.

3) *O leão é conhecido como o rei dos animais, apesar de não termos rei no Brasil a quem poderíamos relacionar a imagem do leão? Por quê?*

4) A fábula de Capparelli, diferentemente das outras versões, não apresenta uma moral destacada, mas pela leitura é possível perceber a intenção do autor. Qual é a intenção do autor?

5) Na versão de Caparelli, qual é o tratamento dispensado ao rato? Que tipo de pessoas o rato simboliza?

6) Você notou que Caparelli utiliza várias expressões ou palavras que se referem à atualidade. Você é capaz de identificá-las? Copie alguns exemplos.

7) Quem escreveu fábula 01? Como era esse autor?

8) Porque o autor da fábula 01 foi considerado o maior fabulista do século VI?

9) A fábula 01 foi escrita na Grécia do século VI, como era essa época?

10) O que aconteceu ao autor da fábula 01 devido à sua sabedoria?

11) Assinale a resposta correta.

a) Para quem era direcionada a fábula 01?

- Somente aos reis VI a.C.
- Somente aos nobres no século VI a.C.
- Aos reis, nobres e cidadãos do VI a.C.

b) Na época em que a fábula 01 foi escrita, como as fábulas chegavam ao seu público alvo, ou seja, qual era o seu veículo de comunicação?

- Eram publicadas nos jornais.
- Eram contadas oralmente às pessoas.
- Eram publicadas na internet.

12) Quem escreveu a fábula 02? Quando e onde ela foi escrita?

13) Na época em que a fábula 02 foi produzida, o que acontecia às pessoas que denunciavam abertamente as injustiças?

14) Assinale a resposta correta

a- Para quem era direcionada a fábula 02?

- Aos intelectuais, filósofos, escritores e cidadãos (adultos e crianças) que transitavam pelos palácios.
- Aos intelectuais, filósofos, escritores e cidadãos (adultos e crianças) que não transitavam pelos palácios.

b- Na época em que a fábula 02 foi escrita, como as fábulas chegavam ao seu público alvo, ou seja, qual era o seu veículo de circulação?

- Eram publicadas nos jornais.
- Eram contadas oralmente às pessoas.
- Eram publicadas na internet.

15) Quem escreveu a fábula 03? Qual é a sua origem? Para quem ele escrevia?

16) A terceira fábula foi escrita entre 1920 e 1940. Como era essa época? Qual era a maior preocupação do autor?

17) O veículo de publicação da fábula 03 era

a carta

o livro

a internet.

18) A fábula 04 é uma versão mais atual da fábula *O leão e o rato*, quem é o seu escritor? Quando e onde ele nasceu?

19) Indique o público alvo da fábula 04.

o infantil

o adulto

a) Na fábula 01, como o leão estava e o que o rato fazia quando foi pego pelo leão?

b) Por que o rato escapou das garras do leão na fábula 01?

c) Como o rato foi capturado pelo leão na fábula 02?

d) Qual foi o comportamento do leão da fábula 02 ao capturar o rato? Por quê?

e) Você concorda com a moral da fábula 02 que paciência e persistência às vezes conseguem mais do que força e fúria? Por quê?

f) Qual foi a reação do ratinho da fábula 03 ao ficar preso entre as patas do leão?

g) O que o leão da fábula 03 fez para tentar se desprender da rede? Ele conseguiu escapar?

h) Qual foi o motivo alegado pelo leão para querer devorar o ratinho na fábula 04?

i) O diálogo entre o ratinho e o leão na fábula 04 foi fácil ou difícil? Por quê? O que o ratinho pensou?

j) O que levou o ratinho a encontrar o leão preso na fábula 04?

k) O que fez o rato para salvar o leão nas fábulas?

TRABALHANDO AS CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS DA FÁBULA

1 – PLANO GERAL DA FÁBULA

1) Releia as fábulas trabalhadas até aqui, observando como elas se organizam e marque a alternativa que contém os três elementos que compõem a sua estrutura.

- () título, narrativa (história) e moral.
 () saudação, narrativa (história) e despedida.
 () título, saudação e narrativa (história)

2) A seguir, apresentamos uma conhecida fábula de La Fontaine, contudo os três elementos que compõem a estrutura das fábulas estão fora de ordem. Para organizá-la, relacione os elementos às suas respectivas partes:

- | | |
|---------------|--|
| (A) Título | () Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:
___ Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?
E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu. |
| (B) Narrativa | () “Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.” |
| (C) Moral | () <i>A rã que queria ser do tamanho do touro</i> |

3) Dos provérbios abaixo, qual apresenta o sentido mais parecido com a moral apresentada pela fábula *A rã que queria ser do tamanho do touro* que aparece no exercício anterior ?

- () “Quem tudo quer, nada tem”.
 () “Antes tarde do que nunca”.
 () “A propaganda é a alma do negócio”.

2 – AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS DA FÁBULA

A fábula conta o que aconteceu em um espaço-tempo diferente ao momento em que a história está sendo contada. A fábula, então, é formada principalmente por uma sequência narrativa. A sequência narrativa apresenta as seguintes fases:

- Situação inicial - apresentação inicial de estado ou situação de equilíbrio;
- Fase de complicação - introduz uma perturbação e cria uma tensão;
- Fase de ações - reúne os acontecimentos gerados pela perturbação;
- Fase de resolução - introduz acontecimentos que reduzem a tensão;
- Fase de situação final - explicita o novo equilíbrio obtido pela resolução;
- Fase de moral - explicita o significado global atribuído à história.

1) Leia a fábula *A raposa e o bode* e encontre as fases da sequência narrativa para completar o quadro que a segue.

A raposa e o bode

A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência. Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como sair daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” – exclamou o bode. “Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia.”

A raposa saiu do poço e deixou seu camarada. Deu-lhe ainda um sermão, para que se conformasse. “Se Deus tivesse lhe dado mais miolos, você não entraria no poço sem pensar antes como poderia sair. Então, adeus! Eu já estou fora, agora, saia você como puder, porque tenho um compromisso e não posso me deter.”

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06)

A raposa e o bode

<i>A raposa e o bode</i>	
Situação inicial	
Complicação	

Ação	
Resolução	
Situação final	
Moral	

Além da fábula ser formada pela sequência narrativa, devido às personagens falarem, ou seja, por existir um diálogo entre as personagens, a sequência dialogal também é muito presente nesse gênero. Observe:

Quadro 01 - Fases da sequência narrativa da fábula *As duas mulas*

<i>Duas Mulas</i>	
Situação inicial	Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco. A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.
Complicação	Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas.
Ação	A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga
Resolução	– Por que isso foi acontecer comigo? – perguntou a mula, gemendo em agonia.
Situação final	– Se trabalhasse para um homem pobre e humilde como eu – respondeu a outra mula – nada disso teria acontecido.
Moral	Sofre maiores riscos quem assume maiores responsabilidades

Fonte: o pesquisador

Quadro 02 - Sequência dialogal da fábula *O lobo e o cordeiro*

<i>O lobo e o cordeiro</i>
<p>– O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?</p> <p>– Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim?</p> <p>– Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado!</p> <p>– Impossível, senhor, pois no ano passado eu ainda não havia nascido.</p> <p>– Ah, então foi seu irmão mais velho!</p> <p>– Ora, não tenho irmãos, senhor!</p> <p>– Pois seria algum dos seus, que me odeiam, os seus pastores e cachorros.</p> <p>O que eu sei é que tenho de me vingar!</p>

Fonte: o pesquisador

2) Leia a fábula abaixo com atenção e responda as próximas questões.

O corvo e a raposa

O corvo estava pousado em um galho baixo de uma frondosa árvore. No bico, trazia um queijo grande, cujo odor atraiu a esperta raposa. Ela ficou debaixo do galho e se pôs a elogiar o corvo.

– Bom dia, lindo corvo. Sei que você sabe cantar como nenhuma outra criatura desta floresta. Você é a glória destas paragens, com sua voz afável.

Diante de tamanha lisonja, mesmo sabendo que seu piar era medonho, o corvo ficou tomado pela vaidade e, querendo mostrar seus dotes canoros, afoitamente se pôs a cantar. O queijo escapou de seu bico direto para a boca da raposa, que lhe disse:

– Meu amigo, aprenda esta lição. É assim que vive o lisonjeiro, à custa de quem acredita nele. A paga pela lição é este queijo delicioso.

Foi-se embora a raposa, e o corvo, envergonhado, resmungou consigo:

– Velhaca! Como pude ser tão idiota e acreditar nela? Mas juro que algo assim nunca mais vai me acontecer.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.08)

a) A sequência narrativa da fábula, como já vimos, inicia-se pela apresentação de um estado ou situação de equilíbrio. Qual é o estado de equilíbrio da fábula *O corvo e a raposa*?

b) O estado de equilíbrio da narrativa é quebrado, isto é, uma perturbação é gerada e uma tensão é criada quando a raposa aparece na história. Que fato desperta a atenção da raposa e a atrai para a cena?

c) Após a fase de complicação, vem a fase das ações que reúne os acontecimentos originados pela perturbação. Para identificar as ações realizadas, responda as questões a seguir.

- O que a raposa faz para tentar pegar o queijo do corvo?

- Por que o corvo, “mesmo sabendo que seu piar era medonho”, começou a cantar?

- O que acontece na sequência?
-

d) Na fase de resolução, a raposa consegue seu objetivo e dá uma lição de moral no corvo. O que a raposa disse ao corvo?

f) Na fase de situação final, o corvo envergonhado deixa claro que ele aprendeu a lição. Copie a fala do corvo que confirma essa afirmação?

g) Qual dos provérbios abaixo poderia ser utilizado como a moral dessa fábula?

- () Quando a esmola é demais o santo desconfia.
- () Quem tudo quer nada tem.
- () Devagar se vai ao longe.

3) Abaixo aparecem os fatos da fábula *O corvo e a raposa* resumidos e seguidos da fase da sequência narrativa a que pertencem, mas estão desordenados. Enumere de acordo com a ordem que acontecem no texto e o seu conhecimento sobre a sequência narrativa.

() O odor do queijo atraiu a esperta raposa que ficou debaixo do galho e começou a elogiar o corvo. (*Fase de complicação*)

() o corvo ficou envergonhado e jurou que aquilo nunca mais aconteceria com ele. (*Fase de situação final*)

() A raposa disse que aquilo era uma lição para o corvo e que o queijo era seu pagamento e foi embora. (*Fase de resolução*)

() O corvo estava pousado em um galho baixo da árvore com um queijo grande no bico. (*Situação inicial*)

() A raposa elogiou o corvo, dizendo que ele sabia cantar como nenhuma outra criatura da floresta, mesmo sabendo que seu canto era medonho, o corvo envaideceu-se e pôs a cantar. O queijo escapou do bico do corvo, caiu na boca da raposa. (*Fase de ações*)

OS MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO E OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS DA FÁBULA

1 – COESÃO VERBAL

ATIVIDADES

Leia o próximo texto para realizar os exercícios 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

O leão e o mosquito



“Desapareça daqui, bicho ruim, volta para o pântano de onde veio!” Assim disse o leão ao mosquito que lhe declarou uma guerra sem tréguas: “Pensa que por ser o rei dos animais me intimida? O touro é mais corpulento do que você e eu o sujeito aos meus caprichos!” E voltou a atacar o leão, voando desafiadoramente em volta da cabeçorra. Seu zunido fez o leão se desesperar; em seguida, recuou e quando o leão sossegou, voltou ao ataque. A fera rugiu, a boca espumou, os olhos brilharam de ódio. Todos fugiram de medo da ira do rei, menos o inseto diminuto que riu do seu desespero e lhe picou as narinas e as orelhas várias vezes.

O leão, querendo pegar o mosquito de todas as maneiras, se debateu, golpeou seguidamente seus próprios flancos, até cair prostrado de cansaço.

Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas.

Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

1) As principais ações da fábula acontecem no momento em que o narrador conta a história ou em um tempo anterior à fala do narrador ?

2) Assinale a alternativa que indica o tempo das formas verbais que aparecem no diálogo entre o leão e o mosquito.

() Presente. () Pretérito. () Futuro.

3) O uso do pretérito na fábula acima indica para o leitor que

() a batalha entre o leão e o mosquito acontece no momento em que o narrador conta a história.

() o leão e o mosquito batalharam em um momento anterior ao que o narrador conta a história.

() o leão e o mosquito vão batalhar depois que o narrador contar a história.

4) Verificamos que a fábula apresenta mais formas verbais do pretérito (perfeito e imperfeito) do que formas verbais do presente. Por que ocorre essa predominância das formas do pretérito na fábula?

5) O mosquito se refere a outro animal dizendo: “O touro é mais corpulento do que você e eu o sujeito aos meus caprichos!” Imagine que o fato mencionado pelo mosquito tivesse acontecido quando ele ainda era um filhote, isto é, no passado. Como ficaria essa frase?

6) A seguir apresentamos alguns trechos de fábulas sem algumas formas verbais. Complete os trechos com as formas adequadas dos verbos entre parênteses de acordo com o contexto. Lembre-se que para o trecho em que o narrador conta a história utilizamos o pretérito e quando as personagens falam devemos utilizar o presente.

a) *Os dois touros e as rãs*

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. “O que _____? ” (ter), _____-lhe (perguntar) uma companheira. “Não _____ (compreender) no que esta contenda vai resultar? [...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.11)

b) *O corvo e a raposa*

O corvo estava pousado em um galho baixo de uma frondosa árvore. No bico, trazia um queijo grande, cujo odor _____ (atrair) a esperta raposa. Ela _____ (ficar) debaixo do galho e se pôs a elogiar o corvo.

– Bom dia, lindo corvo. Sei que você _____ (sabe) cantar como nenhuma outra criatura desta floresta. Você _____ (ser) a glória destas paragens, com sua voz afável.

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.08)

2 – As VOZES PRESENTES NA FÁBULA

Os fatos são contados por um narrador-observador que se utiliza da terceira pessoa do singular para introduzir as ações e a voz das personagens, como na passagem da fábula *A rã que queria ser do tamanho do touro*. Veja:

A rã que queria ser do tamanho do touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

– Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I.

Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.09)

A seguir, destacamos as vozes das personagens lobo e cordeiro que dialogam em um fragmento da fábula *O lobo e o cordeiro*:

O lobo e o cordeiro

Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

– O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?
 – Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim?

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.24)

A voz do autor pode ser percebida mais explicitamente na moral. Vejamos a moral da fábula *O leão e o mosquito*:

[...]

Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

ATIVIDADES

1) Assinale a alternativa correta.

a) A fábula apresenta três vozes enunciativas, ou seja, três vozes que se manifestam em seu interior. Quais são elas?

() narrador, personagens e compositor.

() personagens, cantor e autor.

() narrador, personagens e autor.

b) Na fábula, quem conta a história é um...

() autor de fábulas. () narrador-observador. () personagem principal.

c) O narrador-observador não participa diretamente das ações, ele apenas conta os fatos e introduz as ações e a voz das personagens, utilizando-se da terceira pessoa do singular. Qual fragmento textual abaixo apresenta um narrador em terceira pessoa do singular?

() Um dia, eu vi uma mulher escorregando na casca de banana perto de minha casa, eu corri e a ajudei a se levantar.

() Um dia, uma mulher escorregou na casca de banana perto da casa dela e um homem ajudou-a a se levantar.

() Um dia, vi uma mulher escorregando na casca de banana perto da casa dela , corri e a levantei.

3 – DISCURSO DIRETO E DISCURSO INDIRETO

O discurso direto é uma reprodução ou tentativa de reproduzir fielmente e textualmente a fala das personagens com a ajuda de expressões como: disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc. Estas expressões são geralmente marcadas por dois pontos, a fim de anunciar a passagem da palavra de uma pessoa (personagem, narrador) a outra pessoa. E, para marcar o início da fala de um novo personagem, é utilizado o travessão. Exemplo:

a) Discurso direto com troca de interlocutores marcada pelo travessão na fábula *A andorinha e os outros passarinhos*:

[...]

– Não me agrada o que vejo. E meu receio é por vocês, não por mim que posso ir viver em qualquer lugar, ao longe e a salvo dos perigos. Estão vendo aquelas mãos ágeis? Pois o que elas espalham trará a desgraça para vocês....

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

b) Discurso direto com troca de interlocutores marcada pelas aspas na fábula *Os dois touros e as rãs*:

Os dois touros e as rãs

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. “O que tem?”, perguntou-lhe uma companheira. “Não compreende no que esta contenda vai resultar? Um vencerá e o perdedor baterá em fuga, renunciando àquela viçosa pradaria. E sem poder desfrutar de seus pastos, o perdedor virá se alimentar com o mato verde da nossa região e poderá nos pisar debaixo d’água. Seremos nós as vítimas desse combate provocado pela dona novilha”.

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.11)

Também há a presença do discurso indireto nas fábulas, quando o narrador é quem fala pela personagem. Vejamos o discurso indireto na fábula *O leão e o mosquito*:

[...]
 Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas.

[...]
 (Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

ATIVIDADES

1) Leia o texto.

A rã que queria ser do tamanho do touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

___ Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.09)

Agora, complete o trecho da fábula que está faltando, reescrevendo-o no discurso indireto.

A rã que queria ser do tamanho do touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs, suas irmãs, se

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.

2) Reescreva fragmento abaixo da fábula *O leão e o mosquito*, transformando o trecho destacado em discurso direto:

[...]

"Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante proclamando vitória. **Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais**, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de suas proezas."

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.18)

3) Identifique e circule o verbo que introduz o discurso direto na fábula que segue:

Os dois touros e as rãs

Dois touros altivos lutavam pelo amor de uma novilha. Uma rã, num atoleiro perto dali, gemia e soluçava. "O que tem?", perguntou-lhe uma companheira. "Não compreende no que esta contenda vai resultar? Um vencerá e o perdedor baterá em fuga, renunciando àquela viçosa pradaria. E sem poder desfrutar de seus pastos, o perdedor virá se alimentar com o mato verde da nossa região e poderá nos pisar debaixo d'água. Seremos nós as vítimas desse combate provocado pela dona novilha."

E seu temor tinha fundamento, um dos touros correu se refugiar nos juncais e num segundo esmagou mais de vinte rãs.

Ah, é sempre assim... quando os maiores brigam os menores levam a pior.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.11)

4) Na fábula do exercício anterior, qual foi o sinal de pontuação utilizado para indicar as falas das personagens?

5) Leia a fábula a seguir.

O lobo e o cordeiro

Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

– O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?

– Como eu poderia turvar sua água, senhor, se ela está correndo do senhor para mim?

O feroz animal mudou o discurso:

– Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado!

– Impossível, senhor, pois no ano passado eu ainda não havia nascido.

– Ah, então foi seu irmão mais velho!

– Ora, não tenho irmãos, senhor!

– Pois seria algum dos seus, que me odeiam, os seus pastores e cachorros. O que eu sei é que tenho de me vingar!

Disto isto, o lobo saltou sobre o cordeirinho, levou-o para o fundo do bosque o comeu.

A razão do mais forte é sempre a que prevalece.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.24)

a) Na fábula acima, quais foram os sinais de pontuação utilizados para indicar o fim da fala do narrador e o começo das falas das personagens?

b) O trecho abaixo é um exemplo da ocorrência do discurso direto, leia com atenção:

**"O feroz animal mudou o discurso:
– Pois eu soube que você falou mal de mim no ano passado!"**

Agora marque a opção que melhor reproduz o trecho acima em discurso indireto.

- () O feroz animal mudou o discurso, pois disse que sabia o que ele falou dele no ano passado.
- () O feroz animal mudou o discurso, pois sabia que ele falou de mim no ano passado.
- () O feroz animal mudou o discurso, pois disse que soube de mim o que ele falou no ano passado.

6) Identifique o tipo de discurso utilizado no enunciado abaixo como direto ou indireto:

"Um cordeirinho estava tomando água em um regato quando um lobo surgiu. O lobo reclamou:

– O que está fazendo? Não está vendo que está turvando a minha água?"

4 – ARTIGO DEFINIDO E ARTIGO INDEFINIDO

Na fábula, utilizamos os artigos para determinar ou indeterminar os elementos da história. Para introduzirmos um elemento ao texto ou nos referirmos a elementos não especificados, utilizamos o artigo indefinido (um, uma, uns, umas), enquanto que, para nos reportarmos a elementos já mencionados no texto ou específicos de

um grupo, recorreremos aos artigos definidos (o, a, os, as). Na fábula *O lobo e o cordeiro*, podemos observar esse fenômeno:

O lobo e o cordeiro

Um cordeirinho estava tomando água em **um** regato quando **um** lobo surgiu. **O** lobo reclamou...

[...]

O feroz animal mudou o discurso...

Dito isto, **o** lobo saltou sobre **o** cordeirinho.

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.24)

ATIVIDADES

1) Leia a fábula *A rã que queria ser do tamanho de um touro* e preste atenção no emprego dos artigos definidos e indefinidos para realizar os próximos exercícios.

A rã que queria ser do tamanho de um touro

Havia uma rã de tamanho normal, igual ao de todas as rãs. Certa vez, avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar. A cada esforço, a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs:

__ Irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?

E a cada negativa a rã inchava mais. Tanto que, de repente, explodiu.

Este mundo está repleto de pessoas que não aceitam como são. Sempre querem parecer maiores, mesmo as mais medíocres.

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.09)

a) Observe a frase: “Havia **uma rã** de tamanho normal, igual ao de todas as rãs”. O artigo indefinido **uma** foi empregado antes do substantivo rã para...

- () demonstrar que era uma rã específica de um grupo.
- () remeter a uma rã que já havia sido mencionado anteriormente.
- () introduzir a rã ao texto.

b) A que elemento se refere o artigo indefinido **um** na 1ª linha da fábula?

- () tamanho
- () normal
- () touro
- () esforço

c) Na frase: “Certa vez, avistou **um** touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar”. Por que foi utilizado o artigo indefinido **um**?

d) Na frase: “A cada esforço, **a** rã ficava mais e mais inflada...”. Por que foi empregado o artigo definido **a** em vez do artigo indefinido **uma**?

5 – SUBSTANTIVO

O emprego dos substantivos tem papel central na formação das expressões nominais referenciais, pois tem a função de expressar um tópico novo introduzido ao texto, realizar derivações referenciais e estruturar a informação do texto. Na fábula, há a predominância de substantivos concretos que designa ser de existência independente. Observe no excerto retirado da fábula *A raposa e bode* de La Fontaine: “A **raposa** seguia acompanhada de um **bode**, seu amigo, belos **chifres** longos e retorcidos, porém de curta **inteligência**.”

ATIVIDADES

1) Releia com atenção a fábula *A rã que queria ser do tamanho de um touro* que está na subseção anterior para realizar os próximos exercícios.

a) Em nossa língua há palavras que são responsáveis por dar nome aos seres, aos objetos, aos sentimentos, às emoções, aos estados, etc. Essas palavras são chamadas de substantivos. As palavras abaixo foram retiradas da fábula *A rã que queria ser do tamanho de um touro*, assinale aquelas que são substantivos (nomes).

- | | | |
|--------------------------------|--------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> rã | <input type="checkbox"/> essas | <input type="checkbox"/> irmãs |
| <input type="checkbox"/> havia | <input type="checkbox"/> uma | <input type="checkbox"/> já |
| <input type="checkbox"/> touro | <input type="checkbox"/> estou | <input type="checkbox"/> pessoas |
| | <input type="checkbox"/> de | |

b) O primeiro parágrafo é construído a partir de um substantivo que é o elemento central na formação das expressões referenciais, ou seja, as informações do parágrafo estão diretamente relacionadas a esse substantivo. Qual é o substantivo central na construção do primeiro parágrafo?

c) Observe o trecho a seguir:

“Certa vez, (a rã) avistou um touro e ficando invejosa do tamanho dele, se pôs a inchar.”

A expressão destacada no trecho acima se refere a qual substantivo abaixo?

() rã () touro () pessoas () esforço

d) No terceiro parágrafo, qual é o substantivo que retoma o tópico central do primeiro parágrafo?

e) A frase “...a rã ficava mais e mais inflada e perguntava às outras rãs” introduz um novo tópico à fábula. Qual substantivo da frase expressa esse novo tópico?

f) O substantivo **irmãs** que aparece na frase “irmãs, já estou do mesmo tamanho deles?” tem a função de...

() introduzir um tópico novo ao texto.

() retomar o tópico central (rãs) mencionado no parágrafo anterior.

6 – A CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS

Você já percebeu que, nas fábulas, as personagens escolhidas são animais que representam os costumes, os pensamentos e os comportamentos dos seres humanos. A comparação entre homens e animais sempre aconteceu, isto é, esteve sempre presente na nossa cultura.

Ao longo do tempo, vários animais foram sendo identificados de acordo com as características comparadas às atitudes humanas, por isso é comum você ouvir

expressões assim: “trabalhador como uma formiga”, ou “fiel como um cachorro”, e assim por diante. Como podemos observar, as características de comparação entre animais e homens são bem conhecidas.

As personagens das fábulas não precisam de muita descrição, assim o gênero apresenta baixa ocorrência direta de adjetivos, pois a caracterização das personagens se constrói pela relação de sentidos atribuídos ao perfil de cada animal, em outras palavras a emissão de juízo fica a cargo do leitor por meio da associação das características atribuídas aos animais-personagens, que são escolhidos devido a algumas características que servem para a comparação com as atitudes humanas. Observe o fragmento da fábula A raposa e o bode:

A raposa e o bode

[...]

Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como sair daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro – primeiro subirei por suas costas, treparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” – exclamou o bode. “Parabéns!” A mim jamais me ocorreria tão feliz ideia.

[...]

(Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p. 06)

Nesse trecho podemos verificar que, apesar de não aparecer adjetivos diretamente relacionados à raposa, o autor desenvolve o diálogo de modo que o leitor construa a imagem de uma raposa astuta, esperta e inteligente.

Observe a lista abaixo, ela traz alguns animais e as características geralmente relacionadas a eles e que auxiliam no entendimento das fábulas:

- Raposa; astuta, esperta e inteligente;
- Leão: forte, poderoso;
- Lobo: mau, feroz;
- Cordeiro: ingênuo, inocente, frágil;
- Cobra: ardilosa, perigosa;
- Formiga: trabalhadeira, organizada;
- Tartaruga: vagarosa, lenta;
- Corvo: feio, agourento.

ATIVIDADES

1) Escreva V para verdadeiro e F para falso de acordo com o reino animal:

- () A raposa fala. () O bode se alimenta com capim. () O bode pensa.
 () A raposa caça () O bode elogia os animais. () A raposa vive no mato.

2) Das ações realizadas pela raposa e o bode no exercício acima, quais são próprias do homem?

3) Assinale as características que cada animal representa nas fábulas:

- | | | | |
|---------------|---------------------|---------------------|-------------------------|
| a) - Gato | () fiel, amigo | () vagaroso, lento | () sorrateiro, caçador |
| b) - Rato | () inferior, fraco | () forte, poderoso | () ingênuo, inocente |
| c) - lebre | () vagarosa, lenta | () feia, agourenta | () rápida, veloz |
| d) - Corvo | () estúpido, bobo | () feio, agourento | () forte, poderoso |
| e) - Leão | () estúpido, bobo | () vagaroso, lento | () forte, poderoso |
| f) -Tartaruga | () má, feroz | () forte, poderoso | () vagarosa, lenta |
| g) - Lobo | () mal, feroz | () estúpido, bobo | () ingênuo, inocente |
| h) - Burro | () rápido, veloz | () fiel, amigo | () estúpido, bobo |
| i) - Cordeiro | () vagaroso, lento | () forte, poderoso | () ingênuo, inocente |
| j) - Cão | () fiel, amigo | () vagaroso, lento | () forte, poderoso |

4) Conecte a figura à sua característica correspondente.



– Raposa astuta, esperta e inteligente



– Formiga trabalhadeira, organizada



– Pavão vaidoso, altivo



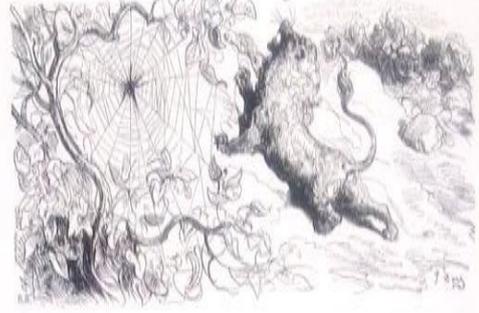
– Cobra ardilosa, perigosa

7 – ELEMENTOS PARATEXTUAIS E SUPRATEXTUAIS

Um texto raramente é apresentado isoladamente, sempre vem acompanhado de certos elementos verbais ou não-verbais, chamados elementos paratextuais (quadros, imagens, cores) e supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados), os quais potencializam o seu consumo.

As fábulas analisadas são todas ilustradas com gravuras de Gustave Doré, e são gravuras clássicas que se referem a algum acontecimento da história contada, auxiliando na composição do plano visual da narrativa e aparecem posicionadas próximas ao título, geralmente antecedendo-o.

A seguir, observe dois exemplos de gravuras na composição do plano visual da fábula:

 <p style="text-align: center;"><i>Fábula I</i></p> <h3 style="text-align: center;">A RAPOSA E O BODE</h3> <p>A raposa seguia acompanhada de um bode, seu amigo, de belos chifres longos e retorcidos, porém de curta inteligência. Ficaram com sede e isso os obrigou a descer um poço, onde beberam à vontade. Satisfeitos ambos, disse a raposa ao bode: “E agora, compadre? Beber não foi difícil, a dificuldade será como daqui. Levante suas patas e também seus chifres; apoie-se contra o muro — primeiro subirei por suas costas, preparei depois sobre os chifres e, desta maneira, chegarei à boca do poço. Uma vez lá em cima, eu o puxarei.” “Por minhas barbas!” — exclamou o bode. “Parabéns! A mim jamais me ocorreria tão feliz idéia.”</p> <p>A raposa saiu do poço e deixou seu camarada. Deu-lhe ainda um sermão, para que se conformasse. “Se Deus tivesse lhe dado mais miolos, você não entraria no poço sem pensar antes como poderia sair. Então, adeus! Eu já estou fora, agora, saia você como puder, porque tenho um compromisso e não posso me deter.”</p> <p style="text-align: center;">❖</p> <p>Em todas as coisas, tem de se pensar mais em como sair do que em como entrar.</p>	 <p style="text-align: center;"><i>Fábula IX</i></p> <h3 style="text-align: center;">O LEÃO E O MOSQUITO</h3> <p>“Desapareça daqui, bicho ruim, volta para o pantano de onde veio!” Assim disse o leão ao mosquito que lhe declarou uma guerra sem tréguas: “Pensa que por ser o rei dos animais me intimida? O touro é mais corpulento do que você e eu o sujeito aos meus caprichos!” E voltou a atacar o leão, voando desafiadoramente em volta da cabeceira. Seu zunido fez o leão se desesperar; em seguida, recuou e quando o leão sossegou, voltou ao ataque. A fera rugiu, a boca espumou, os olhos brilharam de ódio. Todos fugiram de medo da ira do rei, menos o inseto diminuto que riu do seu desespero e lhe picou as narinas e as orelhas várias vezes.</p> <p>O leão, querendo pegar o mosquito de todas as maneiras, se debateu, golpeou seguidamente seus próprios flancos, até cair prostrado de cansaço.</p> <p>Foi então que o mosquito abandonou a peleja, triunfante, proclamando vitória. Correu anunciar em todas as partes o acontecido, que ele havia derrotado o rei dos animais, mas no caminho esbarrou numa teia de aranha e foi este o fim de sua proeza.</p> <p style="text-align: center;">❖</p> <p>Esta fábula nos diz que os inimigos mais terríveis podem ser os menores; e que depois de vencer os maiores perigos, às vezes sucumbimos diante do menor dos obstáculos.</p>
---	--

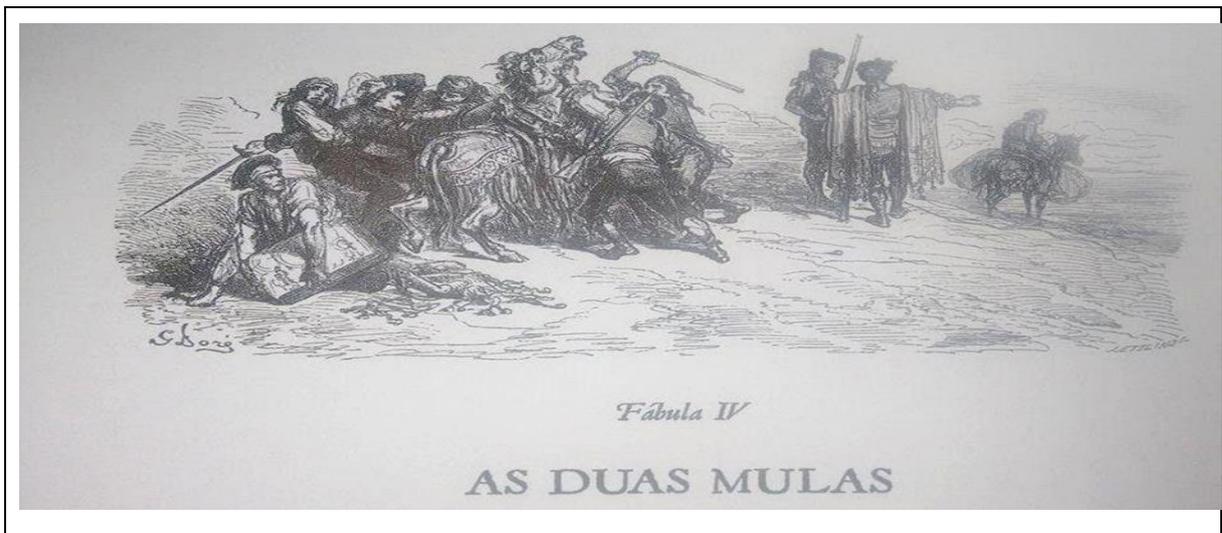
Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal – Volumes II e III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010.

ATIVIDADES

1) Dos elementos não-verbais que compõem a fábula, o que mais a acompanha e potencializa o seu consumo é

() a foto. () a cor. () a ilustração.

2) Observe atentamente a ilustração abaixo.



Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal – Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.10.

Agora, marque a passagem da fábula que está sendo retratada nessa gravura:

() Duas mulas seguiam lado a lado. Uma delas carregava um fardo de aveia, a outra levava um carregamento de prata; aquela trabalhava para o dono de um moinho e esta para o fisco.

() A mula que carregava prata andava altiva, orgulhosa da rica carga que levava.

() Eis, porém, que um bando de ladrões caiu sobre as mulas. A que levava aveia foi ignorada, pois sua carga pouco valia. Já a outra foi seriamente ferida pelos ladrões na pressa de lhe arrancarem a carga.

3) Para que serve a ilustração ou a gravura nas fábulas?

() Auxiliar na composição do plano visual da narrativa.

() Para enfeitar a fábula sem estabelecer nenhuma relação com a narrativa.

4) Descreva o que acontece na gravura que segue.



Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal – Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06.

5) Relacione o título da fábula à gravura correspondente.

(a) *Os dois touros e as rãs*

(b) *O leão e o rato*

(c) *O lobo e o cordeiro*



Fonte: Jean de La Fontaine. **Fábulas de La Fontaine:** obra-prima da literatura universal – Volume I e II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010, p.06.

PRODUÇÃO FINAL

Nesse segundo momento, você lerá silenciosamente o texto que você produziu anteriormente para retomá-lo e em seguida, sob a orientação do professor, você deverá marcar um X nos itens do quadro abaixo, identificando o que é preciso melhorar e o que já está adequado.

ROTEIRO DE AUTOAVALIAÇÃO

CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS	ESTÁ BOM	TEM QUE MELHORAR
Propõe a reflexão e a discussão de valores morais e éticos com o intuito de transmitir um ensinamento.		
As personagens são típicas do gênero, ou seja, animais que agem racionalmente como os seres humanos.		
O texto está adequado ao público alvo, à esfera de circulação e ao veículo de circulação.		
CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS	ESTÁ BOM	TEM QUE MELHORAR
O plano textual do texto está de acordo com o gênero: título (formado pelos nomes das personagens); o texto propriamente dito e a moral.		
Organiza-se principalmente em uma sequência narrativa (situação de equilíbrio; complicação; ações; resolução; situação final e moral).		
Apresenta a sequência dialogal nas falas das personagens: abertura (primeiro contato); fase/s transacionais com a/s qual/is (o conteúdo temático vai se co-construindo) e encerramento.		
CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	ESTÁ BOM	TEM QUE MELHORAR
Conta acontecimentos anteriores ao momento da fala. Apresenta a organização temporal e processos de estado, acontecimentos ou ações construídas predominantemente pelos pretéritos perfeito e imperfeito.		
Podemos encontrar nas fábulas as vozes do narrador-observador que conta os fatos, das personagens que interagem entre si pela construção de um diálogo e do autor na moral (resumo da intenção do fabulista).		

Emprega o discurso direto e/ou indireto com ajuda de verbos dicendi (disse, respondeu, perguntou, afirmou, etc.), seguidos de dois pontos e travessão para marcar a troca dos turnos da fala.		
Emprega adequadamente os artigos na fábula para determinar ou indeterminar os elementos da história.		
Os substantivos concretos são utilizados para introduzir um novo tópico, retomar tópicos anteriores e estruturar a informação do texto.		
A caracterização das personagens é realizada pelas atitudes humanas atribuídas aos animais (pouca adjetivação).		
O texto apresenta uma narrativa simples e breve marcada principalmente por frases e períodos curtos e objetivos, demarcados por vírgula, ponto-final e conjunção aditiva (e, mas, nem, etc.).		

Agora que você e seu professor já corrigiram o texto, chegou a hora de escrever a versão final da fábula. Você deverá passar essa versão a limpo em uma folha do caderno, pois terá que destacá-la para entregá-la ao professor.

Se quiser pode dar uma de Gustave Doré, grande ilustrador das Fábulas de La Fontaine, e ilustrar o seu texto com a reprodução de uma cena de sua fábula.

Capriche, lembre-se que seu texto e de seus colegas serão expostos para a comunidade escolar em varais literários ou murais nas dependências da escola para que todos possam ler e, após a exposição, as fábulas serão reunidas formando um pequeno livro que ficará disponível para leitura e consulta na biblioteca da escola.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. 2ª ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 2012.

CAPARELLI, Sérgio. **33 ciberpoemas e uma fábula virtual**. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. **La Fontaine no Brasil: história, descrição e análise paratextual de suas traduções**. 2015. 166p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAGAS, Pinheiro. **Fábulas escolhidas**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

_____; _____. NOVERRAZ, Michèle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-147.

FERNANDES, Mônica Teresinha Ottoboni Sucar. **Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: fábula**. São Paulo: FTD, 2001.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

JEAN DE LA FONTAINE. In **Britannica Escola Online**. Enciclopédia escolar britannica, 2016. Web, 2016. Disponível em:

<http://escola.britannica.com.br/article/483330/Jean-de-La-Fontaine>>. Acesso em: 14 de julho de 2016.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume I. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010.

_____. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume II. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010a.

_____. **Fábulas de La Fontaine**: obra-prima da literatura universal - Volume III. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo, Editora Escala, 2010b.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. 50ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra-FÁBULA>>. Acesso em 13/03/2017.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica** – Língua Portuguesa – Departamento de Educação Básica. Curitiba, SEED, 2008.

Vídeo. **Versão Infantil da fábula “O leão e o ratinho”**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=36Bd_GpCRKs>. Acesso em 13/03/2017.